

VÍVIAN DE FARIA CAIXETA MONTEIRO

**OS JOVENS DO ASSENTAMENTO POÇÕES EM RIALMA-GO E
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA OS SEUS PROJETOS DE
VIDA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2008**

Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

M775j
2008

Monteiro, Vívian de Faria Caixeta, 1968-
Os jovens do Assentamento Poções em Rialma-GO e o
campo de possibilidades para os seus projetos de vida /
Vívian de Faria Caixeta Monteiro. – Viçosa, MG, 2008.
xvii, 122f.: il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 111-115.

1. Juventude rural - Rialma (GO). 2. Juventude rural -
Condições sociais. 3. Assentamentos humanos.
4. Desenvolvimento rural. I. Universidade Federal de
Viçosa. II. Título.

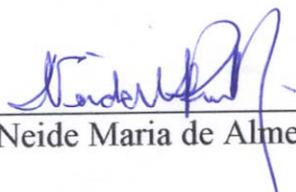
CDD 22.ed. 305.23098173

VÍVIAN DE FARIA CAIXETA MONTEIRO

**OS JOVENS DO ASSENTAMENTO POÇÕES EM RIALMA-GO E
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA OS SEUS PROJETOS DE
VIDA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

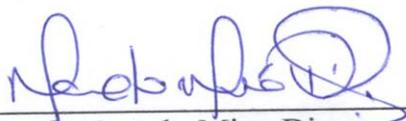
APROVADA: 02 de junho de 2008.



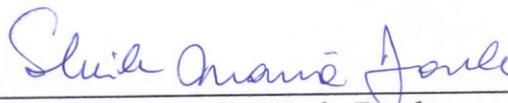
Profª Neide Maria de Almeida Pinto



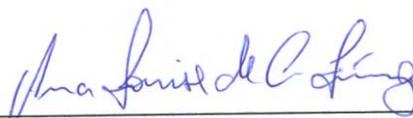
Profª Nora Beatriz Presno Amodeo



Prof. Marcelo Mina Dias
(Co-orientador)



Profª Sheila Maria Doula
(Co-orientadora)



Profª Ana Louise de Carvalho Fíúza
(Orientadora)

*Com amor, gratidão e carinho,
ao meu amado esposo Elias de Pádua Monteiro
e a minha querida filha Vivianne Caixeta Monteiro
que foram luzes em meu caminho
e guias nas mais difíceis trilhas desta dissertação de mestrado.*

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, concluo e sem me hesitar que as páginas mais importantes, valiosas e marcantes desta dissertação de mestrado foram estas em que tento reproduzir com a maior fidelidade possível, como num filme de longa-metragem, o nome de todas as pessoas, sem as quais seria quase impossível a concretização deste trabalho. Pessoas essas que estiveram presentes no decorrer desses dois anos de trabalho por meio do apoio, do suporte emocional, das palavras de incentivo, das informações e orientações.

Obviamente, ao longo de todos os capítulos, estão os resultados de uma importante etapa da minha vida e que não deixam de ser tesouros valiosos. Mas é possível que um dia eu não me recorde tão claramente de tudo que escrevi, das idéias que defendi, dos detalhes da pesquisa que realizei. Entretanto as pessoas a quem agradeço nestas linhas certamente serão lembradas nitidamente durante toda a minha vida. Se porventura esquecer de alguém pelo meio do caminho, ainda que esteja ausente deste registro, certamente está guardado no meu coração. Assim pedindo compreensão para as possíveis omissões, agradeço:

Em primeiro lugar, a Deus, nosso Pai maior, Inteligência Suprema, Soberano sobre os céus e a terra, dono de nossas vidas. Agradeço pelo seu infinito amor e misericórdia por ter me dado força, coragem, perseverança em concluir mais esta etapa de minha vida e ainda por ter concedido Seu amparo nos dias de preocupação, alegria e tristeza.

De maneira muito especial, ao meu querido esposo, homem usado por Deus, que desde o início de nossa história vem abrilhantando minha vida com seu cuidado, proteção, paciência, carinho, compreensão e, sobretudo, presente em todos os momentos da minha vida, demonstrando um amor incondicional. Obrigada por me incentivar, por acreditar em mim e por me ajudar a realizar meus projetos de vida, principalmente por participar de forma significativa na construção desta dissertação de mestrado. Obrigada por compartilhar o seu tempo entre seus diversos compromissos, a escrever, pensar, corrigir junto comigo este trabalho, dedico a você o carinho e amor insuficiente. Eu amo você e sempre amarei, pelo seu companheirismo, pela sua dedicação, pela sua sinceridade, pela sua beleza e seu amor e o mais importante, por ser meu esposo o qual o admiro e sinto-me orgulhosa de ser sua esposa.

A minha filhinha do coração, presente de Deus, Vivianne Caixeta Monteiro, amiga, companheira inseparável em todos os momentos e para o que der e vier. Obrigada por estar ao meu lado todos esses anos e me dando forças para chegar cada vez mais longe.

Ao meu querido enteado Paulo Phelipe Barbosa pelo incentivo e carinho demonstrados.

A meus pais, Otávio Alves Caixeta e Fleurilene de Faria Caixeta (in memoriam), pelo incentivo constante nas pequenas e grandes realizações da minha vida. Obrigada pelos seus conselhos, carinhos, broncas, beijos, pelas noites sem dormir e por tantas renúncias para que eu pudesse sonhar. Vocês não me deram tudo o que eu queria, mas me deram tudo o que tinham.

Aos meus amados irmãos, pelo carinho, amor e atenção que sempre tiveram comigo e que mesmo de longe, torceram e acompanharam minha trajetória.

A minha querida madrastra, presente de Deus, que em um curto período da minha vida, ocupou o papel de mãe, estando presente, me dando incentivo, apoio para que eu concretizasse mais esse projeto de minha vida.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em extensão rural, em especial a Professora Ana Louise de Carvalho Fiúza, minha orientadora, Marcelo Miná Dias e Sheila Maria Doula, meus conselheiros, pela dedicação, amor, sabedoria, criatividade, perspicácia, paciência, dentro e fora da sala de aula, ajudando-me a concretizar meus estudos. Vocês são mestres da vida!

A todos os funcionários do Programa de Pós-graduação em extensão rural que sempre me atenderam com muita atenção e nunca deixaram de orientar nas questões administrativas e burocráticas.

Aos meus colegas de mestrado, agradeço no nome da minha colega e amiga Ana Paula A.S. Abou Lteif, por terem participado deste momento, dividindo opiniões, experiências e compartilhando idéias que contribuíram na construção desta dissertação.

Sinto uma enorme gratidão pela generosidade, atenção e carinho que fui acolhida por toda comunidade do Assentamento Poções a qual me apoiou e ofereceu informações preciosas a respeito do tema. Algumas amizades foram construídas a partir do convívio realizado no trabalho de campo. Entre estas pessoas destaco a Cláudia Batista, que foi minha informante principal que esteve presente durante todo o trabalho de campo.

Aos jovens do Assentamento Poções, verdadeiros protagonistas deste trabalho, não poderia deixar de mencionar, o acolhimento caloroso recebido por todos esses da amostra no decorrer de todo o trabalho de campo.

Jamais poderia deixar de agradecer as valiosas amizades que serviram de suporte emocional e incentivo nos momentos difíceis durante o período de mestrado como a Narayna, Shirlene, Dorinha e João, ficarão gravados pra sempre no meu coração.

A cada um de vocês, os meus mais sinceros e profundos agradecimentos, na forma de um abraço, um sorriso e uma oração. A cada um de vocês o meu coração!

*Para concretizar um sonho,
não basta apenas imaginá-lo.
É preciso acreditar e lutar por ele.*
Vívian de Faria Caixeta Monteiro

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	xi
LISTA DE TABELAS.....	xiv
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xv
RESUMO.....	xvi
ABSTRACT.....	xviii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Estruturação do Trabalho.....	6
1.2 Aspectos Metodológicos.....	8
1.2.1 Identificação e Delimitação da Área de Estudo.....	8
1.2.2 Descrição da Pesquisa.....	9
1.2.3 Definição da Amostragem e Coleta de Dados	15
2. MARCO TEÓRICO	20
2.1 Juventude	20
2.2 Juventude Rural	22
2.3 A Identidade do Jovem Assentado em Xeque	24
2.4 Campo de Possibilidade e Projeto de Vida.....	27
2.5 Sucessão.....	30
3. DESCRIÇÃO DO LUGAR	33
3.1 Caracterização do Município de Rialma-GO.....	33
3.2 Caracterização do Assentamento Poções.....	40
3.3 Cultura e Sociabilidade das Famílias do Assentamento Poções.....	47
3.4 Compreendendo o Campo de Possibilidades com que Contam os Jovens Assentados do Poções.....	51
3.4.1 Assessoramento e Crédito.....	51
3.4.1.1 O Assessoramento prestado pela Associação Hospital São Pio X	54
3.4.2 Infra-estrutura do Assentamento Poções	55

3.4.2.1 As Condições de Moradia.....	58
3.4.3 Formas de Organização Socioeconômica no Assentamento Poções.....	59
3.4.4 As Atividades do Grupo Familiar.....	62
3.4.5 Escolaridade.....	67
3.4.6 Mercado de Trabalho do Entorno do Assentamento Poções.....	69
4. SER JOVEM NO ASSENTAMENTO POÇÕES	71
4.1 A Construção da Identidade do Jovem Assentado.....	75
4.2 Os Jovens do Assentamento Poções e seus Sonhos.....	82
4.3 O Processo Sucessório no Assentamento Poções.....	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
APÊNDICES	116

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Trabalho de extensão feito pela Escola Agrotécnica Federal de Ceres no Assentamento Poções, em novembro de 2007, com a participação da pesquisadora.	11
Figura 2	– Entrevista com assentado de 18 anos, com a presença da informante principal, realizada em uma parcela do Assentamento Poções, em agosto de 2007.	13
Figura 3	– Lanche na casa de um assentado em um dia de domingo onde foram realizadas quatro entrevistas com os jovens presentes em agosto de 2007.	15
Figura 4	– Entrevistas realizadas em grupo em uma parcela do Assentamento e de forma individual no viveiro-escola em agosto de 2007.	18
Figura 5	– Localização da Cidade de Rialma-GO.	33
Figura 6	– Localização da Cidade de Rialma-GO e Ceres-GO em 2007.	34
Figura 7	– Mapa da região e localização do Assentamento Poções.	40
Figura 8	– Lugar onde os assentados permaneceram por dois anos, até receberem a emissão de posse dos lotes, na beira do Córrego do Café. Foto tirada em agosto de 2007.	41
Figura 9	– Vista parcial da área de reserva legal do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2006.	46
Figura 10	– Foto do mapa do assentamento. Foto tirada em novembro de 2007.	47

Figura 11	–	Campo de futebol do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2007.	49
Figura 12	–	Comemoração da renovação do Projeto Ambiental. Foto tirada em fevereiro de 2008.	50
Figura 13	–	Igreja evangélica no terreno da Associação do Assentamento Poções. Foto tirada em novembro de 2007.	51
Figura 14	–	Foto aérea mostrando a topografia do Assentamento Poções em agosto de 2007.	56
Figura 15	–	Foto tirada em janeiro de 2008, que mostra as condições das estradas do Assentamento Poções.	57
Figura 16	–	Fotos que demonstram casa padrão, casa ampliada e 2 casas no mesmo lote (2007).	58
Figura 17	–	Sede da Associação dos Assentados do Projeto Poções. Foto tirada em agosto de 2007.	60
Figura 18	–	Fotos tiradas em agosto de 2007 que mostram o tanque de resfriamento, viveiro escola, granja de suínos e fábrica de ração.	62
Figura 19		Principais atividades dos pais e mães do Assentamento Poções.	63
Figura 20	–	Feira do produtor na cidade de Rialma-GO realizada todas as sextas-feiras. Foto tirada em setembro de 2007.	65
Figura 21	–	Jogo de cartas no domingo à tarde entre jovens e adultos. Foto tirada em agosto de 2007.	80
Figura 22	–	Projeto de suinocultura do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2007.	87
Figura 23	–	Produção familiar de polvilho. Foto tirada em outubro de 2007.	88
Figura 24	–	Entrevista realizada com jovem residente na cidade. Foto tirada em janeiro de 2008.	95
Figura 25	–	Restaurante de dois jovens irmãos do Assentamento Poções na cidade de Ceres-GO. Foto tirada em janeiro de 2008.	97

Figura 26 – *Lan House* de um jovem do Assentamento Poções na cidade de Rialma-GO. Foto tirada em janeiro de 2005. 99

Figura 27 – Bar localizado na cidade de Rialma-GO onde uma jovem do Assentamento Poções de 19 anos ajuda sua mãe que é a proprietária. Foto tirada em novembro de 2007. 100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Utilização do crédito do PRONAF “A”.	53
Tabela 2	– Nível de escolaridade de pais, mães e filhos entrevistados.	67
Tabela 3	– Distribuição dos jovens entrevistados do Assentamento Poções segundo sexo, idade e local de residência.	75
Tabela 4	– Nível de escolaridade dos jovens que moram e trabalham com os pais no Assentamento Poções e estudam na cidade.	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGENCIARURAL	– Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário
CANG	– Colônia Agrícola Nacional de Goiás
COOPAFAP	– Cooperativa dos Agricultores Familiares do Assentamento Poções de Rialma-GO
CPT	– Comissão Pastoral da Terra
CUT	– Central Única dos Trabalhadores
FETAEG	– Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	– Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA	– Ministério do Desenvolvimento Agrário
MS	– Movimentos Sociais
ONG	– Organização Não Governamental
PNRA	– Plano Nacional de Reforma Agrária
PROHAN	– Projeto Hanseníase e Desenvolvimento Comunitário
Pronaf	– Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SAF	– Secretaria da Agricultura Familiar

RESUMO

MONTEIRO, Vívian de Faria Caixeta, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa. Junho de 2008. **Os jovens do Assentamento Poções em Rialma-GO e o campo de possibilidades para os seus projetos de vida.** Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Co-orientadores: Marcelo Miná Dias e Sheila Maria Doula.

O jovem do Assentamento Poções se relaciona e convive com seus diferentes papéis e funções, ou a partir deles, nos diferentes grupos, vivendo sua própria história de vida, enquanto parte de relações sistêmicas com o local e o global. Essas relações os fazem sonhar, idealizar e construir seus projetos de vida para o futuro. Sendo assim a pesquisa em questão buscou analisar como se constroem e se implementam os projetos de vida dos jovens (rapazes e moças) residentes no Assentamento Poções, no município de Rialma-GO. Com o objetivo de analisar as opções que esses jovens têm para construção de seus projetos de vida e também de identificar aspectos próprios da cultura de origem e aspectos próprios da cultura urbana presentes num quadro sócio-histórico, fizeram parte deste trabalho os conceitos “juventude”, “juventude rural”, “identidade”, “projeto de vida” “campos de possibilidade” e “sucessão”. Para tanto, dentre as várias ferramentas disponíveis para os pesquisadores sociais e considerando o problema norteador da pesquisa, foi utilizado como delineamento da investigação o estudo de caso e como principal estratégia metodológica a observação participante, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, individuais e coletivas. Foram

selecionados para entrevista jovens em uma concepção localmente utilizada para defini-los. Como resultado desta pesquisa, constatou-se que em busca de uma inserção social os jovens do Assentamento Poções transitam entre diferentes espaços sociais e isso não traz um ruptura ou negação de sua própria localidade ou cultura. Porém, a maioria dos jovens do Assentamento Poções demonstra certa recusa à condição de agricultor, acirrando o movimento em direção à cidade em busca de oportunidades de trabalho ou mesmo de acesso a níveis superiores de educação.

ABSTRACT

MONTEIRO, Vívian de Faria Caixeta, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2008. **The youngsters of Assentamento Poções in Rialma-GO and the range of possibilities in their life projects.** Adviser: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Co-advisers: Marcelo Miná Dias and Sheila Maria Doula.

The youngsters of Assentamento Poções relate to one another and live together with or from their different roles and functions, in different groups, living their lives as part of local and global systemic relations that make them dream, idealize and plan their future. This research sought to analyze how the plans for the future of the youngsters who live at Assentamento Poções, in the municipality of Rialma, Goiás, are made and developed. Aiming to analyze these youngsters' options to make their plans, and also identify characteristic aspects of the culture of origin as well as of the urban culture in a social and historical context, the concepts of "youth", "rural youth", "identity", "life plan", "range of possibilities" and "heritage" were used. Among the several tools available for the social researchers, and considering the problem which oriented the research, the case study was used to delineate the investigation, and the participative observation was applied as the main methodological strategy with semi-structured, individual and group interviews. Based on a local conception for the definitions of the youngsters, some of them were selected for the interview. As a result, it was noticed that, for their social insertion, the youngsters of Assentamento Poções visit different social spaces without rupturing or denying

their locality or culture. Nonetheless, most youngsters of the Assentamento Poções show certain refusal to their condition of cultivators, which makes them go in search of job opportunities or higher education levels in the city.

1. INTRODUÇÃO

As linhas que traçaram o interesse por estudar o caso específico dos jovens¹ assentados surgiram em decorrência do percurso que a pesquisadora tomou em sua trajetória de vida tais como, morar em uma região que se originou de um projeto de colonização, ser nora de um filho de ex-colono e por acreditar que, como uma profissional pedagoga, possa contribuir na mediação do conhecimento por parte dos envolvidos em ações extensionistas. Essas motivações foram ainda aumentadas ao acompanhar de forma atenta o investimento que o Estado brasileiro tem realizado em políticas de reforma agrária para os trabalhadores rurais, visando ações que aumentem a qualidade de vida, a capacidade produtiva e a elevação da renda dos assentados.

Face a isto, faz-se necessário pensar naqueles que seriam os possíveis continuadores dos projetos iniciados pelos pais assentados: o jovem sucessor assentado. Vários projetos de assentamentos rurais² foram criados numa tentativa de minimizar a situação de concentração da propriedade de terra, no Brasil, garantindo aos trabalhadores rurais o acesso à terra, ao mesmo tempo em que tais projetos constituíram-se numa resposta do poder público à crescente mobilização

¹ Nesta pesquisa, a concepção de jovens utilizada foi baseada em critérios usados localmente para defini-los.

² Os assentamentos rurais podem ser inicialmente definidos como novas unidades de produção que, no nível local ou regional, reordenam, em vários sentidos, o sistema de propriedade e uso das terras, estabelecem outros padrões sociais de produção agrícola e, por vezes, criam novas dinâmicas econômicas e sociais (BERGAMASCO e NORDER, 1996; MEDEIROS e LEITE, 2004; MARTINS, 2003).

e organização dos trabalhadores rurais que reivindicavam terra para trabalhar (MEDEIROS, 1989).

Desde 1985, com a criação do I Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), os governos, em graus variados de apoio, tentam remediar tal situação, garantindo aos trabalhadores rurais o acesso à terra, por meio da criação dos projetos de assentamentos rurais. Para se ter uma idéia do investimento que se fez, só a execução orçamentária do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para obtenção de terras por meio de desapropriações e compra de imóveis no período de 2003 a 2005, autorizado para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), foi de R\$ 7,58 bilhões e foram obtidos 1.914.459 hectares e 245.061 famílias foram assentadas (BRASIL, 2007).

Ainda, segundo o censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1996), em 1996, existiam 4,1 milhões de propriedades rurais familiares no Brasil. O governo federal, sob pressão dos Movimentos Sociais (MS)³, procurou repensar a forma de atuação junto a esse segmento de produtores e estabeleceu uma política voltada para o fortalecimento da agricultura familiar, de forma a agregar mecanismos com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável do segmento; a partir de ações que possibilitassem o aumento da capacidade produtiva e a elevação da renda, visando à melhoria da qualidade de vida dos produtores familiares.

Para tanto, em 1995 instituiu-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)⁴ (BRASIL, 2007). Em 2004, houve a inclusão de novas linhas de financiamento, como Pronaf Jovem, destinado a projetos específicos de interesse de jovens, de 16 a 25 anos, que tivessem concluído ou estivessem cursando o último ano em centros familiares de formação por

³ Os movimentos Sociais procuram criar alternativas de organização econômica e social. Destaca-se, entre elas, a retomada da discussão e a ação organizada em favor da reforma agrária, como forma de garantir as condições de existência dos agricultores familiares (Ferrante *et al*, 1998).

⁴ O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), criado pela Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), tem como objetivo apoiar o desenvolvimento rural, a partir do fortalecimento da agricultura familiar como segmento gerador de postos de trabalho e renda (BRASIL, 2004).

alternância ou em escolas técnicas agrícolas de nível médio ou que tenham participado de cursos de formação profissional.

A implementação desses programas aponta para a importância da sucessão, confirmada, também, pelos estudos de vários pesquisadores (ABRAMOVAY, 1998; CARNEIRO, 1998; WOORTMAN, 1995; MOURA, 1978; FORTES, 1969; ARESNBERG e KIMBALL, 1968 e BOURDIEU, 1962). Justifica-se, assim, a relevância de se pesquisar a sucessão nos assentamentos de reforma agrária, especialmente na perspectiva dos jovens assentados. Segundo Castro (2006), nos assentamentos a questão da herança e da sucessão assume características peculiares impondo a necessidade de se buscar estratégias familiares alternativas, que permitam a manutenção do lote e do estatuto de agricultor e a reprodução dos filhos bem como a determinação de quem será o sucessor e como se dará a transmissão e a exploração do lote. Nesse sentido é que se buscou responder a questão principal da pesquisa: o jovem do Assentamento Poções encontra motivações para continuar no Assentamento dando prosseguimento ao que foi conquistado pelos seus pais?

Na tentativa de identificar como o jovem do Assentamento Poções constrói seus projetos de vida foi necessário reconhecer, neste contexto específico do Poções, quem são esses jovens, quais os critérios usados localmente para defini-los, uma vez que a categoria “jovem” como “criança”, “homem”, “mulher” e “velho” é uma construção social heterogênea, não existindo em si mesma e não sendo universal. Logo, foi levado em consideração o contexto e o interesse desse jovem para caracterizar “quem são os jovens de que falamos” (SANTOS, 2002, p.4).

Assim, uma primeira especificação nesta pesquisa de campo foi a de identificar quem são os jovens dentro de uma visãoêmica usada pelos antropólogos, ou seja, em uma tentativa de descobrir e descrever o sistema comportamental de uma dada cultura nos seus próprios termos. Só depois que caracterizou seus projetos de vida, preocupando em situá-los dentro do campo de possibilidades que se abre para a formulação dos mesmos.

A escolha por realizar a pesquisa no Assentamento Poções⁵, em Rialma-GO, se deu pela proximidade que o mesmo tem do núcleo urbano e pela interação que a pesquisadora possuía com os integrantes do Projeto Hanseníase e Desenvolvimento Comunitário da Associação Hospitalar São Pio X, que é uma Organização Não Governamental (ONG), a qual desenvolve projetos no Assentamento Poções voltados para a recuperação e conservação dos recursos hídricos do Assentamento, além de projetos de desenvolvimento comunitário sustentável que buscam a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

O primeiro contato com o Assentamento Poções com a intenção de vivenciar empiricamente a realidade dos jovens dessa localidade se deu por meio de visitas às quais foram realizadas em julho de 2005 junto com a equipe de profissionais da ONG supracitada. Tentou-se não vincular a imagem da ONG à pesquisadora, uma vez que essa vinculação poderia influenciar na coleta de dados.

Durante essas visitas nas parcelas dos assentados, foi observado o modo de vida, a infra-estrutura, relatos das dificuldades e necessidades que os jovens encontravam ao lidar com a terra e as relações sociais. O que mais chamou a atenção da pesquisadora foi a percepção da ausência dos jovens nas casas e nas atividades do campo e, também, os relatos das mães que lamentavam a ausência dos filhos mais velhos dizendo que eles moravam na cidade, pois precisavam estudar e arrumar um “bom emprego”.

Nessas visitas, houve uma aproximação com os Assentados, possibilitando um maior convívio com as pessoas e com a realidade espacial do Assentamento e, conseqüentemente, foram percebidas as condições materiais e sociais de que dispõe o Assentamento Poções para a construção do projeto de vida dos jovens. Ficou evidenciado, inicialmente, que continuar vivendo no Poções⁶ não se constituía para os jovens em uma escolha fecunda na construção dos seus projetos de vida e de transformação das suas atuais condições de existência. Ao

⁵ Assentamento organizado pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG).

⁶ Nesse trabalho, usar-se-á a expressão Poções para representar o Assentamento Poções.

visualizar esse quadro, emergiu o interesse em pesquisar os motivos que levavam os jovens do Poções a procurarem outras alternativas de inserção social e a migrarem para a cidade.

Essas experiências no Assentamento induziram a pesquisadora a investigar temas como “juventude rural”, levando-a a um contato com os estudos realizados por Carneiro (2005) com filhos de agricultores familiares que serviram como parâmetros na tentativa de se compreender o universo que se encontra o jovem do Poções. Para essa autora, o jovem do meio rural, tal como o da cidade, sonha, idealiza e constrói os seus projetos de vida para o futuro arraigados em duas grandes frentes: trabalho e educação.

Apesar das dificuldades atuais enfrentadas pelos jovens rurais para se estabelecerem no mercado de trabalho e da precariedade das condições de trabalho a que são submetidos, a avaliação que fazem do futuro próximo é, paradoxalmente, otimista. A quase totalidade deles vislumbra um futuro melhor para suas vidas pessoais com base em dois principais fatores: a possibilidade de virem a trabalhar (ou de terem uma profissão) e o término da formação escolar (um associado ao outro) (CARNEIRO, 2005, p. 252).

Os estudos realizados por Carneiro demonstram que esses jovens rurais têm buscado mudanças que não se restringem apenas aos aspectos econômicos, mas que visam a redefinir o próprio sistema cultural e a construção de suas identidades, vivendo conflitos advindos do processo de desintegração de sua identidade. As tradições familiares e comunitárias no meio rural são confrontadas com a identidade “urbana/moderna”. Na sociedade do consumo e do “descartável”, por um lado os valores tradicionais associados à cultura do meio rural são cada vez mais taxados de “atrasados e fora de moda”. Ao impulso inovador da juventude, a sociedade moderna oferece as novidades da tecnologia, da moda, das atitudes essencialmente urbanizadas (CARNEIRO, 1999). Por outro lado, não são raros, atualmente, os movimentos contrários, de valorização positiva do rural, da tradição, da cultura do local, onde o rústico, a questão ambiental como lugar de descanso e melhor qualidade de vida são cultivados.

O sonho de morar na cidade ou ter nos centros urbanos um fio condutor para os próximos passos, não significa a automática negação de sua identidade rural, mas

uma tentativa de oportunizar a realização do seu projeto de vida (CARNEIRO, 2005). Essa situação levou a pesquisadora a analisar as condições materiais e sociais que contam os jovens do Assentamento Poções para construir seus projetos de vida. Para Velho (2003), o projeto de vida é a conduta organizada para atingir finalidades específicas, mediante a escolha de oportunidades existentes em um “campo de possibilidades”, que pode ser entendido como um espaço socioeconomicamente constituído que oportuniza e restringe a implementação dos projetos individuais. Assim, as trajetórias e biografias dos jovens situados em determinado quadro sociocultural estão vinculados a contextos socioculturais específicos. Dessa forma, o projeto individual não se constrói pleno de possibilidades, mas referido à contingência de um contexto específico de possibilidades.

É importante assinalar que o objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar como se constrói e se implementam os projetos de vida dos jovens (rapazes e moças) residentes no Assentamento Poções, no município de Rialma-GO. Paralelamente, tivemos como objetivos específicos:

- ✓ Analisar, a partir da percepção do jovem, o significado de “ser jovem” no Assentamento Poções.
- ✓ Analisar o campo de possibilidade que o jovem conta para construir o seu projeto de vida.
- ✓ Analisar como se dá o processo de construção da identidade do jovem.
- ✓ Analisar os processos de sucessão envolvendo rapazes e moças do Assentamento Poções.

1.1 Estruturação do Trabalho

Esta dissertação foi estruturada em uma introdução e quatro capítulos. Na introdução fez-se uma “Apresentação do Trabalho”, através de uma breve

apresentação da pesquisadora com os motivos que a levou a escolher o seu objeto de estudo. Procurou-se justificar a relevância dos problemas observados não apenas em relação aos jovens do Assentamento Poções, mas para a questão da sucessão nos assentamentos de uma forma geral. Foram traçadas algumas reflexões sobre juventude rural com base, principalmente, nas pesquisas desenvolvidas por Carneiro (2005) com filhos de agricultores familiares. Também, foi apontada a necessidade de se pensar no investimento que o governo federal tem feito em políticas públicas de assentamento, com a necessidade de refletir em como dar continuidade a esse projeto, focando-se a atenção sobre o jovem sucessor assentado e sobre as políticas públicas de juventude que poderiam contribuir na elaboração de seus projetos futuros. A partir de tais reflexões foi delineada a questão desta pesquisa. Ainda na apresentação do trabalho trouxe os objetivos, geral e específicos, a serem alcançados e o recorte metodológico, apontando os caminhos que foram tomados e seus motivos para execução do trabalho empírico.

Autores como Pierre Bourdieu (1962), Philippe Áries (1986), Antônio da Costa Ciampa (1987), Antonio Luis Groppo (2000), Roberto José Moreira (2005), Manuel Castells (2000), entre outros, foram citados no capítulo dois “Marco Teórico” para subsidiarem as análises relativas ao conceito de “juventude”, “juventude rural”, “campo de possibilidade”, “projeto de vida”, “identidade” e “sucessão”.

No terceiro capítulo, “Descrição do Lugar” foi apresentado um breve histórico de como se originou a região onde se encontra o Assentamento Poções, incluindo o modelo de extensão rural utilizado na época, a fim de analisar uma possível influência, ainda que pequena, das mudanças preconizadas pela extensão rural na construção por parte dos jovens do Assentamento Poções de um projeto de vida não vinculado ao meio rural. Também, foi descrito o processo de conquista da terra e o contexto onde vivem os jovens do Assentamento Poções, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do campo de possibilidade que os jovens têm para construção de seus projetos de vida. As informações

mencionadas nesse capítulo foram baseadas, principalmente, em depoimentos de pessoas que fizeram parte dessas histórias e em fontes bibliográficas: ANDRADE (1990) e em PROHAN (2004).

Já no quarto capítulo “Ser jovem no Assentamento Poções”, foi traçada a visão que os jovens do Assentamento Poções possuem sobre essa categoria e buscou-se descrever quem são os jovens desse Assentamento. Fez-se, também, uma discussão dos principais conceitos analíticos que fizeram parte das reflexões sobre o campo de possibilidades e o projeto de vida dos Jovens do Assentamento Poções. Esses conceitos foram discutidos com o objetivo de relatar como se dá a construção da identidade dos jovens do Assentamento Poções, como se constroem e implementam seus projetos de vida, quais os projetos dos pais para os filhos, como se dá o processo de sucessão para os rapazes e as moças e quais as políticas públicas voltadas para esses jovens.

Finalmente o quinto capítulo trata das “Considerações finais” sobre essa pesquisa, onde, além de desenvolver uma síntese das principais conclusões do trabalho, apresentou-se as possibilidades de desdobramentos para pesquisas posteriores.

1.2 Aspectos Metodológicos

1.2.1 Identificação e Delimitação da Área de Estudo

A presente pesquisa foi realizada junto aos jovens e famílias do Assentamento Poções, localizado no município de Rialma-GO, a margem direita da BR-153 (Belém-Brasília), sentido norte, Km 297, a 12 Km do núcleo urbano. Rialma está localizada no Vale de São Patrício, que se encontra no médio norte de Goiás, às margens do Rio das Almas. O Vale de São Patrício é formado por 25 municípios, dos quais destacam-se Ceres-GO, cidade-pólo da região, e a vizinha Rialma-GO, totalizando uma população, do Vale, de 250 mil habitantes. Estão incluídas no Vale de São Patrício treze áreas de assentamento de reforma agrária e dois

acampamentos (ocupações). Os assentamentos localizam-se nos municípios de: Itapaci, Santa Isabel, Rialma, Goianésia, Santa Rita do Novo Destino e Vila Propício. Os acampamentos estão em Goianésia e Rialma. Essas ocupações e assentamentos são apoiados pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de Goiás, Diocese de Goiás e Rubiataba e Prefeituras (PROHAN, 2008).

1.2.2 Descrição da Pesquisa

Para alcançar os objetivos apresentados neste trabalho, fez-se uma interação de técnicas, métodos e instrumentos de pesquisa. Foi adotado como delineamento da pesquisa o estudo de caso, uma vez que é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais e consiste num estudo profundo e descritivo sobre determinado objeto, realidade ou população, onde se tem a finalidade de proporcionar “a descrição mais abrangente possível da comunidade tentando determinar as inter-relações lógicas dos seus vários componentes” (BABBIE, 2005, p. 73). Assim, por meio do Assentamento Poções buscou-se apreender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões, evidenciando o seu contexto social. Um dos grandes desafios desta pesquisa foi perceber a realidade social dos Jovens do Poções como uma totalidade.

Para compor o delineamento da investigação foi utilizada a pesquisa exploratória, uma vez que era escasso o conhecimento prévio sobre o Assentamento Poções, objetivando alcançar uma visão geral acerca da situação e da caracterização do Assentamento e das relações do jovem com o mesmo. Procurou-se descrever em termos espaciais, econômicos, produtivos, culturais, políticos e históricos o Assentamento Poções. A pesquisa exploratória foi orientada pela descrição de Black e Champion (1976) e sua escolha se justifica pelo seu mérito em descobrir fatores potencialmente significantes para serem explorados em profundidade em um delineamento posterior, conforme os mesmos autores.

Utilizou-se um conjunto de procedimentos metodológicos nesta pesquisa. Em um primeiro momento, na análise documental que foi feita no escritório da ONG PROHAN que tem sua sede no hospital São Pio X, na AGENCIARURAL localizada em Rialma-GO, no *site* da Cidade de Rialma-GO, no *site* da ONG PROHAN e também, nos cadernos de um assentado que relatou o processo de ocupação da terra. Nas entidades supracitadas, a pesquisadora teve contato com documentos, jornais fotografias, projetos realizados no Assentamento Poções e informações sobre as práticas cotidianas mais comuns dos assentados e, também, entrevistou os líderes da Associação e da Cooperativa do Assentamento Poções e os profissionais da ONG PHOHAN que atuam no Assentamento. Por meio dessas entrevistas foram obtidos os dados sobre a trajetória dos assentados na conquista pela terra.

Em seguida, fez-se um levantamento histórico do município de Rialma-GO, ao qual o Assentamento pertence. Município esse que se originou de um projeto de colonização. A intenção desse resgate histórico foi a de proporcionar uma melhor compreensão e interpretação do contexto social, onde os jovens do Assentamento Poções constroem seus projetos de vida e de reconhecer quais os campos de possibilidade de inserção social na região e no local para construção dos seus projetos de vida. As informações foram adquiridas em livros publicados por pessoas conhecedoras e simpatizantes dessa região e por depoimentos de remanescentes.

Outro método adotado foi da observação participante com registro etnográfico no caderno de campo. Procurou-se observar, registrar e muitas vezes vivenciar o cotidiano dos entrevistados, participando de uma série de eventos onde estavam presentes os filhos dos assentados, como festas, jogos de carta, futebol, almoços, reuniões, visitas técnicas e outros. Ao participar desses eventos, a pesquisadora levou apenas uma máquina fotográfica e um caderno para rápidas anotações, visto que não se almejava realizar entrevista nesses momentos, mas apenas observar para se entrar em uma situação de pesquisa (CICOUREL, 1990).



FIGURA 1 – Trabalho de extensão feito pela Escola Agrotécnica Federal de Ceres no Assentamento Poções, em novembro de 2007, com a participação da pesquisadora.

No caso da observação participante, adotou-se a visão antropológica que mostra não se tratar de um ato neutro. Pelo contrário, observar implica em estar presente, influenciando e alterando a dinâmica do grupo estudado. Como informa Hammersley (1984), um pesquisador consciente do diálogo de sua própria subjetividade com as subjetividades dos sujeitos observados, impossibilitando a crença em uma neutralidade na pesquisa etnográfica e num objeto-passivo-observado, mas sim num sujeito que também observa, reflete e percebe um “outro” na dinâmica de seu grupo.

Concomitante a essa etapa, identificou-se no Assentamento Poções um informante principal⁷, uma pessoa líder, conhecedora daquela realidade, que iria contribuir na localização e identificação dos jovens. Conforme Queiroz (1991, p. 161), há necessidade de um clima de confiança entre o informante e o pesquisador, sem o qual o trabalho se tornaria impossível. A conquista da confiança necessária “para que a narração seja feita com a maior franqueza”. Durante o trabalho de campo a informante principal se prontificou a indicar onde se encontravam os jovens do Assentamento Poções (quantos eram; sexo; o que faziam; idade; onde e quando podiam ser encontrados etc.). Essa identificação visava uma posterior definição do público-alvo para a realização de entrevistas. Foi por meio dela que a pesquisadora ficou sabendo sobre os eventos que iriam acontecer no Assentamento. Logo, a proximidade, confiança, receptividade e

⁷ De acordo com SPRADLEY (1979), a identificação de um bom informante é essencial para a pesquisa de campo, uma vez que este irá ajudar com as informações necessárias para nortear o trabalho.

disponibilidade de tempo da informante principal com a pesquisadora foram de grande valia para se conseguir as informações necessárias na coleta dos dados.

A informante principal era uma mulher casada de 31 anos, filha de um dos assentados que já morou no mesmo lote dos pais com seu marido e seus três filhos durante dois anos. No momento em que foi realizada a pesquisa, ela residia em uma casa localizada no terreno da Cooperativa onde situava o viveiro-escola do Assentamento Poções. Ela e o seu cônjuge eram os responsáveis por todas as atividades do viveiro-escola como manejo e produção de mudas nativas de pequi, jatobá, sucupira etc., bem como a comercialização das mudas produzidas no local e também eram responsáveis pelo tanque de resfriamento de leite que se localizava na parte externa de sua casa.

A informante conhecia bem os movimentos do Assentamento Poções. Sabia identificar com precisão a localização de cada assentado no espaço físico e social. Gostava de conversar e tomar café com os assentados e com as pessoas que visitavam o Assentamento. Ela demonstrava receptividade, sempre disposta a ajudar, mostrava-se à vontade para falar sobre “as coisas” e “as pessoas” da localidade. Diversas vezes houve a necessidade de recorrer a informante principal para se inteirar a respeito de alguns assuntos. Ela foi uma informante-chave para esta pesquisa. Gostava de ajudar, inclusive fazendo contato com os assentados para a realização das entrevistas e estava presente em todas as visitas junto com a pesquisadora. Após as entrevistas ela fazia questão de traçar os seus próprios comentários sobre os entrevistados. Nessa relação teve-se o cuidado, por parte da pesquisadora, de não expor a sua opinião sobre os temas tratados, com o intuito de evitar confusões ou constrangimento aos entrevistados e de não deixar ser influenciada pelas informações que eram colocadas pela informante principal.



FIGURA 2 – Entrevista com assentado de 18 anos, com a presença da informante principal, realizada em uma parcela do Assentamento Poções, em agosto de 2007.

A informante principal se encarregava de realizar os primeiros contatos com os pais e jovens do Assentamento Poções para posterior agendamento do dia da visita da pesquisadora. A receptividade, carinho e atenção das famílias eram visíveis, uma vez que elas aguardavam a chegada da pesquisadora com lanche – sucos de frutas do próprio quintal, biscoito de queijo, bolos, doces caseiros e frutas. Durante as visitas foi percebida uma grande necessidade e interesse dos entrevistados de falarem sobre suas histórias de vida e de receberem visitas para compartilhar as suas experiências. Houve a necessidade de realizar mais de uma visita para algumas famílias e a impressão que se tinha era que as barreiras entre entrevistador e entrevistados iam sendo minimizadas. Os pais e jovens passaram a se sentir mais à vontade para falar sobre o que pensavam e como agiam depois desse processo de aproximação e as respostas passaram a ser mais abrangentes e menos ambíguas.

Nesses momentos de aproximação com os assentados teve-se o cuidado de ser mais observador do que participante, uma vez que a participação intensa exige

maior atenção por parte da pesquisadora sobre o seu comportamento no grupo observado e nas inferências realizadas. Como demonstra Cicourel (1990, p. 93),

Quanto mais intensa for a participação, por um lado mais ricos serão os dados, e por outro lado maior será o perigo de ‘virar nativo’, além de, como conseqüência de se adotar a maneira de perceber e interpretar o ambiente que é próprio do grupo, torna-se cego para muitas questões importantes cientificamente.

Convicta dos riscos que essa conduta poderia causar no momento das entrevistas e da análise dos dados, procurou-se manter certo distanciamento, afastando-se de comportamentos que poderiam tornar o convívio muito próximo e interferir na análise dos dados. É importante assinalar que a familiaridade com o Assentamento Poções, particularmente com os pais e jovens pesquisados foi construída nas diversas relações estabelecidas com as famílias dos assentados, na tentativa de situar a pesquisadora na dinâmica social dos assentados, ou seja, buscou-se “ver” e “sentir” o espaço (DA MATTA, 1985).



FIGURA 3 – Lanche na casa de um assentado em um dia de domingo onde foram realizadas quatro entrevistas com os jovens presentes em agosto de 2007.

1.2.3 Definição da Amostragem e Coleta de Dados

Para a localização dos jovens, a informante principal, que sabia onde encontrar cada assentado, identificou 30 famílias das 67 que residiam no Poções que, segundo ela, possuíam filhos “jovens”. Essas trinta famílias foram visitadas e entrevistadas juntamente com seus filhos. Para tanto, utilizou-se de critérios usados por esses entrevistados para a definição da categoria Jovem: estar estudando, morar com os pais, não ser casado, dentre outros fatores que serão detalhados mais à frente. Foram identificados vinte e quatro jovens nessas 30 famílias que compuseram a amostra desta pesquisa. Em algumas casas não se encontrou jovem em decorrência de alguns morarem na cidade, assim as entrevistas foram realizadas com os pais. Dos 24 jovens, 12 moravam e trabalhavam com os pais no Assentamento e estudavam na cidade; cinco

moravam e trabalhavam para terceiros no Assentamento e estudavam na cidade; sete moravam, trabalhavam e/ou estudavam na cidade.

O trabalho de campo ocorreu no segundo semestre de 2007 até o mês de janeiro de 2008. As entrevistas semi-estruturadas foram aplicadas a 12 rapazes e 12 moças consideradas jovens pelas pessoas do Assentamento Poções. Duas moças e cinco rapazes moram na cidade e dez moças e sete rapazes moram no Assentamento. As identidades das pessoas pesquisadas foram preservadas, essas foram identificados neste trabalho pelo sexo e idade. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e nelas procurou-se obter as informações sobre as condições sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais dos jovens do Assentamento. Com as entrevistas foi possível analisar o campo de possibilidades de inserção social que os jovens do Assentamento Poções dispõem para a construção de seus projetos de vida (rapazes e moças), bem como os fatores que podiam influir na construção de projetos diferenciados desses jovens assentados.

Logo no início das entrevistas foi esclarecido para os jovens o objetivo da pesquisa e, principalmente, sobre o sigilo de seus nomes na mesma, não os vinculando nominalmente a sentimentos e percepções que afloraram durante todo o processo. Convém assinalar que essa foi a primeira pesquisa realizada com os jovens no Assentamento Poções e que todos autorizaram a gravação de suas falas bem como o registro das entrevistas por meio de fotografias. A pesquisadora os indagou sobre a exposição das fotografias tiradas durante as entrevistas e os mesmos não demonstraram nenhum constrangimento ou restrição. Pelo contrário, os informantes faziam pose para as fotografias e se sentiam lisonjeados ao saber que as suas histórias iriam aparecer em um “livro”, principalmente, porque foi feito o compromisso de devolução dos resultados da pesquisa.

Com a finalidade de ampliar e confirmar as informações obtidas nas entrevistas abertas realizadas com os jovens, também foram aplicadas 30 entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas e fechadas aos pais. Essas versavam sobre

idade, grau de escolaridade, fontes de renda e atividades produtivas, assistência técnica e crédito, número de filhos e o que os pais pensavam para o futuro de seus filhos. Assim, teve a possibilidade de verificar a amplitude dos fenômenos ou fatos observados e relatados nas entrevistas.

A pesquisadora já tinha um conhecimento prévio sobre o Assentamento Poções, uma vez que a mesma já havia feito uma pesquisa exploratória na ONG PROHAN, na AGENCIARURAL e havia tido contato com um caderno de anotações de um assentado. Sendo assim, tinha informações que descrevia o Assentamento em termos espaciais, econômicos, produtivos, culturais, políticos e históricos. Tinha participado, também, de visitas a algumas famílias onde observou as relações do jovem com o Assentamento. Sendo assim, não foi necessária a aplicação de um pré-teste, porque as questões já estavam claramente formuladas segundo a compreensão do público a que se destinava.

As entrevistas foram realizadas, com os jovens e pais que moravam no Assentamento, nos locais indicados pela informante principal, tais como: residência, local de trabalho e nos momentos de diversão. Para localizar os jovens que moravam na cidade, a pesquisadora obteve o telefone com os pais e amigos e ainda conseguiu entrar em contato com eles por meio da Internet (*orkut* ou *messenger*). Em seguida, agendou visitas em suas residências ou local de trabalho. Merece destaque a atitude de alguns jovens do Assentamento Poções que moravam na cidade. Esses descobriam o telefone da pesquisadora e a procuraram a fim de serem entrevistados.

Cabe salientar que a base da coleta das informações foram as entrevistas abertas. Algumas questões relativas ao campo de possibilidades de inserção social do jovem do Poções (infra-estrutura, importância dos estudos, políticas públicas e trabalho) foram dirigidas tanto para os jovens como para os pais. As questões direcionadas aos jovens (ver Apêndice A) foram aplicadas ora de forma individual, ora de maneira grupal. Isso se justificou, por um lado, porque um informante pode, enquanto está sozinho com o observador, dizer ou fazer coisas

que reflitam com exatidão sua perspectiva, mas que seriam inibidas pela presença do grupo; por outro lado, em virtude da presença de outros poder estimular comportamentos que revelassem com mais exatidão a perspectiva da pessoa, mas que não se verificariam exclusivamente na presença do observador (BECKER,1993). Não foi observado, porém, uma seqüência lógica para a realização das entrevistas individuais ou grupais. A pesquisadora quase sempre entrevistava os jovens individualmente durante a semana, principalmente em seus locais de trabalho e, nos finais de semana, conversava com eles em grupo nos momentos de socialização (festas, jogos de carta, reuniões etc).



FIGURA 4 – Entrevistas realizadas em grupo em uma parcela do Assentamento e de forma individual no viveiro-escola em agosto de 2007.

Os dados levantados foram analisados a partir da técnica da triangulação, que para Triviños (1987) são centrais em um processo de investigação:

A técnica tem por objetivo básico a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. O interesse deve estar dirigido em primeiro lugar aos processos e produtos centralizados no sujeito; onde o pesquisador verifica as percepções do sujeito através de entrevistas, questionários principalmente; e os comportamentos, ações do sujeito, mediante a observação livre e dirigida; os processos e produtos construídos pelo sujeito mesmo. O segundo ângulo são os elementos produzidos por meio do sujeito e está representado por: a) documentos internos (relacionados com a vida peculiar da organização e destina, geralmente, para o consumo de seus membros); b) documentos externos (que têm por objetivo atingir os membros da comunidade em geral)”. Instrumentos legais: decretos, pareceres, resoluções, regulamentos, regimentos. Instrumentos oficiais: diretrizes, propostas, memorandos, atas de reuniões, políticas de ações, estatística. A terceira perspectiva de análise, está relacionada aos processos e produtos originais de estrutura sócio-

econômica e cultural do macro organismo social no qual está inserido o sujeito (TRIVIÑOS, 1987, pp. 138-139).

A técnica da triangulação parte do princípio de que é impossível conceber de forma isolada um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais dentro de um contexto maior de dada realidade social. Isso significa dizer que toda idéia, documento etc., é descrita, explicada e compreendida desde que seja possível dentro da técnica de triangulação.

2. MARCO TEÓRICO

Nesse Capítulo serão apresentados as teorias e conceitos que irão contextualizar a problemática construída nesta pesquisa que está voltada para a compreensão do *campo de possibilidades* que envolve a construção do *projeto de vida* do jovem do Assentamento Poções. Para tanto, serão trabalhados além dos conceitos de *Campo de possibilidades* e *Projeto de vida*, os conceitos de Juventude; Juventude Rural; Identidade e Sucessão, na tentativa de compreender os horizontes colocados para a continuidade e reprodução dos assentamentos rurais, a partir de dentro, ou seja, dos rumos tomados pelos filhos dos assentados: qual o perfil dos jovens que permanecem no assentamento, quais são seus planos e perspectivas.

2.1 Juventude

A linha que separa a juventude e a maturidade é construída socialmente. A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável e o fato de falar de jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns a uma idade definida biologicamente constitui “um abuso de linguagem” (BOURDIEU, 1983, p. 144 e 145). Para Groppo (2000), a juventude é o rosto dinâmico da sociedade e resume-se a uma categoria essencialmente sociológica. Para o autor a juventude é uma etapa de vida caracterizada pela criatividade, pela força, pela vontade de mudança e pela energia. É o momento de rompimento com os elos da infância e de construção de identidades e é “uma concepção, representação ou criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou

pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos" (GROPPO, 2000, p.8).

Na ópera *Siegfrid*, o alemão Wagner, cuja música exprimiria atributos como pureza, força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver, pela primeira vez aparece uma representação do fenômeno juventude com “uma mistura que seria associada ao jovem e que, em conjunto, faria dele o herói do século XX” (PAIM, 2002, p. 58). Na Europa torna-se tema de interesse geral, despertando, por volta de 1900, uma preocupação dos moralistas, escritores e políticos.

O século XX consolida-se como o século da juventude, “transformando-a na idade favorita, uma idade à qual se deseja chegar para nela permanecer por muito tempo” (AIRÉZS, 1986, p. 47). No Brasil o prestígio da juventude é recente. Foi pela década de 1950 que os adolescentes e jovens começaram a sair de certa obscuridade culposa e obediente, atrelada a discursos médicos e morais, para se transformarem em uma faixa da população privilegiada pela indústria cultural (KEHL, 2004).

Esse processo cultural de construção do comportamento social do jovem moderno gerou, numa direção, uma imagem de jovem possível de ser apropriada como símbolo publicitário, relacionando-o a idade da felicidade, da alegria de viver, do desejo de aventura etc, de modo a provocar o desejo de consumir. A partir daí, “o jovem passou a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial” (KEHL, 2004, p. 91). Essa transformação do jovem em fatia privilegiada do mercado trouxe benefícios, mas também contradições. Contradições essas que passaram a ser abordadas nos noticiários sob temas ligados aos problemas sociais (drogas, marginalidade, prostituição, violência etc.) que afetam os jovens brasileiros.

2.2 Juventude Rural

Para Carneiro (2005), o interesse em estudar o jovem é recente. Em se tratando de jovem rural o empenho em investigar o universo social e cultural desse jovem é bastante limitado e a bibliografia disponível é muito restrita. Para essa autora, a categoria “juventude rural é uma categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea” é construída socialmente e vem, aos poucos, chamando a atenção de analistas das questões rurais. Compõe a faixa demográfica que sofre grande influência devido à dinâmica e permeabilidade das fronteiras entre o rural e o urbano, somada a falta de perspectivas para os que vivem da agricultura.

Neste contexto, o jovem rural vem se tornando um dos sujeitos sociais mais afetados na construção de sua identidade, devido à “diluição” das fronteiras do rural-urbano (CARNEIRO, 2005, p. 244). Não possível olhar o “campo” como um espaço alheio às transformações do mundo globalizado. Em maior ou menor escala há um impacto sobre as condições de vida das pessoas no meio rural. Suas práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas, dos impactos tecnológicos, das mudanças nas leis e nos costumes, enfim, em decorrência das inovações socioculturais e das transformações nas relações econômicas e do mundo do trabalho.

Assim, o meio rural encontra-se de tal forma conectado ao global que influencia e é influenciado pelo embricamento dos globalismos e localismos desse processo de aproximação do mercado de trabalho, de bens e consumo, cultural, os quais colocam em tensão as identidades rurais (MOREIRA, 2005, p. 15). Mas, também, não são raros os eventos nas cidades que refletem elementos de ruralidades como os *shows* denominados “*cowboys do asfalto*”, restaurantes que oferecem a “comida da roça” e o grande nicho de mercado que vem se transformando o turismo rural. Por outro lado, o local também problematiza o global. Sendo assim, o mundo rural é um espaço onde vivem pessoas com uma imensa diversidade cultural, política e religiosa, implicando em mais que uma simples delimitação geográfica. Essa noção se refere a todo um tecido social e

econômico associado aos processos recentes de globalização que transformam o meio rural em um espaço não mais exclusivo das atividades agrícolas.

Diante da fluidez e da heterogeneidade da juventude como uma categoria de análise (CARNEIRO, 2005), tratar especificamente de jovens de localidades consideradas como rurais não implica torná-los uma categoria que exige uma estrutura conceitual específica, mas observá-los como grupos de indivíduos marcados por condições específicas, dentro de uma determinada conjuntura socioeconômica (o momento e o movimento). Isto é, a utilização da expressão “juventude rural” serve como um recorte analítico, não significando a identificação a uma categoria social. Além disso, é importante esclarecer que a sociedade é marcada por uma diversidade de formas de se viver o momento da juventude, não restringindo o adjetivo rural a qualquer possibilidade de ser jovem dentro de uma “localidade”.

É difícil estabelecer um conceito de juventude rural já que ela deve ser vista como plural. Assim como é plural a ruralidade em que vivem os jovens rurais, jovens que enfrentam o êxodo rural; exercem a pluriatividade; vivem entre o campo e a cidade. Acredita-se que é o contexto local que deve ser levado em consideração, assim como os interesses dos jovens. Logo, não se pretende afirmar a existência da “juventude rural” tomando como referência o espaço físico-geográfico, mas falar em juventudes que, diante das diferentes ruralidades, apresentam formas específicas de pensar e agir. Há, portanto, múltiplas juventudes no chamado “rural” (GROPPO, 2000).

Ao se referir à categoria juventude rural, inúmeros agentes e instituições externos, que pensam ou representam as políticas e as intervenções no espaço rural o fazem desconsiderando ou não problematizando a heterogeneidade presente entre seus membros. Esse descuido alcança, também, os pesquisadores de campo, podendo prejudicar os resultados esperados, tendo-se em vista que as iniciativas, em grande parte das vezes, não alcançam as expectativas e os anseios diversos que atualmente caracterizam os jovens (STROPASOLAS, 2002).

Sendo assim, procurou-se identificar como os jovens que vivem no Poções se definem como pessoas e de como se compõem a idéia que deles constroem seu grupo de pertencimento, família e assentados, analisando as formas simbólicas – palavras, imagens, comportamento – em cujos termos estes jovens realmente são representados, para si mesmos e para os outros, nos diferentes espaços sociais em que circulam. Para compreender, portanto, a construção da identidade dos jovens rurais do Assentamento Poções é preciso que compreender o próprio processo de construção da identidade.

2.3 A Identidade do Jovem Assentado em Xequê

O conceito de identidade na modernidade é visto como móvel, múltiplo, pessoal, auto-reflexivo, sujeito a mudanças, não podendo ser interpretado como um processo acabado, mas em construção e cheio de tensões (HALL, 2002). Para Ciampa (1987), a identidade é entendida como um processo de construção, de representação de si, considerando o contexto social e a historicidade, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e, quando isso ocorre, elas mudam influenciadas pela forma como se é visto e interpretado pelos outros. Assim, a construção da identidade é um fenômeno social, relacional, uma vez que é no contexto das relações sociais que se configura e se metamorfoseia.

Nessa perspectiva, visualiza-se o jovem do Assentamento Poções inserido em diversas dimensões: o substantivo próprio que nomeia o ser; a posição social e da família; o ser membro de uma comunidade; a perspectiva geográfica e histórica e as relações de poder em uma sociedade e as expectativas de futuro de um grupo. Essas predições são compreendidas, inclusive, como negação do ser e uma forma de determiná-lo (CIAMPA,1987).

Assim, esse jovem é membro de uma coletividade relacionando-se com os demais sujeitos em diferentes contextos, assimilando o que é produzido e ao mesmo tempo produzindo. Embora a identidade seja representada pelo nome e outras predicções - símbolos que nos representam e que nos dão a ilusão de

substância, de algo imediato e imutável - ela não é um objeto dado, idêntico a si próprio e reconhecido como uma característica do psiquismo do indivíduo estático, ela é um processo (CIAMPA,1987).

Nesta perspectiva, o indivíduo, ao nascer e ao ingressar no grupo social é associado com um conjunto de expectativas, representações prévias que, internalizadas, constituem a *identidade pressuposta*. Quando mantidas pelo grupo e repetidas pelo sujeito, ocorre o processo de *reposição*. No entanto, o sujeito pode se contrapor a esse processo construindo uma história diferente, podendo ocorrer a *superação*. O grupo social e os significados atribuídos por este às circunstâncias ou aos momentos da vida apresentam grande importância para a sua construção. A identidade envolve a identificação (*igualdade*) em relação ao grupo social, mas passa também pela *diferenciação* do indivíduo singular em relação ao grupo.

Castells (2000, pp. 22, 23) relata que a identidade é:

(...)um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. (...) As identidades constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individuação.

Isso torna toda e qualquer identidade resultante de uma construção, que tem como objetivo organizar significados que se mantenham ao longo do tempo, em um determinado espaço e em um contexto social e político fortemente marcado por relações de poder.

Sendo assim, Castells propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos; Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material

cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 2000, p. 24).

Para o autor a identidade legitimadora está em crise estrutural. Sendo assim, a identidade de projeto traz consigo a expectativa de que seja capaz de reconstruir a sociedade ou partes dela. Seguindo esta tendência de ampliação da *identidade de projeto* no mundo globalizado, poderia esperar que o jovem do Assentamento Poções pudesse empenhar-se em conquistar posições sócio-ocupacionais e políticas no espaço social, que o levasse a uma redefinição de sua relação com os demais segmentos sociais presentes na sociedade como um todo, criando novas perspectivas de possibilidades de inserção social. Como enfatiza Velho (2003, p.44),

nas sociedades complexas modernas a multiplicação e a fragmentação de domínios associadas às variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em xeque e sujeita a alterações drásticas. (...) O trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores (VELHO, 2003, p.44).

No caso dos jovens do Assentamento Poções, novos desafios são colocados para aqueles que estão cada vez mais inseridos num mundo globalizado, onde suas experiências falam ao mesmo tempo de uma identidade local, mas que recebe influências de lugares diferentes e distantes da sua realidade.

Influências essas que se dão, principalmente, pelo acesso dos jovens do Assentamento Poções ao mundo e ao significado do que é “ser jovem” no mundo atual, por meio da televisão, do rádio e, até mesmo, pela *Internet*, que veicula imagens, apresenta novas regras sociais, cria e marca padrões de comportamento, moda, estilo de vida, inclusive direcionando para a própria juventude programas específicos. Portanto, na trajetória do jovem do Assentamento Poções verifica-se o surgimento de interesses e valores diversos e conflitantes que expressam a conformação de uma diferenciação social e econômica interna e a presença de grupos sociais heterogêneos, redefinindo os padrões culturais e o modo de vida desses jovens.

Entende-se, também, que a identidade é um processo e não um produto acabado. Um processo contínuo que nunca se completa, subjetivando-se em seu espaço e tempo. Assim, o jovem do Poções é membro de uma coletividade relacionando-se com os demais sujeitos e diferentes contextos, assimilando o que é produzido e ao mesmo tempo produzindo. Nesta perspectiva, faz-se necessário a análise de seus espaços de trabalho, de socialização e alternativas de lazer que fazem parte do seu cotidiano, mesmo que essas práticas sejam limitadas pela falta de recursos.

2.4 Campo de Possibilidade e Projeto de Vida

Nas definições de Velho (2004), há uma estreita relação entre projeto de vida e campo de possibilidades. O *Projeto* é pensado como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, o que, por sua vez, não quer dizer que a realização pessoal dependa somente da vontade do indivíduo. Pelo contrário, deve-se levar em consideração que “os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 2004, p. 26). Essas experiências se apresentam de diferentes formas em cenários específicos que, no caso do Assentamento Poções, ajudam os jovens a elaborarem seus projetos individuais. Por sua vez esses estão imbricados com os projetos coletivos, sejam eles familiares ou comunitários e exigem negociações.

Impõe-se, ainda, outra observação baseada em Velho (2004), que afirma que o indivíduo possui um potencial de transformação, por experimentar um campo de possibilidades diante da coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo, alterando diversas esferas como a vida privada, as relações de trabalho, as relações e processos de produção de conhecimento e de ensino-aprendizagem. Essas transformações ocorrem em uma sociedade, a qual ele denomina de sociedade complexa⁸, marcada pela fluidez e pela “heterogeneidade e variedade

⁸ Para Melucci (1999) as sociedades complexas estão vivenciando processos permanentes e acelerados de transformações tecnológicas acompanhados de uma crescente apropriação social das novas tecnologias de comunicação e informação configurando o ciberespaço e a cibercultura.

de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de domínios e papéis, dando um contorno particular à vida psicológica individual.” E na discussão sobre a relação entre indivíduo e sociedade desenvolve dois conceitos que foram importantes para a compreensão das relações sociais dos jovens do Assentamento Poções: *projeto* e *metamorfose* (VELHO, 2004, p. 17).

As noções de *projeto* e de *metamorfose* foram importantes por aliar duas dimensões da vida social dos jovens do Assentamento Poções sem tomá-las excludentes: a dimensão motivacional do ator e a dimensão de sua dependência em relação aos contextos da ação e às motivações de outros atores. A noção de projeto toma como suposto a relevância do indivíduo e da ação individual para as sociedades complexas. O projeto é algo que dá sentido a uma trajetória individual e que coloca essa trajetória no curso do tempo.

O passado, o presente e o futuro são interligados pelo indivíduo que faz projetos. Essa interligação depende primeiro da memória, da seleção que o indivíduo faz de aspectos significativos daquilo que foi o seu passado. Esse significado é sempre informado pelo momento presente, portanto, é uma visão retrospectiva. Esse retrospecto conecta-se com o porvir na forma de um projeto, ou seja, "uma antecipação no futuro dessa trajetória e biografia." (VELHO, 2003, p. 101). *Projeto e memória* são assim articulados para a constituição da identidade social do indivíduo, tomando sempre o outro ser como referência.

O sentido do projeto é sempre intersubjetivo, ele não existe num vazio, mas em função dos projetos de outros indivíduos, é um meio de comunicação, um instrumento de negociação da realidade entre os sujeitos. Esse aspecto confere limites e constrangimentos sociais à elaboração de projetos, o que Velho (2003) chamou de *campo de possibilidades*. A manipulação desse campo pelo indivíduo não é racional, no sentido do cálculo estratégico das opções, mas tem uma forte dimensão consciente. O sujeito avalia significativamente suas possibilidades de

escolha. Além disso, o autor lembra que não se podem esquecer os aspectos não-conscientes dessas tomadas de decisão.

Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo que, produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. (VELHO, 2003, p. 106).

Essa reelaboração dos projetos não significa que eles não tenham consistência. Ao contrário, é a busca contínua pela consistência que explica sua mutação, o que justifica a utilização do conceito de metamorfose. Isso leva a pensar que se vive em um mundo envolto por laços sociais que se refazem continuamente, de forma conflituosa, através da constante reconstrução dos projetos e, conseqüentemente, das identidades. Essa capacidade plástica dos projetos - seu potencial de metamorfose - explica-se pela variação de estilos de vida e pelo meio onde esses estilos adquirem sentidos nas sociedades complexas por onde transitam os indivíduos e que fornecem material para a constante reelaboração dos projetos e das identidades. Ainda, para Velho (2004) os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de “plasticidade simbólica, certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose” e constituem uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressão simbólica, “sendo conscientes e potencialmente públicos, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social” (VELHO, 2004, pp.22-34).

Em última análise, ao se pensar nos seres humanos, a despeito de toda razão calculadora e planejadora que constitui seus sentimentos modernos e da crença na centralidade desta razão na ordenação do mundo, percebe-se que o tempo e o destino não estão subordinados à sua ordenança. Esses não dominam tudo o que acontece e estão sempre surpreendidos pelo imprevisível, pelo não controlável e

não planejado. Porém, não se pode desconsiderar que os jovens, como sujeitos sociais, situados em seus contextos vividos, com suas experiências e representações, procuram se firmar como sujeitos que possuem valores e conhecimentos próprios, enquanto vivem em um processo dinâmico e contínuo, mesmo que subordinados ao imprevisível.

Esse turbilhão vivenciado pelo jovem influencia a construção de sua identidade, a sua formação e a sua perspectiva de futuro, principalmente no tocante à escolha de uma profissão consoante ao seu projeto de vida. Como tal, esse projeto de vida acontece dentro de um campo sócio-histórico de possibilidades, dentro do qual se dão as escolhas e identificações inscritas nas trajetórias do jovem que posiciona seu projeto de vida. Esse campo de possibilidades, que aparece como um horizonte para as opções pessoais, está relacionado a um conjunto de elementos que compõem o repertório das alternativas possíveis para a ação (CARNEIRO, 2005).

Elementos esses que, ao serem combinados, desestruturados, reestruturados, relacionados de diferentes formas, indicam as ações possíveis na realidade. Tais elementos são sempre combinados entre as dimensões da subjetividade e do meio (político, social, cultural) e que, neste trabalho, ocorrem no contexto de uma realidade circunscrita por elementos de políticas públicas, condições financeiras, infra-estrutura, educação, sucessão e trajetória de vida. Ainda que outros aspectos componham o campo de possibilidades foram eleitos esses como norteadores das investigações e análises, por serem os percebidos pelos entrevistados como os que, de uma forma direta ou indireta, influenciam nas opções que os jovens do Poções fazem ao elaborar seus projetos de vida futura.

2.5 Sucessão

No geral, os jovens do Assentamento Poções estão inseridos na (lógica da produção familiar) onde não cabe, em tese, remuneração pelos serviços prestados pelos diferentes membros no trabalho conjunto. Os ganhos obtidos individualmente contribuem, geralmente, para a reprodução social do grupo.

Muitos se vêm obrigados a se manter por um tempo maior junto a sua família para que essa possa se consolidar ou, até mesmo, vislumbram sua permanência na parcela como uma forma de estar se preparando para assumi-la. Portanto, a sucessão faz parte, também, do campo de possibilidade dos jovens do Assentamento.

Woortmann (1995) afirma que um dos aspectos mais importantes da sucessão na sociedade ocidental moderna é a transmissão da propriedade por herança, segundo critérios de consangüinidade. O parentesco se constitui em um código que regula o acesso e a transmissão dos recursos básicos para a comunidade e para o grupo familiar, fundamentais para a sua produção e reprodução. Sendo assim, a descendência e a sucessão,

(...) consistem na transmissão de direitos e deveres, e os sistemas mais coerentes seriam os unilineares, onde os grupos de descendência detêm o domínio corporativo das propriedades mais relevantes para sociedade, o que não impede a existência de propriedades individuais, relevantes para a constituição da pessoa. Tais propriedades são indivisíveis, tornando o grupo uma pessoa jurídica (WOORTMANN, 1995, p. 71).

Segundo Bourdieu (1962), a herança possui uma função social definida que é a de dar continuidade à exploração da propriedade familiar. Bourdieu ressalta a importância do direito à propriedade, onde a possibilidade de “agir como proprietário” ou como “futuro proprietário” é valorizado socialmente. Esse *status*, no entanto, varia de acordo com as influências externas e as novas perspectivas para os filhos na sua relação com os núcleos urbanos.

Para Castro (2006) o debate sobre herança e a transmissão patrimonial do campesinato é amplo e nos assentamentos assume características peculiares devido a fatores como a relação com a propriedade em processo de transição que torna a parcela uma concessão e não uma propriedade de fato. A autora relata que não é possível traçar um padrão de herança/sucessão nos assentamentos por ela estudados, mas que, geralmente, o filho indicado é determinado pela família como tendo o maior interesse na parcela e que há uma tendência em apontar um filho homem como provável sucessor, dada a existência de um “viés masculino”

nos processos sucessórios. Outro fator, pela autora apontado, diz respeito às condições econômicas e o maior ou menor grau de “pauperização” que incidem sobre o significado e a cobrança quanto à participação na parcela e a sucessão.

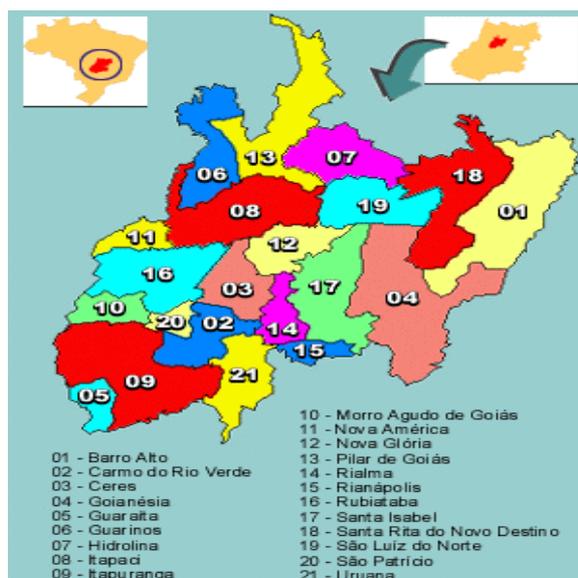
Quando os filhos podem trabalhar fora, temos as tensões que envolvem decidir “trabalhar fora ou no lote” correlatas do “sair ou ficar,” ou encontrar estratégias trabalhar na cidade e no lote. Os diferentes arranjos entre trabalho, moradia e lazer geram uma constelação de formas de relação com o lote. Essas implicam em extremos que vão do intenso compromisso com o lote ao total afastamento e desinteresse, mas também em afastamentos temporários, prevendo um possível retorno futuro em função da sucessão. E, mesmo o contrário, filhos que trabalham no lote e não pretendem a sucessão, como muitas filhas, mas também alguns filhos (CASTRO, 2006, p. 260).

Assim, entende-se que o processo de herança e sucessão, nos assentamentos, deve ser pensado relacionalmente e implicaria a definição do papel dos filhos na reprodução da produção familiar e na forma como os pais e os filhos negociam o desejo da continuidade do acesso a terra e outras possíveis inserções dos seus filhos no mercado de trabalho. A impressão que se tem é que há um distanciamento na relação com a terra, associada à patrimônio produtivo e à própria “identidade rural”. Por outro lado, acredita-se que os jovens que acompanharam mais de perto o processo de conquista da parcela, demonstram uma relação mais forte com a terra, enfatizando a conquista de um espaço produtivo, ainda que de difícil retorno financeiro.

3. DESCRIÇÃO DO LUGAR

Neste capítulo, pretende-se caracterizar o contexto social em que vivem os jovens do Assentamento Poções, a partir do qual se delineiam os seus campos de possibilidades e seus projetos de vida são elaborados. Para tanto será feito um breve histórico do município de Rialma-GO, que tem sua origem na criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) até o momento do projeto de ocupação do Assentamento Poções. Essa caracterização tem a finalidade de proporcionar uma melhor compreensão e interpretação do contexto social, onde os jovens do Assentamento Poções constroem seus projetos de vida e de reconhecer quais os campos de possibilidade de inserção social na região e no local para construção desses projetos.

3.1 Caracterização do Município de Rialma-GO



Fonte: Adaptado de SEPLAN/SEPI, 2007.

FIGURA 5 – Localização da Cidade de Rialma-GO.

Rialma é uma cidade goiana localizada na Mesoregião Centro Goiano e Microrregião Ceres. Está a 180 km de Goiânia, a capital de Goiás. É considerada uma cidade pequena, com 10.210 habitantes. A população concentra-se na área urbana (89,6%) do total e, mesmo assim, a economia é baseada na agropecuária, o que é uma característica das cidades do interior de Goiás. Depende muito da cidade vizinha, Ceres, da qual se separa apenas pelo Rio das Almas (SEPLAN/SEPI, 2007).



FIGURA 6 – Localização da Cidade de Rialma-GO e Ceres-GO, em 2007.

O povoado que deu origem à cidade de Rialma surgiu na margem direita do Rio das Almas, juntamente com Ceres que se erguia à margem esquerda, quando foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em 1940. A notícia da distribuição de lotes gratuitos atraiu trabalhadores de várias partes do país, sobretudo de Minas Gerais. Muitos dos que não conseguiram lotes rurais ou mesmos urbanos na Colônia, passaram a residir à margem direita do Rio das Almas, razão pela qual eram chamados popularmente de "barranqueiros". O número de pessoas foi aumentando a ponto de construir um povoado.

A população do povoado da Barranca crescia de maneira impressionante, principalmente, com a construção da rodovia federal Anápolis-Belém, atual BR-153 – Belém-Brasília, passando a denominar-se Rialma, forma sincopada de “Rio das Almas”. Rialma passou à categoria de distrito pela Lei Municipal n.º 11, de 21 de agosto de 1948.

A História de Rialma está intimamente ligada à história da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG)⁹. História essa que relata o Brasil em 1940 mergulhado na segunda Grande Guerra Mundial. Viviam-se no auge do “Estado Novo” e o representante máximo da nação era o presidente Getúlio Vargas, coincidindo com a administração do Dr. Pedro Ludovico Teixeira no Estado de Goiás. Com receio de que a guerra prolongasse e faltassem produtos é que medidas de segurança foram tomadas. Dentre elas, a criação das Colônias Agrícolas com o objetivo de ocupar espaços vazios do oeste do País, colonizar, colocar o homem na terra e produzir no interior. Essa política de colonização do interior do País recebeu o nome de Marcha para o Oeste.

Neste período o presidente Getúlio Vargas fez uma visita oficial a Goiás e expressou: “*a visita que ora faço é prova de uma concepção renovadora da Pátria grande e forte*” (VARGAS, 1940). Vargas visualizava a localização de um território no centro geográfico do País, capaz de garantir e irradiar a expansão futura de Goiás. O território goiano foi desbravado e ocupado por marchas históricas e a CANG é parte dessa dinâmica. As terras devolutas, aquelas que pertenciam ao Estado sem que tivessem qualquer uso público foram doadas pelo Estado de Goiás.

Como estratégia, para efetivação da Marcha para o Oeste, o presidente brasileiro implementou uma política de colonização do País, atraindo pessoas do litoral para o interior visando ocupar os espaços vazios do território. Para tanto, procurava valorizar o trabalhador nacional colocando o ser humano no centro do

⁹ Todo o histórico alusivo a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) foi baseado em ANDRADE, Nair Leal. **Histórias e histórias da CANG**. Goiânia: KELPS, 1990.

processo de desenvolvimento, associado à construção de um Brasil novo e à formação de um novo cidadão que iria surgir com o Estado Novo.

A criação oficial da CANG na região Centro-Oeste do Estado de Goiás deu-se em 19 de fevereiro de 1941 pelo Decreto-lei 6.888 assinado por Getúlio Vargas (ARANHA, 2001). Ela foi a primeira de uma série de oito idealizadas pelo Governo Federal nos Estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Paraná, Território de Ponta Porã (Mato Grosso), Piauí e Minas Gerais, mas somente duas prosperaram: a Colônia Agrícola Nacional de Goiás e a de Dourados em Mato Grosso. O primeiro administrador e fundador da CANG, nomeado por Vargas, foi o agrônomo Bernardo Sayão Carvalho Araújo, carioca e especialista em café e com interesses voltados ao Centro-Oeste e ao Norte do país. Sayão administrou a CANG durante nove anos e foi caracterizado mais como um desbravador do que um administrador. Construiu várias estradas (Anápolis – Ceres, Belém – Brasília etc.) e foi pioneiro na construção de Brasília.

Com a implantação da CANG, um novo cenário no centro geográfico do País começou a se configurar. A chegada dos primeiros colonos correspondia à primeira fase significativa do Estado Novo. Trabalhadores sem terra, por meio de vários canais de comunicação (rádio, jornais e revistas), foram atraídos pela promessa de terra de graça. Diversos colonos vindos de todos os lugares do Brasil puderam adquirir por meio de requerimento no escritório da CANG lotes que variavam de 20 a 50 hectares. A ênfase na implantação foi dada em abrir estradas e aos primeiros serviços de saúde e educação. Informações oficiais dão conta que na área da antiga CANG havia 3.996 lotes rurais registrados e escriturados em uma área ocupada de 106.000ha e, em meados de 1945 até fins de 1950, 1.304 famílias, num total de 7.519 pessoas, estabeleceram-se em caráter permanente na Colônia.

Para candidatar-se a proprietário de um lote, o colono não precisava ter aptidão para a agricultura. Bastava apenas ser casado ou arrimo de família e ser pobre¹⁰. De posse gratuita da terra, o colono tinha acesso à casa popular, ferramentas, sementes, assistência hospitalar, remédios, escolas, material, oficina para reparo dos equipamentos e todo auxílio necessário. Para tanto, era exigido que ele plantasse a terra e não negociasse e nem trocasse o lote. É interessante destacar que o trabalho era realizado em conjunto, por meio de mutirões e da mão de obra da família onde os agricultores dirigiam o processo produtivo utilizando o trabalho familiar, ficando com o total da produção.

Os depoimentos a seguir são de pessoas que na época da implementação da CANG eram jovens e possuíam sonhos e projetos de vida que os motivaram a engajar na “aventura” de tentarem uma vida nova no inteiro do país, mesmo que fosse para acompanhar os pais.

“Eu vim pra cá em 1948, já tinha alguma coisa começado. O certo é que aqui não tinha nada, era coberto de mato, tinha uma pensãozinha ali..., tinha alguma coisa..., mas eu vi as primeiras patrolas fazendo as ruas, algumas casas nascerem, a igreja presbiteriana aparecer, muita coisa eu vi começando... Eu vim atraído pelo comércio porque meu plano era estudar medicina no Rio de Janeiro, já até tinha começado lá, então vim pra cá. Quando cheguei aqui, não tinha nada na minha vida. Eu era um rapaz jovem de 26 anos, minha vida era chorar. Aqui era um verdadeiro deserto e gente tinha demais, gente de todo lado, Alemanha, espanhóis, tinha muita gente estrangeira aqui. Eu não ganhei lote porque não era casado, Eu só casei em 54. Eu dava aula, mas eu passei a ser comerciante quando rapaz ainda, comprando cereais, arroz, milho, feijão”(Colono homem de 84 anos).

“Cheguei aqui em novembro de 51. Meu pai comprou o lote de outro. O povo vendia os lotes ou trocavam por rapadura, cavalo, qualquer coisa que eles tinham”(Filho de colono de 68 anos).

“Eu vim em 46. Eu vim com meu pai né, porque ele queria ter um lote aqui, na Colônia, aí nós viemos e fomos morar lá perto de Nova Glória, a gente morou lá, ganhamos lote, ficamos lá, estudei na escola lá da Colônia. Depois vieram meus parentes, meu avô e minha avó, um ano depois, também ganharam lote”(Filha de colono, 70 anos).

¹⁰ Pobre é entendido aqui como a carência de bens e serviços essenciais, envolvendo as necessidades da vida cotidiana como alimentação, vestuário, alojamento, educação e cuidados com a saúde.

As falas sinalizam que a atração pelo projeto de colonização se deu, em parte, pelo campo de possibilidades¹¹ de inserção social que as pessoas visualizavam na implementação da CANG e, em algumas situações, não por escolha dos jovens da época, mas sim levados a acompanharem seus pais. Os depoimentos revelam, também, que o “ter um lote” era mais uma oportunidade de construção de um futuro melhor do que uma vocação, mesmo os lotes não possuindo na época uma grande valorização financeira.

Por outro lado, a criação da CANG representou um desenvolvimento populacional e econômico significativo, não só na região, mas também, em todo o território goiano. Vários municípios, inclusive Rialma, desenvolveram-se por meio da ocupação humana e econômica facilitada pela mesma. Nesse período, o comércio, a agricultura e a indústria da região eram promissores e o que movimentava a economia era a produção agrícola. A partir dos anos 80, o município reduziu sua produção agrícola. Áreas que até a década de 70 eram ocupadas com o cultivo de várias culturas, foram destinadas à pecuária de leite. As lavouras de arroz e milho deram lugar às culturas de cana-de-açúcar, feijão irrigado e tomate (ACICER, 2000).

Em decorrência do grande investimento em colonização agrícola por parte do Estado, Rialma e toda Região possuíam um vínculo forte com a extensão rural e o que fomentou a história desta região foram os princípios extensionistas. Extensão essa que na época, segundo Rodrigues (1997, p. 122) foi classificada de “Humanismo assistencialista”. A postura humanista foi assim caracterizada pela preocupação com a melhoria das condições de vida da população rural e o assistencialismo estava presente no caráter tutelar que a extensão rural estabelecia na sua relação com a comunidade.

Toda a ação da CANG de valorização do trabalhador nacional e à formação de um novo cidadão foi pautada em um modelo clássico de extensão rural que tinha como objetivo a auto-realização dos colonos, mediante a aceitação de novas

¹¹ A noção de campo de possibilidade é formulada por Velho, G., 2004.

idéias e conhecimentos, a renovação de hábitos e atitudes, no interesse da melhoria das condições da propriedade e do lar e da elevação do nível de vida das populações rurais (RODRIGUES, 1997).

Já foi mencionado que esse modelo de extensão rural trouxe um aumento populacional e incentivo econômico representativo para a região, mas por outro lado, quando se olha para a história da CANG, observa-se que esse modelo não conseguiu fazer com que os filhos reproduzissem o modelo social vivido por parte dos pais. Prova disso é que hoje não há remanescentes ocupando lotes na região, segundo relato dos entrevistados. Esses ainda disseram que os filhos, em busca de oportunidade de trabalho, estudo e de uma melhor qualidade de vida, migraram para as cidades, principalmente no Pará e Brasília. Os pais, influenciados pelos filhos, os acompanharam.

“O povo foi embora porque na época era muito difícil, o transporte era difícil, o medicamento era difícil”(Colono filho de assentado de 66 anos).

“As famílias eram grandes naquele tempo. Seis alqueires ficaram insuficientes para acomodar as famílias e não podia vender, mas muitos davam um jeitinho e iam para o Pará e logo apareceu Brasília. Muita gente abandonou isso aqui, porque a terra era insuficiente para essas pessoas. A gente aconselhava para não vender, mas não tinha jeito. Não dava para acomodar. Naquele tempo as famílias tinham 10 filhos e o governo Federal deixou isso aqui desamparado depois que emancipou, não tinha orçamento, não tinha vereador, não tinha nada que motivasse o povo ficar aqui”(Colono homem de 84 anos).

“Meu pai vendeu o lote e comprou um aqui perto da cidade pra gente estudar. Mais tarde venderam e foram embora. Foram trabalhar em uma chácara em Brasília. Minha família todinha foi embora e eu fiquei, casei e fiquei quieta aqui, só nessa casa aqui nós estamos mais de 50 anos. Mas eu fiquei com vontade de ir embora, eu pensava que lá em Brasília tinha muito mais campo pra gente trabalhar, mas o povo político falou que a gente tinha que ficar aqui para ajudar. Isso aqui foi bom para muitas pessoas. Foi bom eu ter ficado, só foi ruim pra nós para os meninos estudar que foi mais difícil. Tinha que sair de casa pra estudar né, porque aqui demorou demais pra ter um Segundo Grau bom, uma faculdade, então isso que foi difícil”(Filha de assentada de 70 anos).

Os últimos relatos demonstram a falta de motivação e incentivo dos jovens daquela época de darem continuidade ao que foi conquistado pelos seus pais.

Como afirma os entrevistados, a CANG, na época, décadas de 40 e 50, não oferecia grandes oportunidades de trabalho, estudo e nem infra-estrutura que incentivassem os jovens a construir seus projetos de vida futura. Além do mais, os entrevistados revelaram certa frustração, pois havia uma grande expectativa, por parte dos colonos de ser ali um lugar onde eles iriam encontrar apoio e incentivo do governo a fim de terem uma melhor qualidade de vida. Os depoimentos dos ex-colonos se tornam pertinentes para refletir acerca das atuais políticas públicas de reforma agrária: elas estão contribuindo para a ampliação do campo de possibilidades para que os jovens sintam-se estimulados a construir projetos de vida atrelados aos Assentamentos?

3.2 Caracterização do Assentamento Poções

O Assentamento Poções está localizado no município de Rialma-GO, a margem direita da BR-153 (Belém-Brasília), sentido norte, Km 297, a 12 Km do núcleo urbano.



Fonte: Adaptado de SEPLAN/SEPI, 2007.

FIGURA 7 – Mapa da região e localização do Assentamento Poções.

A história do Assentamento Poções, local onde os dados foram coletados, inicia em 1998 quando houve a ocupação¹² da terra organizada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG), que tem como finalidade coordenar e defender os interesses dos trabalhadores rurais goianos, formando um acampamento onde as famílias permaneceram por dois anos (PROHAN,2004).



FIGURA 8 – Lugar onde os assentados permaneceram por dois anos, até receberem a emissão de posse dos lotes, na beira do Córrego do Café. Foto tirada em agosto de 2007.

Os depoimentos a seguir expressam a forma de luta que os assentados do Assentamento Poções trilharam para conquistar suas parcelas, bem como narra a sua história, que é apresentada por uma de suas lideranças durante uma entrevista semi-estruturada.

¹² Segundo HEREDIA et. all (2002) a ocupação refere-se às ocupações massivas e públicas de terras, que se tornaram frequentes e consolidaram sua denominação nos últimos 15 anos, a partir do estímulo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mas que, no entanto se ampliaram para outros movimentos de luta pela terra ou mesmo para o movimento sindical. A autora classifica ainda essas lutas em: Resistência na Terra e os casos de “ocupações paulatinas”.

“O lugar que nós ficou foi lá naquele lote, nós ficou lá oito dias lá, onde eles chamava de Camará. Nós não conhecia a fazenda, entrou e ficou lá, aí deu oito dias nós começou a andar para procurar o centro e ficamos dois anos abarracado debaixo do pé de manga, na beira do Córrego do Café”.(Assentada de 58 anos)

“No Assentamento Poções eu tô desde 1999, desde o dia que sai lá de Anincuns. Constitui um grupo, entrou enriba de um caminhão, aliás, nois nem sabia pra onde ia quando veio, saiu um grupo na frente, outro atrás. Foi em 1999 que viemos pra cá. Assentado mesmo que constituiu, foi inicinho de 2001. Nois viemos e fomos pra Cirilândia e era para entrar numa fazenda lá, porque disse que a terra já tava lá disponível. O responsável do sindicato lá de Anicuns jogou nois lá. Chegou lá, tava cheio de jagunço vigiando. Acho que o pessoal do sindicato já sabia, aí largou nois e foi embora. Tinha um amigo nosso que não sabia nada, nem sabia escrever seu nome. Ele empeitou a liderança e não deixou nois entrar na terra, porque via que nois ia encontrar dificuldade, porque nois tudo era pessoa humilde e não veio pra qui pra brigar. Ficamos lá debaixo da ponte uns quatro meses, catando tomate do mato e pegando peixe nas lagoa pra gente comê, passando dificuldade, até que nosso líder começou andar na região. A gente procurou conhecer Ceres e Rialma, conhecer o presidente do sindicato que foi lá visitar a gente e deu referência dessa propriedade (Assentamento Poções). Nois viemo olhar ela, o pessoal falou que ela é acidentada, mas é bem localizada e que era terra boa. Aí passamos pra dentro e passamos realmente saber o que era a fazenda e realmente o proprietário Tunico tinha interesse em vender, tava doido pra sair. Então nois encontramos a chave que nois precisava. Nois quer terra pra trabaia e a gente não qué briga, entramos pra dentro da fazenda, entramos pra herdar. Não chegou dois anos, nois foi sorteado no dia 12 de outubro de 2002 nos lotes. Aí nois poderia passar pra dentro dos lotes, mas não podia plantar nada (bananeira, café, esses trem...) Não podia plantar nada porque talvez quando fosse dividir, talvez aquele lugarzinho que você plantou saia pra outro. Ia dá problema, então aí que nois conseguimos sair do acampamento. Cada um foi pra seus lotes, mais nois ficamos praticamente quase dois anos parado ainda, esperando dividir. Quando veio a divisão, que dividiu nois falou que agora é aqui, mas ainda não pode fazer nada ainda, tem que esperar julgar a divisão, enquanto não julgar a divisão não tá legal e naquele momento o INCRA entra em greve e dá aqueles problema. Então nois ficou quase dois anos parado na barraca lá, dentro da sua terra, mas sem quase fazer nada pra depois nois pegar. Aí quando nois pegamo a terra que saiu o primeiro PRONAF “A” pra nois, nois deslanchou. Aí nois foi embora, aí nois queimou a língua dos vizinhos. Foi 67 famílias e dessas 67 uns 15 venderam, e pra mim foi o trem mió que teve, não tinha interesse, fazia rolo aí dentro, aí é só problema, não ajuda, mancha a imagem do assentamento. Onde esse pessoal tava, você chegava em Rialma, você não agüentava, você tinha que entrar nas ruas do fundo porque toda rua tinha era gente falando do assentamento, povo isso, povo aquilo. Esse pessoal venderam e foi embora. Hoje nois temo privilégio em Rialma e até nois ajudou melhorar Rialma porque quando nois tava acampado, nois catava tomate, arrumava um dinheirinho aqui em Rialma, mas chegava aqui na feira não achava queijo, não achava ovo, não achava

nada. Hoje nós fazemos a feira do produtor toda sexta-feira. Ela é a feira do produtor rural. Ela foi constituída em cima das associações e cooperativas. Tanto pra pessoa participar, ela não depende só ser produtor rural, ela tem que tá participando de associações e cooperativas”(Assentado de 38 anos)”.

A implementação do Assentamento Poções não teve como objetivo atenuar violência de conflitos sociais no campo, uma vez que a ocupação não apresentou essa característica, mas percebe-se que houve uma melhoria significativa da qualidade de vida dos diversos atores envolvidos nesse projeto e, ainda, segundo o entrevistado, é nítida a integração dos assentados às comunidades circunvizinhas, os quais passaram a produzir para suas “subsistência” e comercialização do excedente. Tanto que a totalidade dos entrevistados defendeu que a qualidade de vida no Assentamento é melhor em relação a que usufruíam anteriormente.

A própria constituição do Assentamento, na percepção dos entrevistados, apresenta-se como uma estratégia de inserção social por parte dessa população, uma vez que “ter um lote” passou a ser uma oportunidade, pois os lotes possuem uma grande valorização financeira¹³. A constituição do Assentamento propiciou, portanto, o acesso à “propriedade” da terra por parte de uma população historicamente excluída e que, embora mantendo algum tipo de inserção no mercado de trabalho, o fazia em condições bastante instáveis e precárias.

Esse “empoderamento” dos assentados possibilitou-lhes uma ampliação do campo de possibilidade de inserção social para os jovens, mesmo que o relato supracitado deixe explícitas as dificuldades encontradas por eles. Dificuldades essas ligadas ao desejo de conquista, de luta e de realização pessoal de uma grande parte dos assentados em conseguir um pedaço de terra a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida para a família e a busca por oportunidade de trabalho. Mostra ainda a preocupação dos assentados em manterem uma imagem positiva do Assentamento, uma vez que o informante

¹³ Em abril de 2008, um hectare de terra na região do Assentamento Poções custava cerca de R\$ 8.000,00. Como os lotes tinham em média 24 ha, cada parcela estava sendo avaliada entre R\$ 200.000,00 a R\$250.000,00, segundo os técnicos da AGENCIARURAL.

destaca a não identificação de um grupo de moradores com a identidade¹⁴ de assentado, deixando transparecer sua satisfação quando esses venderam seus lotes.

Também foi possível perceber que a leitura do informante no tocante à Cooperativa dos Agricultores Familiares do Assentamento Poções de Rialma-GO (COOPAFAP) e em relação à Associação dos Assentados do Projeto Poções é muito positiva, sendo ambas vistas por ele como instituições que fomentam a produção e promovem a comercialização, bem como a aquisição de insumos a valores mais acessíveis. Mas, mais do que o aspecto produtivo, o que este depoimento parece valorizar é a conquista da organização por parte de um grupo de pessoas que foram deixadas no início do processo de luta pela terra, quase que a própria sorte.

A história do Assentamento Poções foi relatada de diversas formas por parte dos assentados contendo o mesmo conteúdo, porém, cada um enfatizou um ponto que chamava mais sua atenção, detalhando assim todo o processo de conquista da terra. Ficou evidente durante as entrevistas que as famílias oriundas de Anicuns-GO foram as primeiras a iniciar todo o processo de ocupação da terra e mais tarde a notícia começou a se espalhar e outras famílias procuraram, também, fazer parte desse processo. Os assentados percebem que durante o processo de luta, no acampamento, havia uma homogeneização dos interesses que garantiam uma mobilização para conquista da terra, mas que essa foi se diluindo no assentamento, iniciando um processo de diferenciação, em função da busca de estratégias que garantissem a produção e reprodução social dos assentados.

Os assentamentos de reforma agrária no Brasil possuem histórias que diferem uns dos outros no tocante a forma de conquista, infra-estrutura, diversidade de parceiros, atores e conflitos. Para Bergamasco e Norder (1996) essa diversidade pode ser agrupada em cinco tipos de assentamentos rurais: 1) projetos de

¹⁴ Para Ciampa (1987), a identidade é entendida como um processo de construção, de representação de si, considerando o contexto social e a historicidade, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e, quando isso ocorre, ela muda de acordo como é vista e interpretada pelos outros.

colonização formulados durante o regime militar, visando à ocupação de áreas devolutas e a expansão da fronteira agrícola; 2) reassentamento de populações atingidas por barragens de usinas hidrelétricas; 3) planos estaduais de valorização de terras públicas e de regularização possessória; 4) programas de reforma agrária através da desapropriação por interesse social e 5) a criação de reservas extrativistas para seringueiros da região amazônica e outras atividades voltadas ao aproveitamento de recursos naturais renováveis.

Dentre essas formas supracitadas pode-se classificar o Assentamento Poções no grupo dos programas de reforma agrária via desapropriação por interesse social, visto que a área destinada ao Assentamento Poções correspondia a uma grande fazenda de criação extensiva de gado de corte e que, conforme os depoimentos, foi desapropriada pelo governo a título de dívida. Em 2000, 67 famílias, num total de 240 moradores, receberam a “emissão de posse”, documento de propriedade da terra e foram distribuídas em lotes de, em média, 24 hectares cada. As famílias eram provenientes de Rialma, Ceres, Goianésia, Inhumas, Rubiataba e Anicuns (cidades do Estado de Goiás).

No que diz respeito aos aspectos naturais, apenas uma pequena parte dos 2.900 hectares, cerca de 10%, permanece com a cobertura vegetal nativa. Houve a substituição do cerrado nativo por pastagens artificiais com a degradação ambiental característica deste manejo. Desde o ano 2000, procurou-se manter as áreas de reserva legal e de preservação permanente protegidas (PROHAN, 2004).



FIGURA 9 – Vista parcial da área de reserva legal do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2006.

No assentamento existem oito nascentes permanentes e todas com redução de vazão na seca. As nascentes são na sua maioria de encosta e culminam em três córregos: o do Café, Camará e Cachoeira. Como é próprio da cultura local, os córregos delimitam regiões distintas, dividindo os assentados em três regiões: Região do Córrego do Café, Região do Córrego Camará e Região do Córrego Cachoeira (PROHAN,2004). Em conversa com os assentados, percebeu-se uma subdivisão não presente nos dados oficiais do Assentamento que é a região nomeada por eles de “Região da Paiada”, em decorrência de ser ali uma área destinada a plantio de lavouras sazonais (arroz, milho, feijão etc.) por muitos anos e de costume local a utilização das socas “palhadas” para alimentar o gado.

“A parte do “Paiadão” recebeu esse nome porque lá tinha uns moradores de café e depois plantou milho e o Tunico Toqueiro comprou isso aqui e soltou a boiada no meio do milho e deixou comê e ficou a paiada de milho. Aí quando perguntava, cadê o gado? Tá na paiada e virou, “Paiadão” porque o terreno era grande demais e ficou bom(Assentado de 45 anos).



FIGURA 10 – Foto do mapa do assentamento. Foto tirada em novembro de 2007.

Outro fato que merece atenção, diz respeito ao nome do Assentamento Poções. Durante o trabalho de campo foi apresentado pelos assentados que esse nome está relacionado ao nome de um local do Rio das Almas denominado de Poção. É um local onde o Rio faz um grande poço que é conhecido pelos ribeirinhos pela sua piscosidade e também pela periculosidade oferecida, uma vez que morreram muitas pessoas afogadas nesse lugar. Está localizado entre Rialma e Ceres, próximo ao Assentamento Poções. Assim, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ceres, junto com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG) nomeou a região da fazenda do Assentamento de Poções para facilitar a identificação da área.

3.3 Cultura e Sociabilidade das Famílias do Assentamento Poções

As famílias¹⁵ do Assentamento Poções são pequenas, com a média de 3,6 pessoas por núcleo familiar. O número médio de filhos por família morando no

¹⁵ O conceito de família adotado neste trabalho é mais abrangente, incluindo, além do núcleo familiar propriamente dito (a pessoa de referência, o cônjuge e seus filhos), outros parentes e os agregados que vivem no mesmo domicílio (GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Assentamento Poções é de 1,6 filhos. Observou-se que dos 30 casais entrevistados, oito moravam sozinhos e possuíam, em média, mais de 55 anos de idade. Essa característica difere um pouco dos assentamentos estudados por Heredia *et al.* (2002), onde os autores relatam que as famílias possuíam, em média, três filhos. As famílias são nucleares, sendo compostas por pai, mãe e filhos. Em duas casas observou-se a presença de parentes (tia e tio) e em três a presença dos netos morando com os avós.

As pessoas de referência das famílias do Assentamento Poções são os homens, os quais se apresentam como chefe da família, que são estruturadas dentro de um modelo tradicional. Foi identificada a presença maior das mães e filhas em casa, cuidando dos filhos pequenos, dos afazeres domésticos, das pequenas criações e da horta. Os pais e os rapazes trabalham na lavoura e assim que voltam, realizam em casa atividades de manutenção da propriedade como a recuperação de cercas, manejo e arraçoamento de animais, reforma da casa, poda de árvore etc.

As famílias se organizam em grupos por afinidades e objetivos em comum. Nos finais de semana, esses grupos se reúnem para festas de casamentos, aniversários, rezas, orações e jogo de cartas. Nos dias de verão vão ao rio das Almas para pescar e banhar. Para os pais e os filhos a diversão mais freqüente nos finais de semana é o jogo de futebol no campinho de terra batida localizado no terreno da Associação. Fazem, ainda, “churrasquinho na casa dos amigos”, onde cada pessoa doa o que tem em casa para fazer a comida e a bebida é comprada na cidade e rateada entre os homens.



FIGURA 11 – Campo de futebol do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2007.

Quando é aprovado um projeto para o Assentamento, promove-se um evento especial para todos a fim de comemorarem. As famílias demonstram uma satisfação enorme pelo fato de se reunirem, pois é um momento de muita alegria, danças de forró, comidas, bebidas, conversas, namoros, enfim, é um momento de muita descontração. Nessas oportunidades, as famílias estendem o convite para pessoas da cidade como líderes da AGENCIARUAL, da ONG, amigos e familiares com o intuito de celebrarem com eles esses momentos de festa.

“Aqui a gente reúne muito pra fazer festa, nós recebe muita doação, quando esse pessoal do Pio X faz um projeto, eles fazem uma festa para comemorar. Nós vai na casa do vizinho comemorar o aniversário, nós tem encontro de oração nas casas, sexta, tem novena que nós é convidado aí nós vamos. Nós tem que sair senão a gente não agüenta. A feira serve pra distrair, nós vai na feira para passear também”.(Assentada de 48 anos).



FIGURA 12 – Comemoração da renovação do Projeto Ambiental. Foto tirada em fevereiro de 2008.

A maioria das famílias entrevistadas (16 – 53,33%) se reconhece como católicas. dez (33,66%), afirmam ser evangélicos e freqüentam uma igreja no Assentamento ou vão para a cidade nos finais de semana, porque vem um carro da igreja para buscá-los. Quatro (13,33%) não se comprometem com nenhum tipo de religião, mas essa descrença não os impedem de freqüentar tanto a igreja evangélica quanto a católica, pois em suas interpretações o importante é freqüentar um lugar que se fale sobre a palavra de Deus.

“A nossa religião aqui é qualquer uma, onde tem a palavra de Deus nós estamos indo. Tem a católica, eles convidam a gente vai, tem os crentes, eles convidam a gente vai também...Aqui ninguém tem restrição de religião”(Assentado de 44 anos).

As principais atividades religiosas, com maior participação das famílias, são a reza¹⁶ noturna, durante a semana na casa dos assentados, e o culto¹⁷ noturno na igreja. Outro ritual reconhecido pelas famílias como importante é o casamento religioso. Casam-se na igreja da cidade onde tem um pastor ou um padre e comemoram a festa no Assentamento.

“Quando alguém vai casar aqui, casa na cidade e comemora aqui na roça. Aqui tem uma igreja evangélica, mas quando tem casamento o casal vai

¹⁶ A reza é um ritual de uma parte dos assentados onde eles se reúnem para rezar o terço, ou realizar alguma novena em homenagem a algum santo. Não precisa da presença de padre e é conduzida por uma liderança local, na maioria das vezes uma mulher.

¹⁷ O culto é uma celebração bíblica com a presença do pastor ou de um seminarista para adoração e louvor a Deus.

receber a benção do pastor na cidade, porque aqui é filial. Se o pastor puder vir aqui ele faz o casamento”.(Assentada de 38 anos)

ACERVO DA PESQUISADORA



FIGURA 13 – Igreja evangélica no terreno da Associação do Assentamento Poções. Foto tirada em novembro de 2007.

3.4 Compreendendo o Campo de Possibilidades com que Contam os Jovens Assentados do Poções

Neste tópico, será apresentado o campo de possibilidade com que contam os jovens do Assentamento Poções para a realização das suas projeções futuras. Para tanto serão abordados temas como as possibilidades de assessoramento e crédito disponível para esses, a infra-estrutura do Poções como atrativo ou repulsa para os jovens do Poções, bem como as formas de organização socioeconômica das famílias no Assentamento.

3.4.1 Assessoramento e Crédito

Uma das grandes dificuldades mencionadas pelos jovens do Poções, no tocante a conformação de seus campos de possibilidades, é a falta de acesso ao sistema de

crédito e a carência de assistência técnica ou assessoria para fomentar e conduzir projetos de produção. No período de organização, os assentados receberam o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ceres, Igreja Católica de Rialma e Prefeitura Municipal de Rialma. O governo federal, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), fez a distribuição da terra e disponibilizou assistência técnica com a contratação de um técnico agrícola. Fomentou a aquisição de vacas leiteiras, construção de cercas, currais, moradia e custeio de lavoura via financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) (PROHAN, 2004).

Porém, os assentados relataram que algumas instituições deixaram de ser atuantes no Assentamento (CUT, INCRA, CPT), deixando-os sem apoio e financiamento de projetos, principalmente, por falta de técnico responsável.

“Nós só temos apoio quando temos técnico. Nós não temos técnico. O nosso técnico era da Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário (AGENCIARURAL¹⁸), ele orientava, dava curso, nas plantas dava remédio e tava bom. Tem dois anos que nós estamos sem técnico. Agora, quando o técnico vem, aí vem junto com ele o apoio da prefeitura”. (Assentado de 58 anos).

“Nós não temos um técnico agrícola e sem um técnico a gente não consegue nada, não consegue um financiamento, não tem um técnico para olhar a terra se é boa para o plantio, se você ficar aqui dentro sem um técnico você é um agricultor cego. Ou você paga particular ou fica pedindo favor para AGENCIARURAL. Já tem uns dois anos que estamos sem técnico”(Assentado de 44 anos).

Das 30 famílias entrevistadas, somente quatro não utilizaram do financiamento do Pronaf em sua linha de crédito “A”, que oferece aos agricultores familiares três tipos básicos de financiamento: para *custeio da produção*, para *investimento* e para a *comercialização*. Dentro das categorias básicas de créditos de custeio e investimento, o Pronaf tem várias linhas de financiamentos distintas, com

¹⁸ A Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário (AGENCIARURAL), órgão da Secretaria de Agricultura do Estado de Goiás, foi criada em novembro de 1999 e é o resultado da fusão da EMATER – GO, do Instituto de Defesa Agropecuária (IGAPE) e do Instituto de Desenvolvimento Agrário, de Regularização Fundiária (IDAGO) (AGENCIARURAL, 2007).

diferentes valores de empréstimo e taxas de juros. Existem cinco linhas principais de investimento (Grupos A, B, C, D e E) e quatro de custeio (Grupos A/C, C, D e E), que atendem aos cinco Grupos socioeconômicos de agricultores familiares classificados pelo Pronaf (Brasil, 2004). Como no Assentamento Poções os agricultores familiares correspondiam a agricultores assentados pela reforma agrária e ainda estão recebendo créditos específicos para estruturação das suas unidades de produção, o grupo de enquadramento da linha de crédito foi o Grupo A.

De um modo geral, as famílias entrevistadas elegeram como principal dificuldade na aplicação dos recursos financeiros a falta de projetos técnicos e, quando os tinham, eram baseados em um tipo de ação extensionista descontínua, pontual, pouco participativa e pautada pela premência de viabilização dos projetos técnicos. Ficou clara, por parte dos assentados, a insatisfação por não terem orientação de um técnico nas suas tarefas cotidianas, uma vez que esses consideram a assistência técnica importante para instruí-los de forma correta quanto às atividades desenvolvidas na propriedade. O quadro a seguir revela o destino principal do financiamento.

Tabela 1– Utilização do crédito do PRONAF “A”.

Finalidade da utilização do PRONAF “A”	Número de famílias	
	n.º	%
Aquisição de animais	17	56,6%
Plantio de lavoura	13	43,3
Construção de cerca	7	23,3
Aquisição de maquinário	5	16,6
Formação de pastagem	4	13,3%
Não Utilizou o PRONAF “A”	4	13,3%

Fonte: Dados da pesquisa. Admite respostas múltiplas.

Da Tabela acima, depreende-se que o crédito do PRONAF é um importante instrumento que o agricultor do Assentamento Poções pode utilizar para melhorar sua exploração e conseguir melhores rendas, mantendo ou ampliando sua capacidade de produção sustentável. Entretanto, essa linha de financiamento não tem conseguido alcançar, de forma satisfatória, os jovens do Poções,

principalmente pela falta de apoio da assistência técnica. Os jovens entrevistados demonstram dificuldade em listar instituições que sistematizem uma forma de acompanhamento de suas atividades. A única organização reconhecida por eles que faz isso é uma ONG que será apresentada no próximo tópico.

3.4.1.1 O Assessoramento prestado pela Associação Hospital São Pio X

Desde o ano de 2000, a Associação Hospital São Pio X - uma entidade filantrópica de assistência à saúde - que através do Projeto Hanseníase e Desenvolvimento Comunitário (PROHAN), que é uma Organização Não Governamental (ONG) que vem realizando na área do Assentamento Poções, em parceria com a Petrobrás, projetos voltados para a recuperação e a conservação dos recursos hídricos. Além desse projeto, a ONG também desenvolve atividades que visam o desenvolvimento comunitário sustentável via fortalecimento da renda familiar. Para tanto, atua como mediadora na captação de recursos e investe na formação profissional dos assentados e na diversificação das atividades produtivas, tais como granja de frangos e porcos, apicultura e produção de plantas e medicamentos fitoterápicos. Toda a produção oriunda dos projetos é comercializada e parte dos recursos auferidos é reinvestida nos projetos e o restante dividido entre os assentados participantes. (PROHAN, 2004).

Segundo o técnico que atua nos projetos dessa ONG, os projetos desenvolvidos no Assentamento visam à participação de todos os assentados, desde as crianças até os mais adultos, não havendo um projeto específico para um determinado grupo. Ainda, segundo ele, uma das dificuldades encontradas é que os assentados demonstram insegurança, medo e dúvida em aplicar novas formas de trabalho e preferem manter seu modo tradicional de realizar uma atividade do que se arriscarem em algo que não conhecem. Segundo um dos entrevistados,

“Esse projeto atingiu nossos objetivos, foi muito bom, só não foi muito melhor ainda porque essa ONG do Hospital Pio X não entendia nada de campo, de terra, de terreno e nós também era um pouco leigo, nós não soube administrar muito dinheiro, mas hoje eu tenho certeza que esse renovoamento desse projeto vai ta melhor ainda do que já passou, porque hoje nois

aprendeu. Primeiro projeto da região, foi o nosso, em Goiás, veio dois da Petrobrás, veio um pra nós e outro pra João Leite em Goiânia. Quer dizer que aí, é aonde que nois ficou mais empolgado de ser um dos primeiro a receber o projeto em Goiás, aí, pra nois, nois ficou mais feliz e trabalhamos encima, porque quando as coisas dá certo, você gosta daquilo, aí as coisas vai,mas quando vem um trem que não dá certo, você não gostou daquilo, aí não dá certo, nois gostamo desse projeto, de reflorestamento nascente, cercar nascente, de fazer muda. Com esse projeto, gerou emprego, gerou renda, inclusive o que a gente acha mais interessante é que inicialmente quando o projeto veio pra recursos físicos do PA Poções para reflorestamento, isso pra nois era obscura, ah...mexer com isso? Plantar árvore? Aroeira eu to rancando né, e hoje com o esclarecimento maior, através de oficinas que fizeram e até também nos resultados que nós tivemos, nois tamo vendo né, que várias nascentes foram fechadas e reflorestadas, nós podemos ali constatar o aumento do fluxo da água, então hoje, a consciência do PA Poções em termos de nascente e água é outro, qualquer um que você perguntar hoje, ele fala, não eu tenho que respeitar isso aqui, aquilo outro porque foi bom pra nós”(Assentado de 38 anos).

Nessa fala percebe-se que os assentados depositaram com restrição sua confiança e esperança nessa ONG. Com a implementação do Projeto do PROHAN, muitas famílias assentadas tiveram um ganho significativo na sua capacidade de geração de renda, levando-as a pensarem em outras possíveis estratégias de reprodução social para seus filhos, inclusive, via escolarização. Porém, no que diz respeito ao campo de possibilidade de inserção social do jovem assentado, somente dois (8,33%) dos 24 jovens entrevistados atuam diretamente na ONG, um no viveiro-escola e outro no projeto suinocultura. Ou seja, essa ONG não se objetivou como um campo de possibilidade para os jovens do Poções.

3.4.2 Infra-estrutura do Assentamento Poções

Outro quesito que influencia no campo de possibilidade dos jovens do Assentamento Poções é a infra-estrutura. Essa, que se assemelha a tantos outros assentamentos no Brasil, assim como foi na CANG na década de 1940, não é um atrativo para os jovens. Para se ter uma idéia, a água, segundo os entrevistados, é captada de córregos e nascentes sendo utilizada sem qualquer tratamento prévio. Só a partir de 2006 que 41 famílias (64,1%) passaram a ser abastecidas por água potável, por estarem vinculadas ao (PROGRAMA PETROBRAS AMBIENTAL 2007). Não há saneamento básico e o lixo é descartado individualmente, sendo

queimado ou enterrado. Em decorrência da falta de infra-estrutura básica, são freqüentes as doenças infecto-contagiosas, principalmente, nas crianças e os assentados encontram dificuldades para o acesso à assistência médico-sanitária.

“As estradas aqui é ruim porque não é encascalhada, você pode passar de carro e onde não tem cascalho tem umas pedras que ta apontando e cada vez que vai chovendo elas vão apontando mais e o carro patina e não sobe. Tinha que encascalhar as estradas e abrir mais um pouquinho porque elas é muito estreita, tem lugar que não dá para cruzar dois carros”(Assentado de 43 anos).

A topografia do Assentamento Poções é montanhosa e servida por estradas de terras em condições que dificultam a passagem dos assentados de carro, moto, carroça, cavalo, bicicleta e até mesmo a pé, principalmente em épocas de chuvas quando os córregos transbordam e as estradas ficam intransitáveis. As estradas vicinais desembocam na BR-153 (Belém-Brasília) que liga o Assentamento Poções a cidade de Rialma, a 12 Km.



FIGURA 14 – Foto aérea mostrando a topografia do Assentamento Poções em agosto de 2007.



FIGURA 15 – Foto tirada em janeiro de 2008, que mostra as condições das estradas do Assentamento Poções.

O deslocamento das famílias para Rialma se sucede de diversas maneiras, mas a principal condução utilizada é por meio de um veículo *Volkswagen Kombi* pertencente à Prefeitura Municipal de Rialma que faz o transporte escolar dos alunos do Assentamento nos três períodos (matutino, vespertino e noturno). Os assentados aproveitam a oportunidade para pegar carona e ir até a cidade quando têm que resolver algum problema. Também é grande o número de pessoas que fazem o percurso entre o Assentamento e a cidade a pé, cavalo, bicicleta, carroça, automóvel próprio, moto e ônibus que passa de hora em hora na Rodovia BR-153. Essa mobilidade para o meio urbano se faz necessária, principalmente para ir ao médico, ao banco, às festas da igreja ou da cidade, fazer compras, estudar, ir à casa de parentes ou amigos e para vender o que produzem.

3.4.2.1 As Condições de Moradia

No Assentamento Poções, os jovens não estão alheios às mudanças que, atualmente, se processam na sociedade brasileira. Eles almejam moradias dignas e se sentem compelidos a lutarem para a realização desses projetos. Acreditam que um lugar confortável para morar poderia aumentar a esperança, a segurança e a auto-estima, contribuindo para a realização de seus projetos de vida. Já tiveram muitos progressos, tanto que as casas do Assentamento Poções são de alvenaria. Os assentados receberam créditos específicos do INCRA, via Caixa Econômica Federal, para a construção de suas casas no valor de R\$ 2.500,00. Houve, também, um crédito suplementar de R\$1.500,00. O projeto original versava uma casa de 6m x 7,5m, num total de 45m². Foram construídas no sistema de mutirão e, hoje, não apresentam o mesmo padrão, pois seguiram estratégias diferentes de ampliação. Das trinta casas visitadas somente uma manteve o modelo original sem nenhum investimento. Possuem energia elétrica e água encanada proveniente de cisterna ou mina.

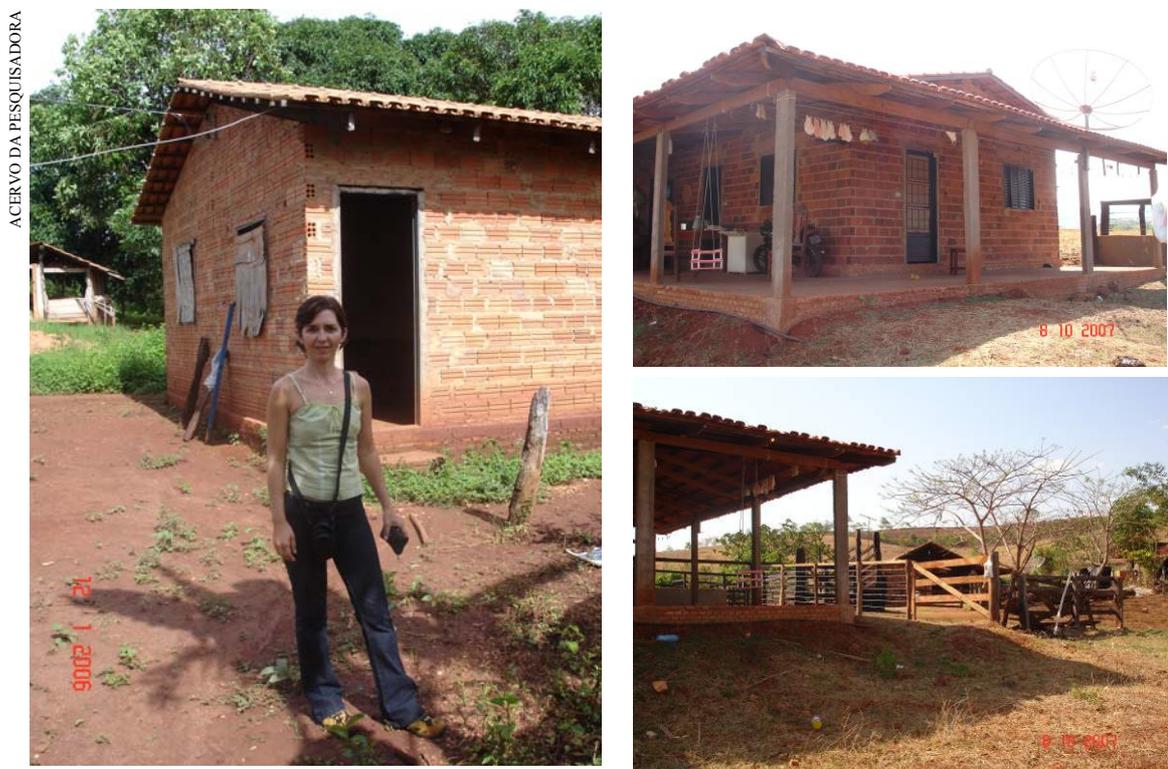


FIGURA 16 – Fotos que demonstram casa padrão, casa ampliada e duas casas no mesmo lote (2007).

As casas estão localizadas nos lotes, o que segundo Heredia *et al.* (2002) é uma tendência nos projetos de assentamentos no Brasil, o que se confirma com o INCRA às agrovilas. As casas distam, em média, 1.500m umas das outras e somente em três casos foram observadas duas casas em um mesmo lote. O fato ocorreu porque os filhos se casaram, foram para a cidade trabalhar e por terem encontrado dificuldades de trabalho e sustento voltaram para o Assentamento e construíram suas casas no lote do pai.

Ainda em relação à moradia, os assentados também buscam proporcionar maior conforto para suas famílias. Para tanto, dispõem de eletrodomésticos (geladeira, fogão a gás, liquidificador, tanquinho de lavar roupa, ferro elétrico, rádio e televisão) e em 26 casas foi observada a presença de antena parabólica. Em relação aos meios de comunicação, todas as famílias entrevistadas possuem televisão e rádio, sendo este o principal meio de acesso à informação externa. Através dos programas de rádio os assentados obtêm informações sobre acontecimentos nacionais e também informações relacionadas às suas práticas diárias, inclusive programas que promovem debates com especialistas ligados à agropecuária, empreendedorismo etc. Essas “informações” também contribuem para a ampliação do campo de possibilidades de inserção social dos jovens do Poções.

3.4.3 Formas de Organização Socioeconômica no Assentamento Poções

Outro fator que amplia o campo de possibilidade de inserção social dos jovens do Poções é a Associação e a Cooperativa presente no local. Essas organizações são vistas pelos assentados como uma forma de superar as dificuldades encontradas por eles no cotidiano e de abrir novos horizontes para seus filhos na busca de um futuro mais promissor. Assim, como uma das primeiras iniciativas, ainda no período de acampamento, criou-se a Associação dos Assentados do Projeto Poções que almejava o fortalecimento dos laços comunitários locais. A Associação recebeu, como doação do INCRA, um trator de pequeno porte para ser utilizado de forma comunitária pelos assentados. Fazem parte dessa Associação as 67 famílias assentadas.



FIGURA 17 – Sede da Associação dos Assentados do Projeto Poções. Foto tirada em agosto de 2007.

“A Associação foi fundada desde quando nois tava abarracado porque a Associação toda vida ela tem que correr desde quando acampou já tem que constituir uma associação porque o INCRA não recebe qualquer um, seu eu for lá, eles perguntam: Quem é você? Eu sou Fulano. Agora se eu chegar e dizer que sou presidente da Associação do PA Poções, aí a coisa já muda. Associação é uma entidade sem fins lucrativos, ela zela mais é pelo lado político, lado social, é correr atrás de benefício, bem-estar do assentamento, é estrada, é uma coisa ou outra, nas questão de legalização inicial de assentamento, é uma entidade não pode ser extinguida porque há a necessidade dela dentro de um assentamento, até pra correr atrás de projetos, de financiamentos. Eu creio que a Cooperativa e a Associação tem uma diferença. Na Cooperativa trás o pessoal que realmente quer, tem uma mentalidade assim de um trabalho comunitário, agora na Associação são todos os assentados que no início entra e associa, até pra legalizar, pra ter acesso as vantagens, aí sim, mas assumir o compromisso, a Associação acarreta grande dificuldade”(Assentado de 38 anos).

Interessante destacar nessa fala que a Associação se apresenta como uma organização a qual todos os assentados, de certa forma, precisam participar, uma vez que a participação é vista por eles como uma forma de terem peso político nas reivindicações e negociações perante o INCRA e órgãos de fomento. Há certa diferenciação em relação à Cooperativa, sendo que essa é vista como um meio de satisfazer aspirações e necessidades, principalmente econômicas, assim como necessidades sociais e culturais comuns. Tanto a Associação quanto a

Cooperativa baseiam-se em valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade e apresentam-se como uma possibilidade a mais para os jovens do Poções no tocante ao campo de possibilidade de inserção social.

“A Cooperativa é o seguinte: Quando o INCRA distribui um terreno, ele reserva um lote para Cooperativa, aí já começa a influência de cooperativismo né, de fundar a Cooperativa, aproveitar aquele lote, explorar aquele lote e foi o que aconteceu aqui. Quando o INCRA colocou nós aqui na terra, nós ficamos naquela influência, mas também a situação financeira não era boa na época, não tinha nem como trabalhar, nem como sair e ficou esperando, esperando, esperando anos o lote parado, e com dois anos, em 2002 nós resolvemos fundar a Cooperativa, também porque é o prazo que o INCRA dá, ou a gente funda a Cooperativa ou eles coloca outra família naquele lote. Aí quando venceu os dois anos nós fundamos a Cooperativa, porque aqui pelo menos uma parte dos assentados entende que a Cooperativa é uma ferramenta de trabalho, é uma ajuda né, mas não vê a Cooperativa como um ramo de vida, um investimento a mais, recurso a mais, onde nós vamos juntar, vender e comprar mais barato e assim por diante”(Assentado de 58 anos).

A Cooperativa dos Agricultores Familiares do Assentamento Poções de Rialma-GO (COOPAFAP) conta com 26 famílias cooperadas, com atuação majoritária dos homens. Não foi feito um levantamento da renda mensal dos cooperados, mas a impressão que se teve é que são os que possuem uma maior renda. A Cooperativa tem fomentado a geração de renda, via administração coletiva, com a aquisição de um tanque de resfriamento de leite com capacidade para 3.000 litros; a implantação de um viveiro de mudas com capacidade para 40.000 mudas, visando a comercialização do excedente e o reflorestamento dos lotes dos assentados; a implantação de uma mini-fábrica de ração e a implantação de uma granja de suínos comunitária com 15 matrizes.



FIGURA 18 – Fotos tiradas em agosto de 2007 que mostram o tanque de resfriamento, viveiro escola, granja de suínos e fábrica de ração.

3.4.4 As Atividades do Grupo Familiar

Existe uma estreita relação entre o trabalho do grupo familiar e a ampliação do campo de possibilidade dos jovens do Poções. Para tanto, faz-se necessário a análise das atividades do grupo familiar. As propriedades, chamadas pelos assentados de parcelas, possuem em média 24 há, estão em média a 12 km do centro urbano. A terra é fértil e bem servida de água, mas devido à topografia montanhosa da região, poucas áreas são agricultáveis. Essas características diferem-se um pouco dos assentamentos estudados por Heredia et al. (2002), onde os autores postulam que, geralmente, as terras destinadas aos assentamentos são improdutivas devido ao solo de fertilidade insuficiente para que se possa investir na produção agropecuária e a localização dos assentamentos está à grande distância em relação aos centros comerciais o que, de certa forma, desestimulariam os jovens a idealizarem projetos de vida futuros no assentamento.

No que diz respeito a forma de organização da produção do Assentamento Poções, abrange principalmente, a produção familiar mais individualizada. Existem, também, processos mais coletivizados (apicultura, projeto de suinocultura e viveiro), sendo que isso se relaciona com a estratégia para garantir o êxito do processo produtivo, que depende de recursos técnicos e financeiros, muitas vezes de difícil conquista isoladamente, demandando então formas associadas ou cooperadas e até mesmo via ONG para viabilizar o processo produtivo.

As principais plantações do Assentamento Poções são de milho, arroz e feijão, cujos cultivos fica perto da residência dos assentados. Produzem, também, poucas hortaliças, voltada principalmente para o consumo próprio (“subsistência”). Há também a criação de animais como bovinos, frangos e suínos, sendo a principal atividade econômica reconhecida pelos pais assentados entrevistados (21 – 70%) a bovinocultura de leite.

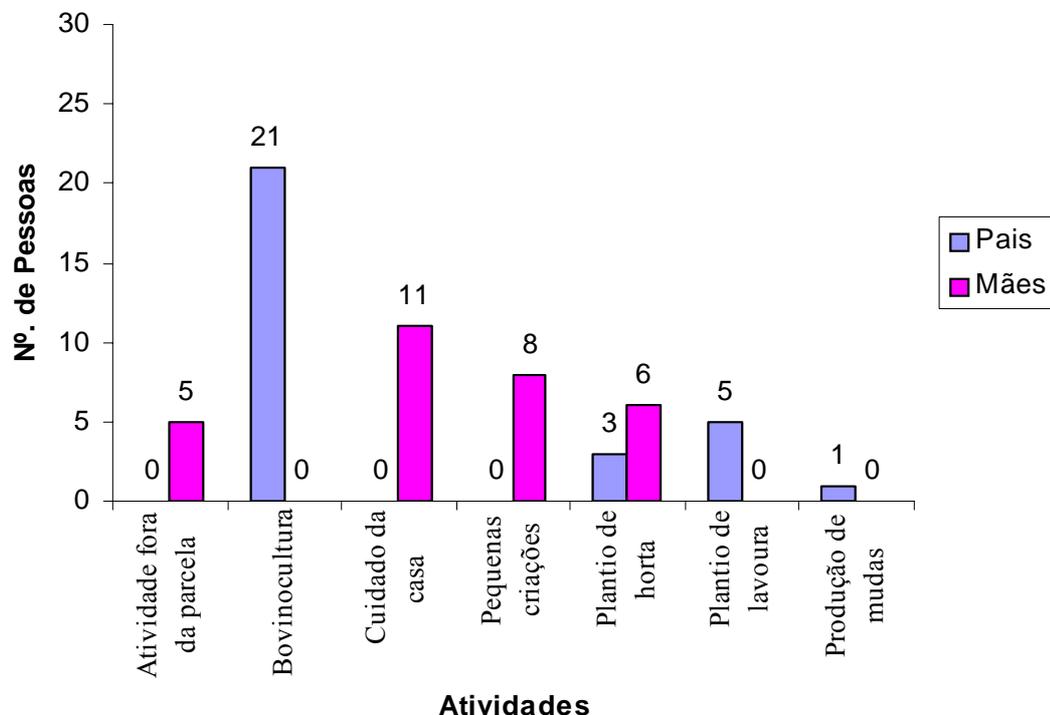


FIGURA 19 – Principais atividades dos pais e mães do Assentamento Poções. Fonte: Dados da pesquisa.

Através da Figura 19, percebe-se que os afazeres domésticos se concentram sob a responsabilidade das mães (11 – 36,6%). As mães se ocupam, ainda, da criação de pequenos animais, principalmente a avicultura (8 – 26,6%) e cuidam da horta (6 – 20%). Não foi reconhecida como principal atividade, mas tem um grande peso na renda familiar o beneficiamento do leite, visando a produção de queijo, manteiga e doces realizados pelas mães. Nas conversas com as mães, foi suscitado por elas que cinco (16,6%) ajudavam na renda familiar com o seu trabalho fora da parcela, sendo que uma (3,33%) trabalhava em seu próprio restaurante, juntamente com a filha, na cidade de Rialma-GO, uma outra (3,33%) vendia produtos de beleza dentro e fora do Assentamento e três (9,99%) trabalhavam como prestadoras de serviço para outros assentados (faxineiras, lavadeiras e passadeiras de roupa). Essas atividades fazem parte do campo de possibilidades dos jovens do Poções, mas o que se percebe é que esses gostariam de ter projetos futuros distintos desses apresentados na Figura 19.

Os pais estão presentes em todas as atividades, mesmo que, em algumas, de forma incipiente, mas a concentração de tarefas sob suas responsabilidades está na produção agropecuária e nos cuidados das instalações da propriedade. São responsáveis, também, pela comercialização do excedente, demonstrando uma grande preocupação em não outorgar essa responsabilidade às mães, uma vez que estas, as mães, manifestaram a vontade de montarem um ponto de comercialização de seus produtos na margem da BR-153 e foram desestimuladas pelos seus cônjuges.

Ainda para compreender as atividades do grupo familiar, conversou-se com quarenta e oito filhos. Eles concentram suas atividades fora da parcela, principalmente o estudo (14 – 29,2%) ou em outras atividades (13 – 27,2%) como diaristas, vigilantes, garçons, auxiliares de pedreiro, autônomos etc. A porcentagem de filhos que se envolvem em atividades ligadas à parcela é pequena. Somente três (6,4%) se ocupava com a bovinocultura e três (6,4%) com o plantio de lavouras. O número de filhos que não desempenha nenhuma atividade na parcela (10 – 20,3%) está relacionado às crianças que ainda não

estão em idade escolar. Isso demonstra que os projetos futuros dos filhos passam por uma realização fora da parcela.

A produção das famílias possui destinos variados. oito (26,6%) afirmam que é para o consumo próprio, enquanto que nove (30%) levam o excedente para ser comercializado em uma feira de produtores na cidade de Rialma-GO. Feira essa organizada pela AGENCIARURAL para a comercialização da produção dos pequenos produtores do município. Oito (26,6%) entregam o leite produzido por eles à COOPAFAP para ser comercializado e cinco (16,6%) possuem fregueses nas cidades de Ceres e Rialma.



FIGURA 20 – Feira do produtor na cidade de Rialma-GO realizada todas as sextas-feiras. Foto tirada em setembro de 2007.

A fonte de renda¹⁹ da maioria das famílias é proveniente de atividades agrícolas. Para 11 (36,6%) dos entrevistados, a renda das atividades agropecuárias é complementada pela renda proveniente da aposentadoria, sendo que desses, nove (30%) recebem um salário mínimo e dois (6,6%) recebem dois salários mínimos.

¹⁹ Para auferir a renda, foi perguntado quantos salários mínimos que a família recebe no final de um mês. O salário mínimo em outubro de 2007 era de R\$ 380,00.

A média salarial desses 11 assentados é de 2,5 salários mínimos. Se forem excluídos os rendimentos provenientes da aposentadoria, a média salarial cai para 1,8 salários mínimos. Faz-se necessário informar que nesta categoria (aposentados) encontraram-se dois extremos. Uma família que sobrevivia com apenas um salário mínimo e outra que o pai era aposentado com dois salários e ainda informou que produzia na parcela em torno de 5,5 salários mínimos por mês com atividades agropecuárias.

Para 18 (60%) dos entrevistados, a renda familiar era oriunda exclusivamente de atividades agrícolas. Desses, dez (33,3%) declararam que a renda mensal é de um a dois salários mínimos, quatro (13,3%) de dois a três salários mínimos e quatro (13,3%) de três a quatro salários mínimos. Somente um (3,33%) entrevistado afirmou que não aferia nenhuma renda e que sobrevivia com duas bolsas-escola oferecidas pelo governo estadual no valor de R\$ 30,00 cada e uma cesta básica oferecida mensalmente pela igreja católica de Rialma-GO. No geral, a média salarial mensal das 30 famílias entrevistadas era de 2,5 salários mínimos.

Independentemente da renda familiar, a maioria dos jovens entrevistados demonstra interesse pelo Assentamento Poções, principalmente como um lugar de tranquilidade e descanso. Os jovens em que a renda familiar não ultrapassa três salários mínimos defendem que a possibilidade de permanecerem na parcela é pouca. Esses jovens reconhecem a difícil realidade de suas famílias e elaboram estratégias que vão ao encontro das expectativas dos pais, ou seja, a de terem um futuro menos penoso, por meio de outras atividades fora da parcela. Esses vão para a cidade em busca de trabalhos que não exijam uma maior especialização. A saída definitiva desses jovens para a cidade vai depender da trajetória de vida individual, principalmente no tocante a rede social da família. Os jovens em que a renda familiar ultrapassa os três salários mínimos, as condições socioeconômicas proporcionam um maior acesso à sede do município, seja para estudarem, trabalharem ou se divertirem. Esses vislumbram um futuro também pautado nos centros urbanos, mas em atividades que exigem uma maior formação acadêmica.

3.4.5 Escolaridade

Todos as famílias entrevistadas acreditavam que a escolarização amplia o campo de possibilidades dos jovens do Poções, mesmo sendo o índice de analfabetismo dos pais de 8,3% e o tempo médio de escolaridade entre adultos de três anos em média. Entre os filhos não há analfabetos, todos já freqüentaram ou freqüentam a escola.

Tabela 2 – Nível de escolaridade de pais, mães e filhos entrevistados.

Nível de escolaridade	Pais		Mães		Filhos	
	n.	%	n.	%	n.	%
Abaixo da idade escolar	0	0%	0	0%	10	20,8%
Analfabetos	3	10%	2	6,6%	1	2%
Ensino Fundamental 1. ^a fase	12	40%	6	20%	9	18,8%
Ensino Fundamental 2. ^a fase	13	43,3%	20	66,7%	16	33,4%
Ensino Médio	2	6,6	2	6,6%	12	25%
TOTAL	30	100%	30	100%	48	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à escolaridade do grupo familiar pesquisado, três (10%) pais e duas (6,6%) mães se consideram analfabetos. Se considerar uma escolaridade inferior a quatro anos, 12 (40%) pais e seis (20%) mães são analfabetos funcionais²⁰. As mães apresentam um tempo médio de escolaridade (4,5 anos) maior do que a dos pais (três anos), fato esse justificado pelos pais pela necessidade de provimento da família os terem levado a abandonarem a escola mais cedo. Foi encontrado ainda um filho de 33 anos que se intitulou analfabeto, fato esse não presente nos dados do PROHAN.

No geral, os filhos possuem uma maior escolaridade do que os pais e muitos ainda se encontram na idade escolar. Os pais entrevistados são unânimes em afirmar que os filhos tanto do sexo masculino como feminino precisam estudar.

²⁰ Analfabeto funcional pode ser definido como o indivíduo maior de quinze anos e que possui escolaridade inferior a quatro anos (IBGE, 2006).

Vêm os estudos como condição de qualificação para o trabalho, necessidade da vida cotidiana atual e condição de existência social mais digna, defendendo que os filhos não devem parar de estudar.

“Sem o estudo, hoje não faz nada né, se for arrumar um serviço e não tiver um estudo, não consegue né. O estudo é igual para os dois, parece que as meninas estuda e parece que é mais fácil arrumar emprego para menina mulher do que para menino homem né, mas acho que é importante para os dois”(Assentada de 38 anos).

Não existe nenhuma escola no Assentamento e os estudantes precisam se deslocar até a cidade mais próxima. Esse deslocamento é feito através de estradas precárias e sem pavimentação. O acesso à escola é difícil, principalmente, em épocas chuvosas, havendo transporte escolar fornecido pela Prefeitura Municipal de Rialma. (PROHAN, 2004).

“(...) Levantar de madrugada todo o dia às cinco horas da manhã, a criança levanta assim, com o freio de mão puxado. O meu, apesar de tá acostumado a levantar cedo, mas mesmo assim, você vê dificuldade, pra nois aqui na roça não é bom, você pegar o seu filho 5h da manhã num frio, levá o bichinho batendo queixo no ponto ali. Eu já levei, mas é a mué que leva mais. Tem vez que esse corguinho enche e não dá nem pra passar. Aí tem que faltar a escola. A vantagem nossa aqui na roça é que a kombe vem aqui perto e pega seu filho, leva e traz né, mas não deixa de ter dificuldade. A kombe atola na estrada aí...ou quebra. Aí fica aquela preocupação, sem saber o que fazer”(Assentado de 43 anos).

Em Rialma há quatro escolas estaduais que oferecem o ensino médio. Funcionam em três turnos possibilitando, aos jovens do Poções que trabalham durante o dia, concluírem seus estudos no horário noturno. Todos os jovens entrevistados que estudam, o fazem em Rialma. A educação do ensino médio dirigida à formação geral possibilita a esses jovens tentar o vestibular público e privado, mas principalmente o público, já que a maioria das famílias relatou que não possui condições de pagar pela faculdade do filho. Para aqueles cujo interesse se dirige para os cursos profissionalizantes, em Ceres-GO, cidade separada apenas por um rio, os jovens deparam-se com o oferecimento de cursos técnicos ligados às

ciências agrárias (técnico em agricultura, zootecnia, agroindústria e meio ambiente) e técnico em informática.

Em relação ao ensino superior, os jovens do Poções dispõem de um Campus Extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Curso de Licenciatura Plena em Matemática em Rialma. Em Ceres-GO, há um campus da Universidade Estadual de Goiás (UEG) com os cursos regulares de Sistemas de Informação e Enfermagem e os projetos especiais com as licenciaturas de Pedagogia e Educação Física e o Curso de Biologia à distância, desenvolvido pelo Consórcio Setentrional para Licenciatura em Biologia, constituído por Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) vinculados à Unirede. Há, também, uma faculdade particular, FACERES, que oferece os cursos de Enfermagem, Farmácia e Administração Empresarial, uma unidade da Unievangélica que oferece o curso de Direito, uma unidade da UNIDERP INTERATIVA com os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Gestão de Saúde e Serviço Social.

3.4.6 Mercado de Trabalho do Entorno do Assentamento Poções

O jovem do Assentamento Poções tem, como ponto de partida para pensar o seu projeto pessoal, a possibilidade de herdar a propriedade familiar. A maioria, porém, não quer ser agricultor e em seu projeto profissional, vai considerar as opções de trabalho que existem no município ou vão ter que avaliar, como componente de seu projeto profissional, a possibilidade de migrarem para viabilizarem seu projeto de vida, principalmente quando é necessário adquirir conhecimentos técnicos através de cursos superiores.

As opções de trabalho para os jovens no Município de Rialma-GO são um pouco restritas, uma vez o município possui 30 estabelecimentos industriais, um laticínio, um estabelecimento bancário e 139 estabelecimentos do comércio varejista (SEPLAN/SEPI, 2007). O comércio é o principal mercado de trabalho para os jovens e, mesmo para aqueles que possuem o ensino médio, não há outras alternativas de trabalho que não sejam o comércio, como prestadores de serviços

(motoristas, eletricitas, corretores de imóveis, marceneiro e jardineiro) ou na construção civil.

O que se percebe é que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho atingem a todos, sem distinção, mas a pressão que elas exercem parece atingir mais fortemente, os jovens assentados. Para eles as oportunidades de educação e trabalho ainda se mostram inferiores em relação aos centros urbanos. O mundo do trabalho cada vez mais exige conhecimentos específicos, como a informática e o domínio de uma língua estrangeira, por exemplo, e, sobretudo, experiência, que, para aqueles que procuram o primeiro emprego, é um requisito difícil de ser cumprido, principalmente por aqueles que não possuem condições econômicas e acesso direto aos grandes centros. Sobra, então, muitas vezes o trabalho na agricultura como única alternativa ou como uma atividade secundária.

4. SER JOVEM NO ASSENTAMENTO POÇÕES

Neste capítulo, procurou-se identificar como os jovens que vivem no Assentamento Poções se definem como pessoas e como se compõem a percepção que têm sobre o que é ser “jovem” neste espaço social. Para tanto, foram analisados seus universos simbólicos a partir de sua fala, visão de mundo e seu comportamento – em cujos termos estes jovens realmente se representam para si mesmos e para os outros, nos diferentes espaços sociais em que circulam.

A primeira constatação foi a de que, devido à proximidade com o urbano e a permeabilidade das fronteiras entre o campo e a cidade, o jovem do Assentamento Poções tem experimentado uma vivência rural-urbana no seu cotidiano e isso vem interferindo nos seus hábitos, modo de pensar e de agir. Esse estreitamento das fronteiras foi percebido logo nos primeiros contatos, onde, aparentemente, não se observou diferenças nítidas de comportamentos entre os jovens urbanos e os jovens do Assentamento Poções em termos do seu jeito de vestir, falar, suas expressões corporais, bem como em suas diversões. Essas semelhanças se explicam no fato dos mesmos terem acesso a uma comunicação, via televisão e rádio, que produz uma homogeneização dos gostos e comportamentos, transparecendo a sensação de que todos fazem parte de um mesmo sistema. Ainda, todos os jovens entrevistados que estudam, o fazem na cidade e outros trabalham na cidade, intensificando o convívio desses com os jovens urbanos.

Eu gosto é de usar calça jeans, camiseta e tênis. Pra ir na cidade pra festa, pra passear, ir a igreja, aí a gente põe uma roupa mais novinha e até coloco uma camisa e sapato. Mas pra trabalhar aqui na roça, a gente põe uma calça velha e uma botina, se não estraga né! Gosto muito de comer sanduíche na cidade e ver as gatinhas de lá, mas bem que um franguinho caipira feito no fogão de lenha é bão também (Rapaz de 22 anos).

Eu vou na cidade andar lá, ir na igreja. Eu vou pra cidade na kombi, no carro da igreja que busca a gente aqui ou com o pai de algum amigo. O dinheiro que eu ganho aqui ta bom né, não tem outro lugar pra trabalhar né. Não é pouco nem muito. Eu gasto o dinheiro pra comprar roupa pra mim ou pra pagar alguma coisa pras meninas (Rapaz de 19 anos).

“Não existe diferença entre o jovem assentado e o jovem da cidade, se fosse antigamente até que tinha. Uns dez anos mais ou menos, tinha um pouquinho das pessoas falar: esse é da roça. Antigamente o pessoal da zona rural era muito acanhado, chegava na cidade, no meio da turma e ficava quetinho no canto. Eu mesmo era assim, quando eu vim pra cá, eu era bem vergonhoso, não tinha coragem de chegar numa turma de jovens para conversar, conhecer novas pessoas, mas isso aí com o passar do ano vai melhorando” (Rapaz de 20 anos).

A compreensão do significado do que seja “ser jovem do Assentamento Poções” se deu, também, a partir do conhecimento e compreensão das atividades e ocupações que esses desenvolvem no seu dia-a-dia, quer estejam relacionadas ao seu estudo, trabalho, práticas de lazer, religiosa, político-culturais. Assim, na tentativa de ultrapassar a questão meramente semântica e ver como eles são considerados por si próprios, foi indagado aos jovens, o que seria ser jovem no Assentamento Poções. As respostas foram diversas, mas podem ser agrupadas em quatro marcos.

O primeiro marco engloba a *questão escolar-profissional*. Para esse grupo de jovens a “entrada na vida adulta” se dá com o fim dos estudos e o início da vida profissional. Para esses, o fim da juventude se estabelece com uma autonomia financeira, apesar de que, em função da forma de produção de subsistência no campo, o “trabalho” está presente na vida dos sujeitos desde a infância, em regime familiar. Logo, é possível se perceber que a intensidade do trabalho, a autonomia em relação às tomadas de decisões e aos rendimentos sejam importantes marcadores entre a juventude e a vida adulta. No tocante aos aspectos educacionais, encerrar o processo de escolarização (Ensino Médio) está

mais relacionado com a possibilidade de acesso e permanência na escola do que à passagem para a vida adulta. Interessante se faz destacar que os jovens não deixaram de atribuir uma idade biológica como um marco da juventude.

“Eu sou jovem por causa da idade e porque eu estudo. Eu acho que jovem é a partir dos 12 anos já começa a ser jovem até aos 19 e 20 anos. Aí quando você termina seus estudos e começa a trabalhar você passa a ter mais responsabilidade e deixa de ser jovem” (Rapaz de 14 anos).

“Jovem é essa fase que tô, diversão, mas também tem as responsabilidades, assim...como se diz...dividindo as coisas, porque eu sou um jovem independente, eu quase não dependo do meu pai, então eu tenho a minha responsabilidade, tenho meu horário de lazer, de tá com a família e diversão, tem que saber dividir” (Rapaz de 20 anos).

A partida do domicílio familiar e a formação de um casal constituem o *segundo marco* identificado pelos jovens entrevistados como o momento de entrada na vida adulta. Porém, a constituição de nova família ou o nascimento do primeiro filho não se constituem necessariamente como o “rito de passagem”, mas somente se articulados com outros fatores. Concorrem, nesse sentido, a “seriedade” dos parceiros/as a partir da relação e da forma com que são assumidos os papéis da maternidade e paternidade.

“Na minha opinião, enquanto eu estiver solteira eu sou jovem. Adulto é depois que eu casar pra lá. Se eu tiver sozinha ainda tô jovem, não importa a idade. Adulto é quando eu casar. Essas coisas... Se eu não tiver um filho ou alguma coisa que me prende, eu vou sentir jovem a mesma coisa. Se eu casar e separar eu continuo sendo adulto”(Moça de 16 anos).

“Ser jovem é a faixa etária dos 15 até os 20. Aqui no Assentamento têm alguns que não é casado, mas é de 20 anos pra cima. Se casou deixou de ser jovem. O jovem de 25 anos que ainda não casou é um jovem mais de idade”(Rapaz de 18 anos).

“Aqui tem jovem solteiro, tem jovem casado já, inclusive o rapaz que trabalha lá na Cooperativa, ele e a esposa dele, apesar que já é casado, são jovens né. Tem muito jovens por aí. Eu sou uma jovem assim mais madura, a idade já tá lá em cima. O povo fala que tem o velho jovem, e tem o jovem velho, então o velho jovem é aquele que, apesar que é velho, mas tem energia, você não deixa abater, luta, agora tem aquele, jovem velho que apesar que tá novo, já entregou, já desistiu de lutar”(Moça de 25 anos).

Um *terceiro marco* identificado pela grande maioria dos jovens está relacionado à virilidade, sensualidade, felicidade, alegria de viver, desejo de aventura etc. que

caracterizam a juventude como uma idade à qual se deseja chegar para nela permanecer por muito tempo”. Contudo, neste terceiro marco caracterizador da juventude, fica claro que há na percepção dos jovens uma combinação de fatores objetivos, tais como a idade e a dependência dos pais, com fatores subjetivos: disposição, alegria, extroversão etc. (AIRÈS, 1986, p. 47).

“Ser jovem é bom demais, pode se fazer muita coisa, tem muita opção, muita escola e tem mais liberdade. Ser jovem é bom também porque é a idade que a gente tem mais disposição pra fazer as coisas, somos mais bonitos e alegres” (Moças de 19 anos).

“Ser jovem é saber aproveitar as coisas, ter saúde. Tem um casal aqui que já é de idade, mas ainda tem o espírito de jovem, disposto assim, animado. Jovem é aqueles que gosta de conversar com a gente, é animado” (Moça de 17 anos).

“Jovem é uma pessoa disposta né! Sendo uma pessoa disposta a enfrentar o que vem pela frente, ela é jovem (...) Acho que ser jovem é você estar no momento da sua vida que tem mais liberdade de fazer o que você quer de ser mais feliz. É poder namorar, ir para festa e ficar até tarde” (Rapaz de 23 anos).

Um quarto marco identificado é o da faixa etária. Segundo Abramo e León (2005, p.7), “no Brasil existe a tendência baseada em critérios estabelecidos pelas Nações Unidas e por instituições oficiais (como o IBGE), de localizar tal faixa etária entre os 15 e 24 anos”. O problema dessa análise é que os jovens acabam sendo caracterizados como um grupo homogêneo, identificado apenas por uma fase vivida em um determinado período da vida.

Sendo assim, predomina no Assentamento Poções a concepção de que a juventude se situa numa fase de vida em que não se definem mais como crianças, mas ainda não são adultos. Esta percepção não se diferencia da corrente entre grupos de classe média urbana.

Tabela 3 – Distribuição dos jovens entrevistados do Assentamento Poções segundo sexo, idade e local de residência.

Atributos Pessoais	Número de jovens	
	n.º	%
Sexo		
Masculino	12	50%
Feminino	12	50%
Total	24	100%
Idade		
De 15 a 17 anos	12	50%
De 18 a 21 anos	09	37,5%
De 22 a 25 anos	03	12,5%
Total	24	100%
Residência		
Jovens homens que moram no Assentamento	07	29,17%
Jovens mulheres que moram no Assentamento	10	41,63%
Jovens homens que moram fora do Assentamento	05	20,8%
Jovens mulheres que moram fora do Assentamento	02	8,4%
Total	24	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Logo, os jovens do Assentamento Poções compõem um coletivo, constituído por jovens homens e mulheres, com distintas relações familiares e entre pares, com opiniões distintas e, por vezes, conflitantes, enfim, com biografias que lhes confere singularidade. Não se trata de um grupo homogêneo, mas com diferentes realidades e, principalmente, com uma auto-representação que tende a uma grande elasticidade em termos etários, proporcional às dificuldades crescentes de ingresso no mercado de trabalho e a conquista do seu espaço social.

4.1 A Construção da Identidade do Jovem Assentado

O contato com a cidade também coloca ao jovem do Assentamento Poções uma nova estética e contribui para criar outros hábitos de consumo, outros gostos e uma demanda maior por estilo de lazer do mundo urbano. Inclusive algumas comodidades, que teoricamente são peculiares do universo urbano foram encontradas fazendo parte da vida de duas jovens que moram no Assentamento Poções como computador com acesso a *Internet*. Essas, juntamente com mais duas vizinhas (de 15 e 16 anos), participam de *sites* de relacionamento²¹ (*orkut e*

²¹ Um site de relacionamento permite que o internauta tenha sempre, a um clique do mouse, uma lista de amigos e comunidades com perfis semelhantes.

messenger) e utilizam a *Internet* para fazerem pesquisas escolares e “interagir com o mundo”. Neste sentido, inclusive, não se pode achar que o acesso a bens e serviços, tais como energia elétrica, eletrodomésticos, computador, internet etc., sejam fatores demarcadores de urbanidade. São sim, fatores demarcadores de democratização, mas não de identidade.

“No Assentamento tem quatro jovens que fazem uso da *Internet*, a jovem (15 anos) e a jovem (16 anos) tem computador, mas não tem *Internet* em casa, elas acessam na casa da jovem (18 anos) e da jovem (16 anos)” (Rapaz de 20 anos).

“Nós temos computador e internet aqui,mas sempre dá problema. Nós temos *orkut, msn*” (Moça de 16 anos).

Para os sete jovens que moram fora do Assentamento Poções, o contato com as Tecnologias da informação e comunicação²² é mais freqüente ainda. Desses, cinco afirmaram que o computador faz parte de suas vidas, como pode ser percebido através da seguinte fala: “*não imagino a minha vida sem ele*” (rapaz de 22 anos). Outro aparelho de comunicação muito presente na vida do jovem do Assentamento Poções é o celular. Dos 24 jovens entrevistados, 20 afirmaram que o têm e o utilizam para conversar com os amigos e com a família. Independente do acesso a esses bens e serviços encontrados em maior número na cidade, os jovens manifestam desejo de continuar morando no Assentamento Poções, demonstrando que a vivência que eles têm com o urbano não traz uma ruptura ou negação de sua própria localidade ou cultura, conforme pode se perceber em algumas falas dos jovens entrevistados:

“Eu gosto daqui por causa dos amigos, é perto da cidade e é tranquilo” (Moça de 18 anos).

“Gosto de morar aqui. Tenho muitos amigos e eu pretendo casar e morar aqui no assentamento, aqui é um lugar bom, tranquilo...” (Rapaz de 18 anos).

“Eu queria ficar aqui, eu não gosto muito da cidade. Na cidade é bom porque tudo que você quer lá tem. Aqui eu penso que é bom porque não tem

²² Para Castells, ente as tecnologias da informação inclui-se “o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/ radiodifusão e optoeletrônica” (CASTELLS, 2000, p. 49).

violência porque nesse mundo tá precisando de muita paz e tem muitas localidade que não tem paz” (Moça de 15 anos).

“Eu moro lá em Goiânia. Eu tô lá para poder praticar mais né, pegar experiência no ramo né, aí eu pretendo voltar e trabalhar aqui na terra, porque seria um negócio meu. Eu gosto mesmo é de plantar, é mexer com a terra né, Eu não pretendo ficar lá muito tempo não. Se não fosse o estudo eu não tava onde to hoje né. Consegui um bom emprego, o estudo é fundamental, é muito importante. Eu fui mesmo é pra pegar experiência e voltar e trabalhar aqui na terra né. Eu pretendo fazer plantas, plantação de mudas, essas árvores, essas coisas né, para o futuro né” (Rapaz de 22 anos).

Percebem-se, a partir desses depoimentos, as ligações afetivas que esses jovens demonstram ter com o local e as relações que mantêm com a família e amigos no lugar, bem como os benefícios - contato com a natureza, a possibilidade de tranqüilidade e não violência - que acreditam poder ter morando no Assentamento Poções. Dos 24 jovens entrevistados seis, ou seja 25%, vêm o Assentamento somente como opção para os finais de semana, ou seja, “um local para ir passear”.

“Gosto de morar aqui, até que não é ruim. Pra falar a verdade nunca pensei em estudar e morar na cidade, só penso em ficar aqui na roça. Penso em trabalhar aqui, mas não pra sempre né, da vontade de ir pra cidade, mas enquanto minha mãe e meu pai tiver aqui eu vou ficar aqui. Meu pai fala direto que a gente é novo, a gente tem que sair pra fora mesmo, fazer faculdade, se tiver jeito eu quero fazer faculdade” (Rapaz de 15 anos).

“Eu nunca vou no Assentamento, não gosto de lá, porque lá é ruim e a gente acostuma né. Antes de vir pra cidade eu não gostava de lá também porque não tem nada lá. Eu não quero ir pra lá porque eu tenho que pensar no meu futuro. Lá ninguém vai pra frente, o próprio governo não valoriza o pequeno produtor. O governo solta financiamento e muitos não sabem como aplicar e usam pra outras coisas. Aqui todo mundo tem o mesmo foco, se um planta feijão, todos os outros plantam também, aí o preço vai lá embaixo. Não tem política nenhuma voltada para o jovem no Assentamento, não tem mercado de trabalho, não dá para ficar lá” (Moça de 19 anos).

“Não tem graça nenhuma ficar aqui, não tem nada pra fazer. Não gosto daqui. Ajudo meu pai, mais não tem graça não. Eu gosto mais é de estudar e até hoje eu não sei o que vou fazer, mas eu quero ir pra fora daqui, porque aqui não tem futuro pra mim e porque fora, eu trabalhando, posso ajudar meus pais também” (Rapaz de 15 anos).

Essa negação da vida no meio rural expressa a identificação por cerca destes 25% dos jovens das limitações que a falta de infra-estrutura, bens e serviços podem representar para eles em termos da conquista de uma vida com maior conforto, possibilidades de renda, atividades de lazer, enfim, de uma vida boa. Veja o caso de uma das poucas atividades de lazer disponíveis no meio rural: o futebol. O futebol é um espaço masculino, sendo a presença feminina restrita ao papel de “torcedoras”. Como a região só possui duas estações bem definidas (chuvosa – que vai de outubro a maio, e estiagem – que vai de junho a setembro) a prática de futebol e os passeios ao rio são quase abandonados no período chuvoso. Para as moças as atividades de lazer que mais as atraem são a conversa com os amigos, assistir a TV, namorar e participar das festas no Assentamento.

“Eu participo das festas que tem lá, eu sou muito comunicativo e gosto muito do pessoal de lá. Antigamente os jogos de futebol eram mais animados, hoje muitos descrençaram e é freqüentado pelos adultos e jovens, todas idades. O lazer predileto é o futebol e o rio, agora nós não estamos indo por causa da chuva. As meninas reúnem nas casas ou nas festas e ficam conversando” (Rapaz de 22 anos).

“Sempre final de semana, a gente anda pela beira dos rios, dos corgos²³, chama os colegas, faz trilha na mata de vez em quando, a gente anda pra todo lado na mata, nós mesmo que fizemos a trilha, só que agora a gente quase não vai, já tá quase acabando, as meninas não vão, só eu meus primos e alguns colegas. Na cidade a gente sai na rua, na igreja ou fica na casa da minha vó fazendo bagunça” (Rapaz de 20 anos).

“Aqui a gente tem muitas amigas,nós junta na casa uma da outra pra fazer bagunça ou ir pra um corguinho” (Moça de 15 anos).

“A diversão aqui é ir para rio todo domingo, jogar vídeo game, sair por aí, conversar com os amigos. A gente liga para os amigos e combina o lugar para ir para o rio”(Rapaz de 18 anos).

Para a maioria dos jovens que moram na cidade (seis dos sete entrevistados) os finais de semana são vistos como momento de descanso e a ida para o Assentamento Poções é percebida como uma possibilidade de poderem ter maior contato com a natureza e de descontração, em termos de acesso ao lazer: rio,

²³ Córrego é uma denominação dada a um corpo de água corrente de pequeno porte. Rotineiramente, é utilizado para se referir a algo de menor tamanho que um riacho.

andar a cavalo, festas. Outro aspecto percebido é a idealização do Assentamento Poções, de certa forma, enquanto campo das possibilidades das relações (possibilidade de se ter amigos sinceros) e de expressão dos sentimentos (onde se tem mais liberdade e alegria) servindo inclusive como alternativa de lazer para os jovens das cidades próximas.

“Gosto de levar meus amigos daqui pra lá, tem uns corguinhos lá, a gente vai, porque aqui na cidade não tem um lazer para descansar aí a gente vai pra lá. Lá nós temos mais liberdade e mais amigos pra ir para a cachoeira, andar em trilhas sem medo de violência ou outras formas de perigo” (Rapaz de 20 anos).

“Final de semana a gente vai para o Assentamento né. A gente pega os cavalos e sai andando mais na terra do meu pai” (Moça de 18 anos).

Existem ainda, outras formas de diversões, como as festas, que ocorrem em determinadas ocasiões, regadas, sobretudo, pelo forró que ficou evidenciado ser o estilo de música mais apreciado pelos jovens entrevistados. As festas religiosas também foram apontadas pelos jovens entrevistados, principalmente nos “tempos de estiagem” onde a reza dos terços nas casas dos vizinhos reunia muita gente e “lá nós podia encontrar os amigos e as meninas do Assentamento para conversarmos e jogar um charmezinho nelas” (rapaz de 20 anos). Os jovens mencionaram o culto dominical, onde era priorizada a presença de toda a família e os encontros animados de jovens em torno de uma mesa, em empolgantes rodadas de um jogo de cartas denominados de truco.

“De vez em quando junta uma turma e faz um forrozão aqui. A turma é animada né, todo mundo é conhecido né, todo mundo respeita um ao outro né” (Moça de 20 anos).

“Aqui final de semana tem forró nas casas, a gente fica até 5h da manhã” (Moça de 16 anos).



FOTO 21 – Jogo de cartas no domingo à tarde entre jovens e adultos. Foto tirada em agosto de 2007.

Quando indagados em termos de lazer “ideal”, ou seja, como gostariam de ocupar o tempo livre, os jovens entrevistados demonstraram interesses por outras demandas como viajar, ir a *shows*, visitar a família na cidade e participar de atividades culturais (teatro e cinema). Esse fator, inclusive, foi citado por alguns como responsável pela avaliação negativa do Assentamento em relação à cidade, contribuindo para a migração de seus jovens para os centros urbanos. “Eu penso em sair, ir pra cidade pra vê como tá o movimento lá, curtir a vida, mas o dinheiro não dá né” (Moço de 18 anos).

Compreender a Juventude enquanto um fenômeno multidimensional é entender que diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil (COELHO, 2003). Dentre esses fatores, a forma de expressão política do jovem do Assentamento Poções está interligada com os eventos culturais e experimentações políticas que eles têm no interior do Assentamento. Dentro dessa “expressão política” foi percebida a preocupação deles, via depoimento, com problemas coletivos que afetam o bom funcionamento do Assentamento,

sobretudo no sentido de contestarem as injustiças, de se comprometerem com problemas sociais, com problemas relativos ao meio ambiente e de promoverem atividades festivas.

No entanto, há um distanciamento entre a fala do jovem do Assentamento Poções com a efetiva participação desses em espaços de atuação comunitária. Dos 17 jovens que moram no Assentamento, 15 (88%) já participaram seja das reuniões da associação, seja da cooperativa, mas a totalidade não se sente identificada com os problemas tratados nessas reuniões, ou capacitados, tecnicamente, para contribuírem com uma efetiva participação.

“Na associação eu não participo de nada porque eu acho que eles não vão querer meu palpite, eles acham que a gente não sabe nada, que eles são mais velhos e sabem mais. Nunca senti vontade de envolver nos trabalhos da associação” (Rapaz de 18 anos).

“Nas reuniões da Cooperativa e da Associação os jovens participa, mas fica calado e não dá opinião, principalmente na cooperativa, só dá opinião quem é cooperado, agora na Associação não, é todos os jovens do Assentamento, mas os jovens não dá palpite nenhum, é só os adultos porque falta experiência” (Rapaz de 16 anos).

“Na associação todos são associados, mas só os homens que participam. As mulheres não fazem nada porque não tem tempo. Eu já participei das reuniões da associação e cooperativa, mas nunca dei opinião. O jovem só fica escutando. Como vou dar opinião de uma coisa que eu não entendo. Fala de trator, de porco e eu não entendo nada disso. Não tem nenhum jovem que trabalha aqui na associação ou na cooperativa”. (Moça de 16 anos).

“O jovem participa das reuniões, mas não dá opinião. Uma vez um jovem assumiu um cargo de liderança na cooperativa, mas logo ele saiu, sei lá...Eles criaram um problema lá. Aí ele renunciou o cargo, ele não conseguiu adaptar e com a pressão do pessoal, ele renunciou o cargo, ele não agüentou a pressão” (Rapaz de 20 anos).

É nesse campo dinâmico de interação social em que a mobilização de recursos, demarcação de posições, ações coletivas, e projetos de futuro configuram o movimento que os jovens do Assentamento Poções recriam e constroem suas identidades. Esse agir em coletividade gera sentimentos de pertença grupal, onde se produz o significado de ser alguém, alguém com uma identidade construída no processo de participação. Interessante enfatizar que o trabalho, a escola, o lazer, a

cultura, a participação política e religiosa não são instâncias isoladas; a espera do transporte escolar, a saída da escola, por exemplo, tornam-se momentos de brincadeiras, assim como a preparação de um evento político ou religioso se transforma em um momento de encontro, de namoro e, até mesmo de diversão.

Sendo assim, as diversidades de experiências vivenciadas pelo jovem do Poções causam tensões, dúvidas, insegurança e, até mesmo, o desejo forte de buscar mudanças no seu jeito de viver e influencia a construção de novas identidades e/ou a ratificação da identidade de assentado. Nesse contexto, os jovens do Assentamento Poções estariam vivendo uma dualidade de valores traduzidos entre manter um modo de vida no Assentamento que valoriza as manifestações locais entre as quais as festas religiosas e o lazer, reconstruindo, deste modo, os laços com a família, os vizinhos e os amigos; em contraposição à elaboração de seus projetos de vida voltados para o meio urbano.

4.2 Os Jovens do Assentamento Poções e seus Sonhos

Para Carneiro (2005, p. 248), os três assuntos que mais interessam o jovem do meio rural atualmente é a educação, o emprego e a cultura/lazer, sendo que a educação se destaca em primeiro lugar, vista “como meio de acesso a uma ocupação mais bem-remunerada e menos penosa que a agricultura”. O segundo assunto que mais interessa o jovem meio rural é o emprego. Por consequência, percebe-se a proximidade entre os projetos de vida em relação aos jovens que vivem no meio urbano.

Apesar das dificuldades atuais enfrentadas pelos jovens rurais para se estabelecerem no mercado de trabalho e da precariedade das condições de trabalho a que são submetidos, a avaliação que fazem do futuro próximo é, paradoxalmente, otimista. A quase totalidade deles vislumbra um futuro melhor para suas vidas pessoais com base em dois principais fatores: a possibilidade de virem a trabalhar (ou de terem uma profissão) e o término da formação escolar (um associado ao outro) (CARNEIRO, 2005, p. 252).

Logo, a educação e o trabalho passam a ser vistos como parte constitutiva do projeto de vida do jovem rural, mas com diferentes níveis de prioridade e necessidade. Para tanto, nesse tópico, serão avaliados os assuntos educação e

trabalho nos três estratos: Projetos de Vida dos Jovens que Trabalham para Terceiros no Assentamento e Estudam na Cidade; Projeto de Vida dos Jovens que Trabalham com os Pais no Assentamento e Estudam na Cidade e Projetos de Vida Jovens que Moram, Trabalham e /ou Estudam na Cidade.

Os jovens do Assentamento Poções passam por distintos processos sócio-culturais em suas histórias de vida. Pesam em suas trajetórias, sobretudo, as desigualdades sociais e econômicas que se traduzem em falta de oportunidades, impossibilitando a realização de suas expectativas²⁴. Por via de consequência, as experiências cotidianas, os relacionamentos vividos, a cultura e hábitos enraízam seus projetos de vida que são mais ou menos independentes, individuais ou coletivos, comprometidos com o grupo e/ou com a família a depender dos papéis sociais que os jovens têm com o grupo familiar.

Entre outras diferenciações, tais como a de idade e gênero, os papéis sociais que os jovens desempenham na família, levam-nos a se depararem com distintos projetos de vida, marcados pelas condições socioeconômicas de cada família. Além do que, em torno de cada família se constroem redes sociais que podem favorecer o planejamento e o desenvolvimento dos projetos de vida desses jovens, uma vez que eles dispõem de diferentes possibilidades para realizar seus projetos quanto ao futuro. Não foram avaliados todos os projetos dos jovens do Assentamento Poções porque isso exigiria muito tempo de descrição, mas buscou agregá-los através de aproximações e diferenciações.

➤ **Projetos de Vida dos Jovens que Trabalham para Terceiros no Assentamento e Estudam na Cidade.**

Cinco jovens trabalhavam para terceiros no Assentamento Poções. Esses podem ser representados pelo rapaz de 18 anos que está cursando o 1.º ano, noturno, do Ensino Médio. Há oito anos não vê o pai e encontra-se com a mãe de uma a duas vezes por ano. Mora no Assentamento Poções desde o momento de mobilização para a ocupação da terra, pois acompanhava os avós, os quais considera como

²⁴ Vale destacar que a palavra expectativa está no sentido de esperança em realizar o que se deseja, tanto no tempo presente quanto no tempo futuro.

seus pais. Esses são de origem rural e ainda cuidam de mais três netos em decorrência de os pais biológicos não terem condições de “criá-los”. A renda familiar é decorrente da aposentadoria do pai/avô e, no momento, a família não possui outra fonte de renda porque “*o carvão que nois tava vendendo os fiscal do INCRA proibiu fazer*” (Mãe/avó de 60 anos).

Para esse jovem entrevistado, os seus projetos de vida vêm sendo pautados por motivações de sobrevivência. Para tanto, cultiva hortaliças na parcela do vizinho, uma vez que o terreno do pai/avô não dispõe de água para tal fim. Com os rendimentos auferidos dessa prática ele contribui para a renda familiar e para o seu próprio sustento. Convém assinalar que seus projetos de vida, também, estão permeados por motivações vivenciadas nos grupos que ele está inserido, que fazem parte de sua trajetória de vida e, conseqüentemente, de sua construção individual de projeto, conforme pode se perceber em sua fala:

“Aqui no meu trabalho é na meia, eu trabalho aqui, cuido aqui, aí na hora de colher, aí ele vende a produção e reparte. O dono da terra aqui forneceu o adubo e a semente pra nois pagar na hora que colhe. A metade é dele e a metade é nossa. Lá na casa da minha vó não tem jeito de fazer horta porque na seca o corgo lá seca. É pouca água, aí não dá. O que a gente produz aqui vende em Rialma, em supermercado, leva a mercadoria de fusca ou de carroça. No momento não tá dando muita renda porque agora tá pequeno ainda né, mas tá começando dá produção (...) Gosto de morar aqui. No momento tô pensando em me alistar o ano que vem né, na Aeronáutica, e se no caso eu conseguir eu vou embora daqui. Depois que eu terminar, se eu arrumar um emprego lá, eu fico lá, agora se não, eu venho pra cá e invisto aqui, mas eu prefiro ficar aqui porque aqui é melhor”(Rapaz de 18 anos).

O fato de trabalhar fora e ter todo final de mês o seu dinheiro para comprar a sua roupa, comprar os utensílios de uso pessoal e, ainda, a necessidade de ajudar no sustento da família – é compartilhado com outros quatro jovens que representam o estrato dos que vivem e trabalham para terceiros dentro do Poções. A representação do trabalho, entre esses cinco jovens (20,8%), é particularmente importante para se compreender as expectativas e os projetos de vida elaborados por esse segmento.

O que ocorre para esse estrato é que, diante da pouca expressão financeira das atividades executadas no espaço da produção familiar ou da dificuldade dos pais em suprir as necessidades individuais de lazer, vestimentas etc. dos filhos, os jovens buscam atividades remuneradas fora dos limites do grupo familiar ou da parentela. Os estudos se tornam secundários diante da sua realidade, uma vez que o deslocamento para a cidade de Rialma-GO, no período noturno, faz com que muitos se sintam desmotivados em decorrência do cansaço e pela falta de tempo para se dedicarem aos estudos.

Os dados revelam ainda que a faixa etária desse grupo é bem diversificada, mas engloba os dois jovens entrevistados mais velhos do Assentamento, ambos com 25 anos, os quais não terminaram o Ensino Fundamental, contribuindo para a baixa escolaridade desse grupo. Dos outros três, somente um concluiu o Ensino Médio e dois ainda o estão cursando. Isso, na percepção deles, os remeteria a oportunidades de trabalho onde a remuneração é menor e ainda sem estabilidade. A baixa escolaridade, para eles, se justificaria na falta de recursos para dar continuidade aos estudos.

“O dinheiro que eu ganho aqui tá bom né, não tem outro lugar pra trabalhar né, não é pouco e nem muito. Eu gasto o dinheiro pra comprar roupa pra mim ou pra pagar alguma coisa pras meninas e ajudo em casa também (...) Aqui a gente ganha diária, R\$ 20,00 por dia. O trabalho é duro, passo o dia todo capinando e ajudando a fazer cerca. (...) Eu fiquei um ano sem estudar, porque eu morava na roça com meu vô e não tinha carro pra levar pra cidade” (Rapaz de 17 anos).

“Eu trabalho mais aqui na roça. Eu trabalho aqui na roça pra meu pai e pra fora também e ganho R\$ 20,00. Trabalho aqui dentro do Assentamento, mas quando aparece um serviço fora, a gente vai, mas nem sempre. Já trabalhei de servente de pedreiro. O que eu ganho ajudo um pouco em casa. Esses dias mesmo eu paguei a energia. Quando meu pai precisa de dinheiro eu arrumo pra ele, mas quando sobra eu compro as coisas pra mim, eu compro roupa, calçado...” (Rapaz de 20 anos).

Mesmo com as dificuldades mencionadas, todos esses jovens entrevistados valorizam os estudos a ponto de terem consciência de que poderiam traçar para si um percurso de ascensão social, por meio da educação. Ao manifestarem seus sonhos sobre possíveis carreiras, observou-se a insistência em profissões como

veterinária, agronomia e técnico agrícola, cursos relacionados com as suas atividades agrícolas dentro do Assentamento.

O depoimento a seguir, exemplifica esta situação de afinidade entre os interesses de estudo desses jovens e a sua realidade de vida. Um rapaz de 25 anos, pretendia fazer agronomia, mas como a família não podia sustentá-lo em um cursinho preparatório para vestibular, fez um curso técnico em agricultura, que é o que ele “podia” fazer no momento. Vê-se que a construção de um projeto não é “abstratamente racional”, como afirma Velho (2003, p. 103, 104), mas, antes, é o “resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito”.

“Eu sempre quis fazer agronomia, mas meus pais não tinham dinheiro né e eu não consegui emprego na cidade para estudar e trabalhar. Também o curso que eu queria só tem em Goiânia (GO), mais perto. Aí eu fui pra Escola Agrotécnica Federal de Ceres e fiz o curso técnico em agricultura. Lá dava pra eu vir pra casa todo dia e não pagava nada. Agora estou trabalhando na suinocultura aqui do Assentamento e também já casei né, mas ainda não desisti de fazer agronomia” (Rapaz de 25 anos).

Percebe-se que dentro de uma mesma localidade há diferenciações quanto às condições de reprodução das famílias. Em cada uma delas os filhos enfrentam diferentes possibilidades de realizar seus projetos quanto ao futuro. No Assentamento Poções, os filhos de assentados com um menor poder aquisitivo são empurrados pelas estratégias de sobrevivência pessoal e/ou familiar e se vêem compelidos a exercitar a procura por uma ocupação rentável.



FIGURA 22 – Projeto de suinocultura do Assentamento Poções. Foto tirada em agosto de 2007.

Um outro aspecto importante a destacar, no que diz respeito ao campo de oportunidades que delimitam os direcionamentos dados por esses jovens que já trabalham para terceiros, mas ainda moram com os pais, diz respeito a sua situação de subordinação aos pais. A remuneração obtida com seu trabalho segue uma hierarquia de prioridades, estando seus projetos individuais assimetricamente colocados em relação às necessidades da família. Isso influencia na formulação de seus projetos de vida, visto que esses não estão deslocados do que é constituído socialmente num espaço e tempo determinados (VELHO, 2004).

➤ **Projeto de Vida dos Jovens que Trabalham com os Pais no Assentamento e Estudam na Cidade.**

O segundo estrato a ser discutido compreende os jovens que moram e trabalham com os pais no Assentamento Poções e estudam na cidade. Uma característica marcante nesse estrato é a faixa etária. Dos 12 jovens entrevistados, 11 estão na faixa etária de 15 a 17 anos e somente um tem 20 anos. Impõe-se ainda outra observação: a maioria (75%) é do sexo feminino. Por via de consequência,

acredita-se que essas duas variáveis acima supracitadas – idade e sexo – sejam determinantes na permanência desses jovens no Assentamento Poções, uma vez que os pais entrevistados demonstraram a manutenção de um forte controle sobre as meninas ao se falar sobre a saída delas para estudar e/ou trabalhar.

No que diz respeito ao trabalho, o significado que adquire para os jovens desse estrato é confundido, muitas vezes, com os “afazeres” do dia-a-dia. O trabalho, em função da forma de produção da subsistência no campo, está presente na vida desses jovens desde a infância, em regime familiar. Essas tarefas aparecem internalizadas nas representações desses jovens como “ajuda” e não como trabalho. A frequência e a intensidade da participação dos jovens oscilam dependendo das condições econômicas, produtivas e da disponibilidade de mão-de-obra das famílias.



FIGURA 23 – Produção familiar de polvilho. Foto tirada em outubro de 2007.

No tocante à divisão sexual do trabalho no interior da unidade produtiva familiar observa-se que as moças fazem mais o serviço de casa – limpar a casa, preparar as refeições e lavar roupa – e os rapazes, geralmente acompanham o pai na lida

do campo – cuidar das criações, plantar e fazer o manejo da parcela. Contudo, os jovens são incisivos em afirmar que ainda não trabalham por não serem remunerados e que as atividades desenvolvidas na parcela não caracterizam trabalho e sim uma contribuição, uma ajuda.

Tabela 4 – Nível de escolaridade dos jovens que moram e trabalham com os pais no Assentamento Poções e estudam na cidade.

Nível de escolaridade	Número		Idade	Sexo	
				M	F
Ensino Fundamental 2. ^a fase 8. ^o ano	1	8,35%	15 anos	-	1
Ensino Fundamental 2. ^a fase 9. ^o ano	3	25%	15 anos	1	2
Ensino Médio - 1. ^o ano	3	25%	15 anos	2	1
Ensino Médio - 2. ^o ano	2	16,6%	15 anos	1	1
Ensino Médio - 2. ^o ano	1	8,35%	16 anos		1
Ensino Médio - 2. ^o ano	1	8,35%	17 anos		1
Ensino Médio completo	1	8,35%	20 anos		1
Total	12	100%	-	4	8

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao perfil educacional desses 12 jovens entrevistados nesse estrato, 11 (91,6%) se declararam estudantes. A escolaridade é em média compatível com a faixa etária, com um desvio de uma moça de 15 anos cursando o 8.^o ano do Ensino Fundamental em decorrência de ter parado dois anos seus estudos porque seus pais moravam em uma região que a impossibilitava de estudar. Os jovens apresentam visões diferentes sobre o grau de satisfação obtido com a educação recebida, principalmente no tocante à possibilidade de acesso ao ensino superior. Essa situação pode ser exemplificada pelo depoimento de uma jovem de 20 anos que terminou o Ensino Médio e, por vários motivos não prosseguiu seus estudos.

“Eu pretendo fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) agora, aí eu queria vê se eu consigo tirar nota boa né, aí eu pretendo entrar numa faculdade e trabalhar né. Agora eu não sei em que, tá tão difícil arrumar emprego (...) Eu terminei meus estudos, mais muita coisa que eu aprendi, poderia ter aprendido mais, podia ter mais matéria, eu podia ter aprendido mais, porque agora faz falta pra mim. Tanto que eu queria continuar estudando, mas aí eu acho que não do conta, falta base”(Moça de 20 anos).

É notório não só o maior grau de escolaridade desses jovens do Assentamento Poções em relação a seus pais, como em relação aos próprios jovens que já trabalham fora (ver Tabela cinco). No contexto nacional, essa expansão de escolaridade, por meio do acesso ao sistema de ensino, tem criado uma nova geração de jovens que “incorporam a variável escolar no seu repertório de práticas e expectativas” (SPOSITO, 2005, p. 123). Os jovens do Assentamento Poções assumem essa referência – expansão da escolaridade – como um fator que vai influenciar fortemente suas vidas futuras no que se refere a arrumar um “bom emprego” ou prepará-los para uma profissão.

Nessa perspectiva, foi exposto para os jovens entrevistados sobre o que eles achariam se tivessem uma educação constituída a partir das reflexões feitas pelos sujeitos envolvidos com a vida do campo, nas mais variadas práticas estabelecidas nas organizações e movimentos sociais que integram a articulação por uma Educação do Campo²⁵. A totalidade demonstrou grande interesse, mas ao mesmo tempo defendia que a localização da escola freqüentada por eles na cidade trazia alguns benefícios como entrar em contato com outros jovens e, até mesmo, não serem diferenciados via uma educação voltada para assentados.

“Nos estudos deveria reforçar mais, deveria colocar laboratório de literatura, laboratório de computação, laboratório de línguas, o colégio não tem. Eu acho que a escola tem que preparar nós pra morar na cidade, não tem uma faculdade na roça. A realidade do ensino é na cidade, então tem que ensinar é coisa da cidade. Aquele que quer mexer com as coisas do campo, acho que tem que procurar uma escola especializada como a Agrotécnica. Eu não gostaria que tivesse escola aqui, eu prefiro ir pra cidade pra conhecer outra realidade. As pessoas da cidade não tem preconceito dos assentados. A gente tem é um pouco de vantagem, mata o colégio no dia que chove, vamos embora na sexta aula, o ônibus quebra e chega atrasado. Eu nunca senti vergonha de ser assentado, eu faço é questão de falar, porque aqui é nosso, se for morar de aluguel é ruim, aqui é bem melhor” (Rapaz de 15 anos).

²⁵ Para a Comissão Pastoral da Terra, os jovens rurais que querem continuar os estudos são obrigados a migrar para as cidades e assim, adquirem conhecimentos desvinculados de sua realidade (o que provoca um alto índice de evasão escolar) e passam a reproduzir novas práticas e valores, negando a sua identidade rural (tida como sinônimo de “atraso”). Sendo assim, defende uma Educação do Campo que vise dar ao jovem rural possibilidade de se inserir na sociedade como um cidadão de direito e dignidade (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CPT, 2007, sp).

“Na escola deveria ter uma coisa pra nois aprender aqui dentro porque o que nois aprende no colégio lá é só mercado de trabalho lá fora, na cidade” (Moça de 17 anos).

Ficou perceptível, também, que a família é um importante apoio para os jovens que têm intenção de continuar os estudos. Esse discurso – de continuar os estudos – esteve presente em todas as 24 entrevistas com os jovens e tinha como justificativa as dificuldades encontradas pelos pais no trabalho diário pela sobrevivência no Assentamento. Os próprios pais coadunam com a visão dos filhos de que conquistar uma profissão via escolarização seria uma alternativa mais fácil e rentável, pois poderiam encontrar “coisa melhor na vida”. Para eles, o estudo amplia o campo de possibilidades para os seus filhos, uma vez que dependiam da pequena produção familiar para sua reprodução social e o futuro dos filhos está vinculado ao seu esforço para conseguir uma “profissão”.

O futuro que vejo para meus filhos é deles estudar até onde puder, Pra mim o estudo é coisa mais necessário aqui no assentamento. A gente quer que os filhos se formem. Meu pensamento é que eles não sai do assentamento, mas a gente não sabe o dia de amanhã né, mas pegou a idade a gente já coloca logo lá na escola agrícola porque lá dentro é onde se forma, lá tem tudo. A única dificuldade que nós temos para os filhos estudar, é quando tem aula no sábado, aí fica difícil porque o ônibus escolar não passa e a gente não pode tá gastando né. Os estudo é importante para os dois, homem e mulher. O estudo é importante para os filhos porque se eles não estudar eles vão ficar como os nossos pais, avós, analfabetos e sem profissão, porque é o seguinte nós temos a escola agrícola que é uma parceira nossa, temos a Petrobrás que é parceira nossa, tem a ONG, então se nós não tiver os nossos filhos estudando para ter um técnico de alguma coisa, nós vamos ficando pra trás. A dificuldade nós tinha pra ir a escola, aqui já não tem isso, a facilidade é melhor, então quer dizer que a escola também ajuda nós colocar os nossos filhos também lá dentro. Eu acho que é muito atraso de um pai tirar dos filhos o estudo e colocar eles na roça. O que eles vai ganhar? Nada! (Assentado homem de 44 anos).

As expectativas dos pais, muitas vezes, refletem suas frustrações e indicam ou reforçam projetos de vida onde a possibilidade de uma vida melhor vem do estudo. Como estudaram muito pouco, geralmente apenas o ensino fundamental, acreditam que através do estudo os filhos possam “ir mais longe”. É oportuno acrescentar que, para todos os pais entrevistados, a importância dos estudos ultrapassa a barreira do sexo. Tanto os rapazes, quanto as moças são incentivadas pelos pais a buscarem melhores oportunidades via educação. Apesar de que há

uma dualidade observada nesse discurso, uma vez que as moças, pelo seu afastamento das atividades mais “pesadas” na parcela, são compelidas ao estudo, mas ao mesmo tempo desestimuladas, no momento que terminam o Ensino Médio, a continuarem seus estudos, caso elas necessitem fazê-los fora do município.

A percepção que se tem é de um intencional distanciamento dos jovens das atividades agrícolas e uma cooperação dos pais para que isso aconteça, uma vez que estes incentivam os filhos a buscarem outras atividades remuneradas em virtude das dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar. Tanto que faz parte do desejo dos jovens desse estrato, que possuem condições econômicas mais favoráveis, possíveis profissões que possibilitem melhores rendimentos. Isso é observado tanto para os rapazes quanto para as moças que procuram carreiras como direito, administração, farmácia, informática e pedagogia.

“Eu quero ser advogado porque ganha dinheiro e tira as pessoas da cadeia. Não pretendo ficar aqui. Eu pretendo ir pra Goiânia porque lá arruma trabalho mais fácil. Lá é cidade grande. Talvez se tivesse um trabalho melhor aqui eu ficava aqui, mas não tem nada aqui. Eu gosto de ficar aqui pra ficar perto da minha irmã e porque é mais tranquilo. Eu pretendo ir pra Goiânia depois que terminar o ensino médio. Eu gosto daqui, mas não tenho vontade de morar aqui. Quero vir aqui só pra passear. Eu ajudo meu pai nos trabalhos dele no campo. Os jovens aqui mais velhos estão indo pra Goiânia trabalhar lá” (Rapaz de 15 anos).

“A gente tem que caçar um meio de fazer faculdade né, porque ficar aqui não dá. Lá na cidade tem mais oportunidade de trabalhar. Eu quero fazer faculdade de farmácia”. Gosto daqui para passar o final de semana, pra ver os amigos, ir nos forró e também ajudar minha mãe aqui em casa (Moça de 16 anos).

Os pais têm visto cada vez mais distante a possibilidade de reprodução da identidade de agricultor assentado nos filhos, quando vislumbram que esses terão que se deslocar para os centros urbanos. Os filhos constroem uma relação com a escolaridade como uma possível inserção profissional menos penosa que o trabalho que eles presenciam na parcela juntamente com a família e as difíceis condições de vida.

➤ **Projetos de Vida Jovens que Moram, Trabalham e /ou Estudam na Cidade**

Os jovens do Assentamento Poções que moram na cidade para trabalhar e/ou estudar compreende um grupo de sete jovens, sendo cinco homens (71,5 %) e duas mulheres (28,5%) que têm como característica a conclusão do Ensino Médio, ou seja um nível de escolaridade mais alto que o dos estratos anteriores. A representação do trabalho para esses jovens é particularmente importante para se compreender as expectativas e os seus projetos de vida. Os jovens do Poções que moram na cidade mencionaram dentre os fatores que os incentivaram a migrar para a cidade questões relacionadas a infra-estrutura do Assentamento. Fizeram, também, muita referência à falta de políticas públicas voltadas para os jovens assentados, mencionando que não se sentem alvos dessas políticas, principalmente, as voltadas para que os jovens como agricultores, que possibilitariam a construção por parte dos jovens de um futuro profissional no meio rural.

“Os jovens daqui vão embora por falta de oportunidade né, de trabalho né, porque aqui tem dificuldade geral né, estrada, participação do município incentivando, do governo também, porque já tem uns três a quatro anos que não tem um técnico específico pra acompanhar o serviço do pessoal, aí é o seguinte, cada um por si e Deus pra todos né” (Rapaz de 22 anos).

“Aqui no Assentamento falta mais infra-estrutura, mais projeto de emprego pra ficar melhor, mais benefício do governo, escola pra preparar os jovens pra ficar aqui, mais lazer (passeio ciclista, um campo mais adequado), mais recurso pra gerar emprego. Se tiver investimento aqui, o jovem não vai embora” (Rapaz de 18 anos).

Faz-se necessário relatar que as políticas públicas são aqui entendidas como sendo de relevância no diálogo entre o Estado e a sociedade civil. Assim as instâncias dos órgãos dos poderes executivo, legislativo e judiciário, nos níveis federal, estadual e municipal, que encarnam o papel de propositores de tais políticas, deveriam também ser responsáveis por seu acompanhamento e avaliação. No imaginário desses jovens entrevistados está presente a ausência de políticas públicas que realcem a capacidade e a participação política dos mesmos, o que tem contribuído de forma decisiva na migração desses para os centros

urbanos. Isso é o que ficou evidenciado nas entrevistas onde os jovens relataram que nos últimos dois anos, nenhum apoio de instituição financeira foi efetivado.

O relato se basearia no fato de alguns jovens terem tentado um financiamento pela linha do Pronaf jovem. Não obtiveram êxito por ser o Pronaf Jovem uma linha de crédito especial do Plano Safra para a Agricultura Familiar que tem como prioridade atender filhos de agricultores entre 16 e 25 anos, mas que tenham concluído ou estejam cursando o último ano de escolas técnicas.

“Não tem nenhum projeto do governo voltado para o jovem. Tem o Pronaf jovem, mas ele não sai, já brigamos em cima, agora ele apela que nois não tem técnico. O Pronaf jovem sai para fixar o jovem dentro da propriedade. Tem para adquirir de gado, mas o gado hoje não é uma boa opção porque na propriedade do meu pai é pequeno e já tem um gado lá. Tem para apicultura hoje e tem também para aquisição de uma pequena propriedade de terra, parece que é R\$ 42.000,00. Nos já corremos atrás diversas vezes, já olhamos até propriedade pra comprar. Nós podemos juntar um grupinho de seis aí para comprar a propriedade, mas aí chega no banco eles fala: - vocês não têm assistência técnica, não tem técnico pra elaborar, vocês não tem aquilo outro. Então tá faltando interesse de um órgão governamental pra facilitar porque o jovem daqui já desistiu, eu desisti. Meu pai já gastou um tanto com ligação para o superintendente do INCRA. Para nós jovens não ta havendo facilidade não, não é mole não, não tá tendo motivação pra ficarmos aqui. Se eu tivesse renda eu me fixaria aqui e não iria embora. Não vou ficar aí vendo um andando de moto e eu andando de a pé. Eu não progrido, continuo numa vida só, aí não vou ficar, vou pra cidade tentar arrumar uma coisa melhor pra fazer”(Rapaz de 23 anos).

O único jovem desse grupo que se enquadraria no quesito: ter concluído curso técnico, optou em sair do Assentamento Poções por causa da possibilidade de realização profissional. A sua história exemplifica bem o drama passado por uma boa parte dos jovens assentados. Ele acompanhou os pais no processo de conquista da terra e ressalta que, em sua formação escolar, passou muita dificuldade por morar no Assentamento Poções e estudar na cidade em decorrência das péssimas estradas. Concluiu um curso técnico em agricultura e foi trabalhar em um viveiro na cidade de Goiânia - GO. Em sua opinião, a oportunidade de morar em um grande centro lhe abriria a possibilidade de fazer uma graduação em ciências agrárias e, conseqüentemente, ampliaria suas expectativas de inserção social, uma vez que no Assentamento trabalhava de

forma pontual na parcela do seu pai e/ou com terceiros para receber R\$ 20,00 por dia. Permaneceu em Goiânia durante um ano e quando surgiu uma oportunidade de trabalho na ONG que atua no Assentamento Poções, retornou para perto dos pais.

“Eu moro no assentamento desde o início. Final de julho de 1999, quando começou o acampamento mesmo eu já tava junto né, aí eu acompanhei. Eu era pequeno, tinha 13 anos. Acampeí junto com meu pai, minha mãe, todo mundo lá né. Somos pioneiro mesmo lá do assentamento. Eu trabalhava por dia, roçando pasto, lá no assentamento mesmo, na terra do meu pai e para os outros também, pra ganhar um dinheirinho pra dar umas voltas. Aí eu tive uma oportunidade em Goiânia no viveiro de mudas nativas de eucalipto. Foi a primeira oportunidade de serviço pra mim, aí eu fui embora, fiquei lá quase um ano. Aí deu certo de eu voltar pra cá, pra trabalhar junto com o pessoal do projeto água do cerrado” (Rapaz de 23 anos).

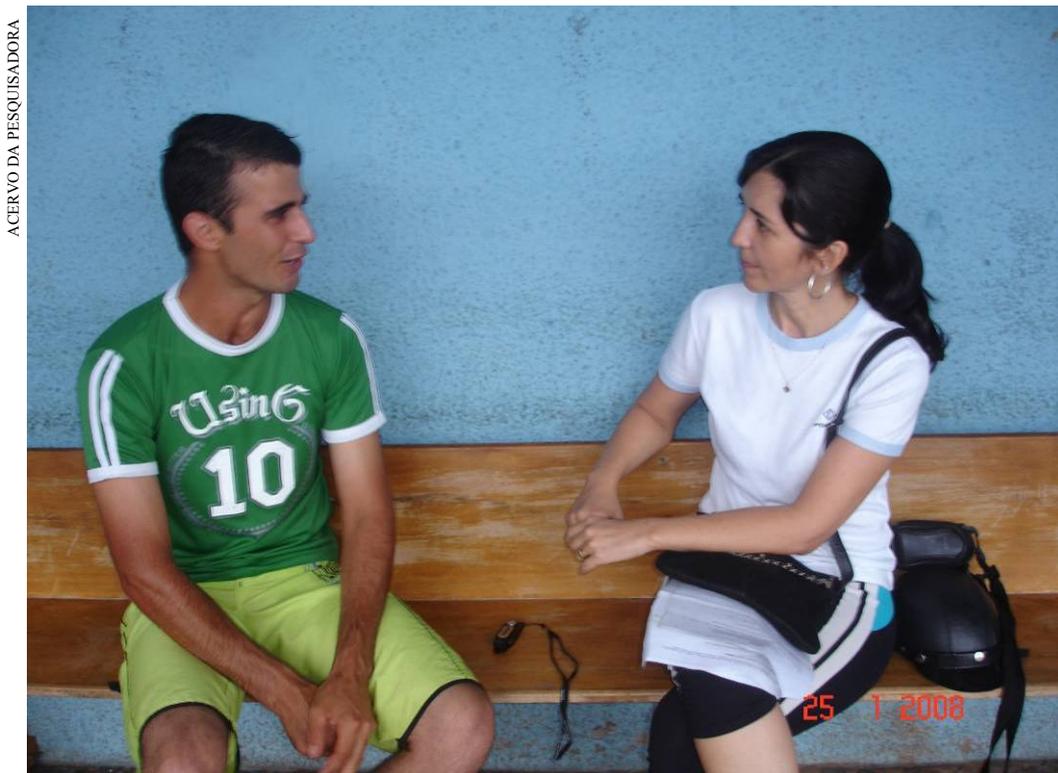


FIGURA 24 – Entrevista realizada com jovem residente na cidade. Foto tirada em janeiro de 2008.

Esse relato assinala que poucos jovens conseguem estudar e trabalhar no município sem ter que sair definitivamente do seu lugar de origem. Os laços de família, bem como a segurança que ela representa e a certeza de estarem num

lugar onde as relações se apresentam como mais solidárias, fazem com que moças e rapazes considerem a possibilidade de ficar. Nesse sentido, observa-se as ambigüidades quanto a permanecerem ou saírem do seu local de origem, uma vez que ao mesmo tempo querem permanecer no campo e almejam a estrutura da cidade. Outros desenvolvem uma dupla vinculação, trabalhando na cidade e, de certa forma, ajudando financeiramente e /ou com orientações técnicas aos pais que permanecem no Assentamento. Essas possibilidades geram oportunidades para projetos no Assentamento ou na cidade. A esse movimento, Silva (1999) chama de projeto de vida *rurbano*.

“Meu pensamento hoje, porque eu tô trabalhando, é que dentro de um ano e meio no máximo eu quero tentar montar uma empresa, alguma coisa pra trabalhar pra mim. Pode ser no assentamento ou fora, mas alguma coisa ligada a zona rural pra mim trabalhar e pra minha família também. Olha o exemplo do meu pai, ele ganha pouco, aí eu quero ajudar, então se eu tô bem a minha família vai ficar também. Hoje tô podendo ajudar pouco, mas mesmo assim ajudo com dinheiro e com algumas informações técnicas” (Rapaz de 23 anos).

Merece destaque nesse ponto que dos sete jovens desse estrato, seis (85,7%) trabalham em atividades não-agrícolas – churrascaria, *lan house*, bar, escritório – e desenvolveram projetos de vida relacionados ao meio urbano. Nesse caso, a cidade passou a se constituir como um centro de serviços e a possibilidade de oferta de progresso e educação, como complemento necessário à vida no meio rural. Acredita-se que, dentre outros fatores, por terem acompanhado e testemunhado as dificuldades encontradas pelos pais e familiares no trabalho diário pela sobrevivência no Assentamento e estarem, ao mesmo tempo, expostos aos atrativos do mundo urbano, divulgados principalmente pelos meios de comunicação de massa, esses jovens não percebem o Assentamento como uma escolha fecunda para a construção de um projeto de vida de transformação das suas atuais condições de existência. Acham que a parcela é pequena e não forneceria uma renda satisfatória para a reprodução social da família.



FIGURA 25 – Restaurante de dois jovens irmãos do Assentamento Poções na cidade de Ceres-GO. Foto tirada em janeiro de 2008.

Todos eles demonstraram interesse em continuarem seus estudos, mas nenhum estava estudando quando ocorreram as entrevistas. As justificativas para essa situação, baseava-se no fato de que o estudo demanda tempo e investimento e, no caso deles, que são oriundos de famílias que vivem da agricultura, pode representar a retirada de parte dos investimentos na agricultura para fazer frente às necessidades dos filhos. Muitas famílias, na tentativa de oferecer mais oportunidades fora do Assentamento Poções para seus filhos, constroem redes sociais que extrapolam o núcleo familiar e podem favorecer o planejamento e o desenvolvimento dos projetos de vida dos jovens. Essas redes diluem as despesas com a moradia na cidade, tanto que todos esses jovens moravam na cidade com avós, tios e irmãos casados.

“Eu vim morar aqui porque meus avós moram sozinhos e pra eles não ficarem sós eu vim pra cá e também porque as condições de lá são difíceis. As estradas são ruins e pra vir pra escola é complicado. A gente tinha que acordar muito cedo pra vir pra escola e não dava certo, a gente ia pra escola e ficava com muito sono. Também porque eu queria arrumar um emprego. A vida na roça é difícil, não dá dinheiro” (Rapaz de 20 anos).

Os jovens cujas famílias podem contribuir de forma mais substancial para que eles estudem na cidade almejam aqueles cursos que lhes favorecerão um futuro menos incerto. O problema é que nas cidades mais próximas (Rialma e Ceres), muitas vezes, por eles não encontrarem cursos os quais gostariam de fazer, acabam optando por cursos oferecidos na região ligados às atividades não-agrícolas. É o caso de três jovens desse estrato que vêm nos cursos de Análise de sistema, Educação Física e Matemática, que são os únicos de uma Universidade Estadual Pública, possibilidades de realização pessoal e, em um futuro próximo, segundo os informantes, poderão melhorar a qualidade de vida dos seus pais.

A maioria dos jovens que mora na cidade (6 = 85,7%) declarou que gostava de morar no Assentamento Poções. A migração para a cidade foi em busca de uma melhor escolarização, de empregos mais bem remunerados e de espaços de lazer, não encontrados no Assentamento. Gostariam, algum dia, de retornar para o Assentamento Poções, porque é onde suas vidas afetivas têm sentido, já que é lá que se fortalecem suas relações de parentesco, familiares e de amizade.

“Eu gosto de tá no meio das pessoas do Assentamento. Tenho meus amigos, é um lugar calmo e tranquilo. Eu vou no Assentamento quase todos os dias pra ver meus pais, é pertinho, eu vou de moto. Só moro na cidade porque aqui tem mais oportunidade de trabalho e estudo. Pra eu morar lá no assentamento depende da forma de trabalho, porque hoje em dia você trabalha mais com a cabeça, igual, eu já tenho uma lan house e pra mim ir pra lá fica mais difícil” (Rapaz de 20 anos).

“Eu gosto de ficar no assentamento. Parece que a gente tá em casa né. É o lugar da gente né. Eu tenho amizade com todo mundo lá, eu conheço tudo lá, aí eu já conheço o pessoal, aí a gente sente falta né. A gente quer tá junto com eles né” (Rapaz de 23 anos).



FIGURA 26 – *Lan House* de um jovem do Assentamento Poções na cidade de Rialma – GO. Foto tirada em janeiro de 2005.

Para os jovens que permanecem no Assentamento Poções, as experiências propiciadas pelos jovens que já saíram do Assentamento fazem aflorar alguns conflitos em relação à decisão de ir ou ficar. Nesse processo o pêndulo oscila, constantemente, arrastando as representações construídas, seja visando questionar o vivido e sair, seja para justificar a permanência, pelas dificuldades de migrar. Até porque os jovens olham para o Assentamento Poções de lugares sociais e trajetórias de vida diferentes. Desse estrato, a maioria dos jovens (6 = 85,7%) possui uma visão do Assentamento Poções como o lugar ideal para se morar e que a não permanência está ligada a realização profissional. Uma jovem no entanto, demonstrou um total desinteresse pela parcela, o que se expressou na sua fala e nos seus interesses profissionais futuros.

“Eu não quero nem saber de morar no assentamento muito menos de herdar aquilo lá. Se um dia eu não tiver meus pais eu vou deixar aquilo lá de lado. Não quero nem ver! Meu pai queria que eu gostasse de lá e um dia tomasse conta de lá, mas eu não quero, não gosto de lá. Meu pai mora e trabalha no assentamento, minha mãe mora aqui porque ela toma conta do bar. Meu pai vem aqui todos os dias trazer leite e ajuda minha mãe um pouco na cozinha.

Ele vem de moto, mas logo volta porque tem que cuidar das vaquinhas dele. Minha mãe, de vez em quando, vai lá, mas eu nunca vou pra lá. Não gosto de lá, porque lá é ruim e a gente acostuma né. Eu trabalho aqui com minha mãe no bar, ajudo ela. Tenho minha motinha que ajuda muito a sair pra rua e comprar as coisas pra minha mãe. Eu queria arrumar um bom emprego, mas eles exigem experiência e eu não tenho. Se eu não conseguir fazer faculdade de direito, quero fazer um curso técnico na escola Agrotécnica Federal de Ceres, porque um amigo meu falou que se eu tiver um curso técnico ele arruma um emprego pra mim na usina, mas a minha vontade é de fazer direito mesmo, porque é um curso que dá mais base para concurso. Se eu tivesse condições eu queria montar meu próprio negócio, mas não tenho dinheiro. Vou tentar conseguir uma bolsa de estudo para fazer direito. Há um ano atrás eu passei em psicologia em Rubiataba (GO), não quis fazer porque não é o curso que quero e também porque não tinha condições de pagar a faculdade e ônibus todos os dias para ir pra lá” (Moça de 19 anos).



FIGURA 27 – Bar localizado na cidade de Rialma-GO onde uma jovem do Assentamento Poções de 19 anos ajuda sua mãe que é a proprietária. Foto tirada em novembro de 2007.

O que se infere com esses depoimentos é que a falta de melhores oportunidades de educação, trabalho e lazer ajuda a empurrar os jovens do Assentamento Poções para fora da sua localidade, fazendo com que olhem para a cidade como um espaço capaz de responder às suas necessidades. Algumas pesquisas

(BENEVENUTO, 2003; FROSSARD, 2003; CARNEIRO, 2005) sugerem que a saída do campo passa a ser vista, por alguns jovens filhos de agricultores familiares, como a melhor opção para melhoria de vida e concretização de seus projetos para o futuro, negando assim a reprodução do modelo social vivido pelos seus pais.

É necessário assinalar a importância da família e sua condição socioeconômica para a realização dos projetos de vida dos jovens, principalmente, porque em torno de cada família se estabelece uma rede de relações sociais e econômicas que pode vir a garantir o sucesso esperado. A família se torna um espaço fundamental para a realização dos indivíduos que irá depender muito dos recursos sociais e financeiros e das relações sociais que cada uma delas possui e que possam ser utilizados pelas gerações mais jovens.

4.3 O Processo Sucessório no Assentamento Poções

No Assentamento Poções, as diferentes trajetórias dos jovens influem nos processos sucessórios. O valor simbólico da perspectiva de um filho(a) vir a ser responsável e futuro proprietário(a) da parcela e a preparação do próximo sucessor dentro deste contexto, também é influenciado por outros desejos, expressos nos discursos ambíguos dos pais, marcados pela possibilidade dos filhos virem a ter um futuro menos “penoso”.

“Eu quero que meus filhos vai pra fora daqui, porque aqui não tem futuro pra eles, porque fora, eles trabalhando, pode ajudar nois também”. (Assentada de 35 anos).

“Eu nem sei falar o que eu penso pra eles, falar pra eles vir pra cá e não ganhar dinheiro é difícil porque lá na cidade, eles ganha até bom. Antes eles trabalhava muito na roça e agora na cidade é mais tranqüilo, já acostumou com outro serviço, acho que nem consegue mais trabalhar aqui, eles até manda dinheiro pra ajudar nois aqui” (Assentado de 46 anos).

Também, a maioria dos jovens (22 = 91,6%) demonstrou uma imagem de desinteresse pelo “trabalho na roça”. Mas apesar dessas diferenças, a conquista

da terra foi fortemente valorizada pelos jovens entrevistados, mesmo por aqueles que moravam e trabalhavam e/ou estudavam na cidade.

“Me considero um assentado, porque meus pais são de lá né (...) Não tenho vergonha! E sou um assentado. Acho que foi uma boa meus pais terem conseguido a terrinha deles. Gosto muito de lá, mas tenho que dar um jeito de ganhar uma grana. Acho que aqui na cidade é mais fácil”(Rapaz de 20 anos).

“Eu me considero um assentado porque eu fico aqui na cidade, mas todo endereço que dou é do Assentamento Poções. Eu não tenho vergonha de falar que eu sou um ex sem-terra né. Eu tenho orgulho, nunca escondi que sou um assentado. Não tem jeito de esconder, todo jeito as pessoas descobrem” (Rapaz de 23 anos).

Por conseguinte, a valorização do trabalho e da escola, fora do Assentamento e dentro de condições de reprodução social desiguais, aliada às trajetórias familiares na luta pela conquista e manutenção da terra, gerou diferentes percepções e relações com a terra. Porém, não foi percebida, inicialmente, uma preocupação direta sobre as questões relativas à herança e a relação com a parcela e com a sucessão apresentou muitas variações.

Mesmo alguns filhos demonstrando que gostavam de algumas atividades e do próprio Assentamento e, embora atuassem diretamente na parcela, não pretendiam assumi-la no futuro e foram enfáticos quanto a isso. Contraditoriamente, afirmaram, também, que se fosse necessário, não teriam dificuldades em fazê-lo, prevendo um possível retorno futuro em função da sucessão. Somente uma jovem mulher de 15 anos demonstrou que se interessava diretamente em assumir a parcela.

“Eu não tenho vontade de ficar aqui e nem de um dia assumir isso aqui. Meus pais tem vontade que eu fico aqui,mas eles falam que o melhor é lá na cidade porque aqui não tem futuro, não tem como você preparar para vestibular” Se um dia tivesse que assumir as atividades da propriedade nenhum teria condição de assumir, mas se fosse que assumir, tinha que ser eu né, porque ela é nova, é mulher também, eu não gosto das atividades daqui,mas eu gosto de morar aqui” (Rapaz de 16 anos).

“Eu gosto de morar aqui.Mais pra frente eu quero ir pra cidade,.Eu acho que é melhor na cidade que tem mais desenvolvimento, você tem mais cultura. Aqui, por agora, eu acho ótimo, mas, mais pra frente, eu queria ir para um lugar que tivesse mais desenvolvimento,aqui não tem como crescer. Se

houvesse necessidade de assumir as atividades daqui eu assumiria sem problema nenhum, mas eu prefiro outra coisa” (Moça de 16 anos).

“Eu e minha irmã tem condição de assumir isso aqui um dia. Meu pai nunca falou o que quer que a gente faz, ele acha que a gente que tem que escolher o que é melhor pra nós” (Rapaz de 20 anos).

“Eu pretendo arrumar outra coisa fora daqui. Depois que terminar de arrumar tudo aqui, vou deixar só meu pai morando aqui né, porque aqui não dá pra gerar renda pra todo mundo” (Moça de 17 anos).

Interessante é que 95,8% dos jovens entrevistados não gostariam que os pais desfizessem da parcela e todas as 30 famílias entrevistadas eram capazes de apontar um possível sucessor, mesmo que a herança fosse destinada a mais de um filho. Os pais não demonstraram restrições, em seus discursos, no tocante a quem deveria assumir a parcela, se seria o rapaz ou a moça, mas deixavam transparecer que os rapazes estavam mais bem preparados para isso.

“As meninas pensa em estudar e procurar trabalho fora do assentamento porque na cidade tem mais oportunidade e é melhor remunerado. O menino tá mais acostumado a ajudar nós no dia-a-dia”(Assentado de 42 anos).

“E acho que o filho tem mais condição de assumir os serviços aqui por causa da resistência física. A menina é mais frágil. Eu não gostaria que meus filhos ficassem aqui um dia, porque a vida de roça é bom ,mas na cidade eles tem mais chance de ter alguma coisa na vida, mas eles podem sobressair aqui na roça também”(Assentada de 40 anos).

“Nós não preocupamos em tá falando com elas sobre o futuro da propriedade porque elas já vem vendo, sentindo que elas precisam de cuidar disso aqui se um dia a gente faltar, porque isso aqui é delas né. Isso aqui nós não vamos vender, é pra elas, para o futuro delas, ninguém vai pôr a mão aqui” (Assentada de 42 anos).

“Eu acho que o menino tem mais condição de assumir isso aqui porque ele gosta demais disso aqui, eu dou uma enxada pra ele e ele me ajuda muito” (Assentado de 48 anos).

“A menina tem mais condição de assumir os trabalhos aqui, porque ela identifica mais, ela chega aqui, as plantas ta seca, ela vai molhar as plantas, ela aparta as vacas, ela monta nos cavalos. Agora ele não, o negócio dele é outras coisas. A menina já até pensou em vender o seu comércio e comprar um lote aqui” (Assentado de 62 anos).

O notório é que a herança e a sucessão ainda não estavam definidas para as famílias entrevistadas do Assentamento Poções e conversar sobre esse assunto

gerava um certo desconforto para os envolvidos. Assim, foi percebida uma grande variação de desejos, interesses e relação com a parcela, mas ficou evidenciada a inexistência de preparativos de um sucessor por parte das famílias do Assentamento Poções, uma vez que os jovens entrevistados não demonstram encontrar motivações para continuar no Assentamento Poções, para dar prosseguimento ao que foi conquistado por seus pais, vendo a parcela como um local tranquilo no qual desejam manter como um refúgio para as férias e finais de semana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se nesta pesquisa compreender como se constrói e se implementam os projetos de vida dos jovens (rapazes e moças) residentes no Assentamento Poções, no município de Rialma GO. Para tanto, buscou-se identificar o campo de possibilidade que esses jovens têm para a implementação de seus projetos, em um contexto de mobilidade entre o rural e o urbano. Os jovens do Assentamento transitam por diferentes realidades e investem em seus projetos de vida visando uma ascensão social, o que eles denominam de “mudar a sua condição de vida”.

Nota-se que a forma como os jovens do Assentamento Poções percebem o campo e a cidade se fundamenta principalmente na comparação entre os campos de possibilidades diferenciados abertos por estes espaços sociais. A cidade é vista como contendo a possibilidade de ampliação da ascensão social, em decorrência de fornecer mais oportunidades de trabalho. A cidade também é valorizada por possibilitar o acesso a formas de lazer que os fazem ter a oportunidade de vivenciar as mesmas experiências que os jovens da cidade, estando, assim, em sintonia com os valores de seu tempo. Inclusive, estudar na cidade tem esta conotação positiva. É uma oportunidade de ampliação dos horizontes culturais de que dispõem no meio rural, de estar em contato com as novidades do mundo, de conhecer pessoas diferentes e poder também fazer parte do mundo em toda a sua amplitude de possibilidades. Percebe-se, assim, que o contado que eles têm com os valores culturais e com os modos de vida da sede do município, por questões

de trabalho, estudo, lazer, dentre outros, indica que essas relações lhes são muito importantes. Contudo, não são necessariamente as possibilidades de lazer, cultura, informação e mesmo estudo, que determinam a opção por deixar o assentamento, mas, antes, a condição socioeconômica da família e as oportunidades de trabalho no meio rural. Os jovens que mais rapidamente optam por sair são aqueles que vão para a cidade estudar. Esses não querem voltar para o assentamento. Entre os que moram com os pais no assentamento e vão diariamente estudar na cidade a perspectiva de voltar para o assentamento já não é tão remota. E entre os que já trabalham para terceiro a possibilidade de ficar é ainda menos remota.

Os questionamentos, as expectativas e as reivindicações que surgem das representações dos jovens vão ao encontro com os problemas estruturais do Poções. Dificuldades essas que podem ser representadas pela falta de infraestrutura, pela ausência de políticas públicas voltadas especificamente para os jovens e pela falta de oportunidades para o exercício de atividades produtivas e/ou profissionais, que propiciem independência econômica no Assentamento. Essas condições empurram os jovens a construírem seus projetos fora do Poções, seja numa atitude definitiva, seja como complemento das atividades realizadas nas unidades produtivas.

Muitos jovens do Assentamento Poções recusam a condição de agricultor. Dentre as razões, está o fato de terem vivenciado as dificuldades encontradas pelos pais e familiares no trabalho diário pela sobrevivência no Assentamento. Ainda, por não serem remunerados, nem terem o seu trabalho reconhecido como trabalho pelo pai, mas, antes, visto como ajuda, leva-os a acirrar o movimento em direção à cidade em busca de oportunidades de trabalho ou mesmo de acesso a níveis superiores de educação.

Esses aspectos, também, deixam os jovens do Assentamento Poções desmotivados a darem continuidade ao que foi conquistado pelos seus pais. Foi observado que o diálogo sobre a herança e sucessão não era franco. Existia certo

tabu sobre o assunto, mesmo não sendo conflituosa a relação de herança da terra. Esse debate nunca surgiu de forma espontânea durante as conversas informais e sim sempre foi introduzido pela pesquisadora e quando perguntados de forma mais direta sobre quem cuidaria do lote quando o pai ou a mãe não pudessem mais, os filhos não sabiam responder ou se sentiam constrangidos em conversar sobre esse tema. Uma das possíveis explicações para essa postura é o desinteresse pela terra como patrimônio produtivo pela maioria dos jovens, embora permanecesse o valor afetivo e de lazer da terra para a família e ainda a percepção do valor que a parcela possuía, caso fosse vendida.

O valor afetivo e de lazer da terra para os jovens fica bem evidenciado uma vez que são unânimes em afirmar que o Assentamento é um lugar que oferece uma boa qualidade de vida representada em seus imaginários de um lugar tranquilo, harmonioso, sem conflito, amante da natureza e da paz, os vizinhos, os amigos e principalmente a família. O fato é que mesmo entre os jovens que desejam se deslocar para a cidade, é presente o sentimento de não ausentar definitivamente da localidade de origem. Vão para a cidade porque querem algo diferente, para não terem que ficar, casar e viver da maneira como os pais vivem, sem conhecer ou ter experiências “diferentes” na vida. As jovens demonstravam ainda mais predisposição para saírem do Assentamento Poções, por se sentirem mais prejudicadas no espaço rural devido à sobrecarga e natureza do trabalho na parcela.

Destaca-se dentre os projetos de vida dos jovens do Assentamento Poções o trabalho como um meio para alcançar a “liberdade”. O trabalho, em muitos casos, possibilita, também, a continuidade dos estudos e a “mudança de vida”. Todo o processo, porém, não está desvinculado daquilo que se passa na família, pois é justamente neste espaço que muitas estratégias são elaboradas. A possibilidade de concretização de seus projetos de vida depende muito das trajetórias de vida de cada família, pois em torno dela há uma rede de relações sociais e econômicas, que incentivam, garantem emprego, renda e escolarização, podendo abrir novos caminhos para serem trilhados por esses jovens.

A família influencia na dimensão sociocultural, no espaço que os jovens têm para a formulação e implementação de seus projetos de vida, pois ficou evidenciado que os jovens entrevistados que pertenciam a um grupo familiar com uma base socioeconômica mais ampla recebiam estímulo para tentar concretizar seus projetos de vida fora do assentamento. Essa valorização dos estudos os qualifica a uma releitura dos moldes das gerações passadas, levando-os a pensarem em construir uma história diferente de seus pais, seja no Assentamento ou em outra localidade. Acreditam que o investimento nos estudos pode garantir-lhes um futuro melhor para si e para família e os ajudariam a trilhar um caminho diferente de seus pais, superando as limitações para se inserirem no mercado de trabalho e, ainda, os qualificariam para ajudarem os pais na manutenção do lote.

Já, aqueles jovens cuja família não dispõe de um patrimônio familiar ou de uma rede social de apoio na cidade, suas escolhas estarão permeadas pelas possibilidades ditadas pelo lugar de origem. Na maioria das vezes, esses jovens demonstram falta de perspectiva, desinteresse pelo estudo e, sobretudo, falta de motivação para elaborar seu projeto individual. O estudo fica em segundo plano, a prioridade centra-se no trabalho com os pais no lote ou para terceiros dentro do próprio Assentamento. Para esses, o lote representa uma conquista e, nesse sentido, buscam garantir um futuro melhor para si, para seus pais e para a manutenção do lote. Afirmam que só depois de concretizarem esse projeto familiar é que vão investir na elaboração de projetos individuais.

Na leitura dos jovens, o direito de pensar em outros projetos de vida, mesmo que eles representem uma ruptura com as formas tradicionais de viver no Assentamento só foi possível em decorrência da conquista da terra pelos pais. A “saída” do Assentamento Poções representa uma estratégia para buscarem a solução dos problemas vividos pela família, sendo vista, neste sentido, como uma solução e não como um problema.

Ficou evidente que os jovens do Poções direcionam seus projetos de vida em consonância com o campo de possibilidades disponibilizado por sua família, mas

não pelo envolvimento em atividades coletivas de caráter político. Talvez essa postura seja em decorrência da organização política do Assentamento (FETAEG), que possui características de trabalhos individuais e menos participativos. Apesar disso, há de se questionar a ausência de políticas públicas para o desenvolvimento de Poções específicas para seus jovens, que realcem a capacidade e a participação política dos mesmos. Políticas essas contemporâneas ao seu tempo, que tenham presente as discussões de raça, gênero, sexualidades, geração de renda e emprego, combate a fome e desenvolvimento. Isso porque ficou evidente que os jovens do Poções são participativos, reflexivos, têm uma postura crítica e não aceitam passivamente as normativas sociais, mas não são engajados politicamente e possuem pouco envolvimento em atividades coletivas.

Acredita-se que essa organização política do Assentamento, juntamente com a ação da ONG que atua no campo da saúde, possa ter contribuído para que na construção de seus projetos de vida imperasse uma lógica construída a partir de uma perspectiva pessoal e familiar, mas não coletiva, como ocorre normalmente com qualquer jovem urbano. Não houve a percepção de investimento em um direcionamento formativo para o jovem no sentido do seu comprometimento em permanecer no assentamento.

O processo de pesquisa reforçou que a luta pelas condições materiais e sociais de que se dispõem o Assentamento Poções para a construção do projeto de vida dos jovens passa pela valorização do pequeno produtor com a garantia de crédito, assistência técnica, luz, água, estradas, escola/educação, condições dignas de comercialização etc. Essas condições se revestem de grande importância no processo de socialização desses jovens e devem ser valorizadas nas iniciativas e projetos implementados pelas entidades governamentais ou mesmo pelas organizações não-governamentais. Isso dinamiza a vida social rural e dão melhores condições para os jovens a fazerem escolhas no tocante a seus projetos de vida dentro ou fora do Assentamento Poções.

Percebe-se por tudo que foi levantado nestas considerações finais que há um leque enorme de possibilidades de pesquisas efetivas a serem desenvolvidas junto aos jovens do Assentamento Poções que possam vir a ser contempladas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar. FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- AGENCIARURAL. Gerência de Informática. **Histórico**. Disponível em: <[http://www.agenciarural.gov.br/site/site/site/index.php? pagina=historico](http://www.agenciarural.gov.br/site/site/site/index.php?pagina=historico)> Acesso em 23 ago.2007.
- ABRAMOVAY, Ricardo et alli. **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.
- ANDRADE, Nair Leal. **Histórias e histórias da CANG**. Goiânia: KELPS, 1990.
- ARANHA, Benedito da Silva. **Eu vi Ceres nascer. A saga do bandeirante Bernardo Sayão**. Ceres, Goiás: João Batista Alves Filho, 2001. 224p.
- ARENSBERG, C.M.; KIMBALL, S.T. **Familiy and Community in Ireland**. Cambridge, Massachuset t s: Harvard University Press, 1968.
- ARIÉS, Philippe. **A história social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo horizonte: UFMG, 2005.
- BECKER. H. S. **Problemas de inferência e Prova na Observação participante**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BENEVENUTO, Mônica Aparecida Del Rio. **Aparência e estilo como elementos de análise das expressões de juventude do Assentamento rural de Casas Altas – RJ**. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)

e Sociais) Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

BERGAMASCO, Sônia. M. P. P.; NORDER, Luís. A. C. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 87 p. (Coleção Primeiros Passos, 301).

BLACK, J.A., CHAMPION, D.J. **Methods and issues in social research**. New York: John Wiley & Sons, 1976. 445 p.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Pierre. Celibat et condition paysanne. In: **Etudes Rurales**, n.5/6, abril/setembro. Paris: Études Rurales, 5- 6, pp. 32- 109, 1962.

BRASIL . Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Balanco 2003 a 2005**. Disponível em <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: 28. mar. 2007.

BRASIL (2004). Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). **Pronaf (2004)**. Disponível em: <www.mda.gov.br>. Acesso em: 04 abril 2007.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: Projetos e valores. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO. Pedro P. Mortoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. **O ideal rurano**: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA, S.F.C; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (orgs). Mundo Rural e política: ensaios interdisciplinares. Ed. Campus/Pronex, 1999.

_____. **Ruralidades**: novas identidades em construção, Estudos – Sociedade e Agricultura, UFRRJ, n° 11 out. 1998.

CASTELLS, Manuel, **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Elisa Guaraná de. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. In: WOORTMANN, Ellen F.; HEREDIA, Beatriz; MENASHEELLEN, Renata (orgs.). **Margarida Alves**: coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília: NEAD, 2006.

CIAMPA, A.C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**, 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

COELHO, Alonso Nunes. Juventude e Políticas Públicas. In: **Revista Mundo Jovem**, São Paulo, Outubro 2003.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT) **Juventude da roça: resistindo e semeando, a vida recriando.** Disponível em: <http://www.cpt.org.br/?system=news&action=read&id=197&eid=135>. Acesso em 10 jan.2007.

Da MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERRANTE, V.L.S.B. (Coord.) et al. **Assentamentos de trabalhadores rurais: a construção de um novo modo de vida em um campo de possibilidades e diversidades.** Araraquara, Unesp, 1998. (Relatório CNPq/Nupedor/1996-98).

FORTES, M. Introduction. In: Goody, J. (org) **The Developmental Cycle in Domestic Groups**. Londres: Cambridge University Press, 1969.

FROSSARD, Antonio Carlos. **Identidade do Jovem Rural Confrontando com Estereótipos de Jeca Tatu: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. Lisboa (Portugal), 2003.** Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências e Tecnologias da Educação) - Universidade Nova de Lisboa.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Questões metodológicas para análise das famílias nas Pnads.** Campinas, mimeo., 1999.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HAMMERSLEY, M. Introduction: reflexivity and naturalism in ethnography. In: _____. (Ed.) **The ethnography of schooling**. Chester: Bemrose, 1984.

HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio e CINTRÃO, Rosângela (coordenadores). **Impactos regionais da reforma agrária no Brasil.** Estudos, Sociedade e Agricultura, nº 18, abr. 2002, p. 73-111. Disponível em: <www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=25&titulo=Artigo+do+Mês> .Acesso em 14/02/2008.

IBGE (2006) **Síntese de indicadores sociais 2006.** Disponível em: <www.ibge.gov.br/ibgeteen>. Acesso em: 21.dez.2007.

IBGE (1996). **Censo agropecuário: 1995/1996**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>. Acesso em: 04 abril 2007.

IBGE (2000). **Censo demográfico de 2000**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>. Acesso em: 04 abril 2007.

KEHL, M. R. A Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MARTINS, José de Souza. **O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária**. Porto Alegre : UFRGS, 2003.

MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de. **História dos Movimentos Sociais no Campo**. Rio de Janeiro: Fase, 1989.

MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de; LEITE, Sergio (orgs.) **Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MOREIRA, Roberto José. **Natureza, ciência e saberes I: Identidade social e técnico agropecuário**. Curso de Atualização para os técnicos da ATES. Convênio CPDA/REDES – NEAD/INCRA. Março, 2005.

MOURA. M. M. **Os Herdeiros da Terra**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

O COMEÇO de Tudo. **Revista da ACICER**, Ceres, Goiás, ano 1, n.1, p.5-9, abr. 2000.

PAIM, Eugênia. Imagem da juventude. In: NOVAES, Regina Reys; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo. **Juventude, cultura e cidadania**. Rio de Janeiro: ISER, 2002.

Programa Petrobras Ambiental. Disponível em <<http://www.aguasdocerrado.com.br/relatório/3.html>> Acesso em 05/10/2007.

PROHAN, 2004 – Projeto de Combate à Hanseníase. **Pesquisa sócio-econômica dos assentamentos**. Ceres, maio/2004.

PROHAN, Projeto Hanseníase e Desenvolvimento Comunitário. **O Vale do São Patrício – Cenário Regional**. Disponível em: < www.aguasdocerrado.com.br/saopatricio.htm>. Acesso em: 11. fev. 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no de Ciências Sociais**. São Paulo: T. A Queiroz, 1991.

RODRIGUES, C.M. Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural no Brasil. In: **Cadernos de Ciências & Tecnologia**. Brasília, v.14, n.1, p. 113-154. 1997.

SANTOS, Rosilene Alvim dos. Olhares sobre a juventude. In: NOVAES, Regina Reys; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo. **Juventude, cultura e cidadania**. Rio de Janeiro: ISER, 2002.

SEPLAN/SEPI. **Goiás em dados 2004**. Goiânia: SEPLAN, 2004. Disponível em: <www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 07. mar. 2007

SILVA, José Graziano. **O novo rural brasileiro**. Campinas: IE-Unicamp, 1999.

SPOSITO, Marília & CARRANO, Paulo. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. In: Oscar Dávila León (editor): **Políticas Públicas de Juventude en América Latina**:políticas nacionales. Viña Del Mar: Ediciones CIDPA. Disponible em <http://forumsocialnordestino.org.br/publi/juventude_politica.pdf>. Acesso em 22. ago. 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo (Org). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania, 2005.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview**. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas1987.

VARGAS, Getúlio. – **Discurso pronunciado em Goiânia, 07.08.1940**.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: USP/HUCITEC/Edunb, 1995

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM JOVENS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

Pesquisa: OS JOVENS DO ASSENTAMENTO POÇÕES EM RIALMA-GO E
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA SEUS PROJETOS DE VIDA

- 1- O que significa ser jovem para você?
- 2- Quem aqui no assentamento é considerado como jovem?
- 3- Você gosta de morar no Assentamento? Por quê?
- 4- Está satisfeito vivendo aqui? Por quê?
- 5- O que falta para que aqui seja um lugar melhor para se viver?
- 6- Você já saiu do Assentamento em busca de trabalho ou estudo?
 Sim Não (caso a resposta seja não, vá para a questão 8)
- 7 - Por que você saiu do Assentamento e voltou?
- 8 - Seus pais motivam você a sair do Assentamento? Por quê?
- 9 - Você gostaria de morar em outra localidade ou pretende ficar morando aqui no Assentamento? Por quê?

- 10 - Existe alguma atividade voltada para os jovens (entidades ou associação) aqui no Assentamento?
 Sim Não (caso a resposta seja não, vá para a questão 15)
- 11 – Qual?
- 12 - Você participa dela? Por quê?
- 13 - Você já exerceu algum cargo de liderança em alguma associação do Assentamento?
- 14 - Você dá opiniões, sobre como a associação deve agir?
- 15 - Você tem percebido algum investimento que o governo tem realizado neste Assentamento?
 Sim – Qual? Não
- 16 - Existe alguma política pública do governo voltada especificamente para o jovem do Assentamento?
 Sim – Qual? Não
- 17 - O que o governo deveria investir para oferecer oportunidades de trabalho, cultura e lazer no Assentamento?

- 18 - Você trabalha?
 Sim Não (caso a resposta seja não, vá para a questão 21)
- 19 - Em que?

- 20 - Por que você trabalha nesta atividade?
- 21 - O que você pretende fazer em termos de trabalho?
- 22 - Quais as dificuldades que você encontra de se inserir no mercado de trabalho na cidade?
- 23 - Você acredita que aqui no Assentamento, você terá oportunidades de trabalho que pode garantir seu futuro seguro e tranqüilo?
- 24 - Você se envolve nos projetos que são realizados aqui no assentamento por grupos de profissionais que se preocupam com a melhoria e qualidade de vida da comunidade?
 Sim Não (caso a resposta seja não, vá para a questão 27)
- 25 - Por quê? Qual? Como?
- 26 - Qual a sua opinião sobre esses projetos? Eles oferecem oportunidade de emprego, de aprendizagem, de melhoria para o assentamento? Por quê?
- 27 - Você gosta de trabalhar na agricultura? Por quê?
- 28 - Se trabalha na agricultura, com que idade você começou? Por quê?
- 29 - O que você pretende fazer em termos de trabalho?
- 30 - Você estuda?
- Sim Não (caso a resposta seja não, vá para a questão 39)
- 31 - Por que você estuda?
- 32 - Que série você está cursando?
- 33 - Onde?
- 34 - Como você faz para chegar até a escola?
- 35- Qual a maior dificuldade que você encontra para estudar?
- 36 - Até quando você pretende estudar?
- 37 - Você acredita que os estudos podem garantir um futuro melhor para sua vida futura? Por quê?
- 38 - Que modelo de escola ou educação você idealiza para o Assentamento? Por quê?
- 39 - Quais os seus projetos (sonhos, ideais, perspectivas, planos, expectativas) para o futuro?
- 40- Quais as dificuldades que você encontra para realizar seus projetos futuros?
- 41 - O Assentamento Poções oferece condições para você construir seus projetos futuros? Por quê?
- 42 - Você idealiza construir seus projetos de vida para o futuro fora do assentamento? Por quê?
- 43 - Você acha que a união pode ajudar na construção de seus projetos de vida? Por quê?
- 44 - Seus pais conversam com você sobre o futuro do lote?
- 45 - Como acha que será a divisão de herança?
- 46 - Qual filho indicado para assumir o lote?
- 47 - Você acha que o direito ao lote é um incentivo para você construir seus projetos de vida dentro do Assentamento?
- 48 - Você pretende dar continuidade ao que foi conquistado por seus pais? Por quê?
- 49- Seus pais fazem planos para você?
- 50- Você concorda com esses planos?
- 51- Os seus planos são os mesmos dos seus pais?
- 49 - Quando falamos sobre modernidade, o que você pensa?
- 50 - Aqui no Assentamento tem alguma coisa que pode ser exemplo de modernidade?

51 – Você acha que a vida no Assentamento é considerada atrasada em relação à cidade?

52 - Você percebe discriminação das pessoas por você ser um assentado?

53 - Você tem vergonha de assumir que é um assentado?

54- Você vê diferença entre o jovem rural e o jovem urbano?

55- Você usa *Internet*?

APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS PAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

Pesquisa: OS JOVEM DO ASSENTAMENTO POÇÕES EM RIALMA-GO E O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA SEUS PROJETOS DE VIDA

1- Existe alguma dificuldade para que seu filho(a) estude? Quais?

2- O(a) Senhor(a) acha que o estudo é mais importante para o jovem ou a jovem no Assentamento? Por quê?

3- O(a) Senhor(a) acha que os filhos de assentados precisam de escola? Por quê?

4- Até quando (quantos anos) os filhos de assentados devem estudar? Por quê?

5- O que o(a) Senhor(a) gostaria que a escola ensinasse a seus filhos?

6- O que o(a) Senhor(a) deseja para o futuro de seus filhos?

7- Seus filhos conversam com o(a) Senhor(a) sobre o que eles desejam fazer (planos) no futuro?

8- O que eles dizem?

9- Que profissão o(a) Senhor(a) acha que seus filhos (homens) terão no futuro?

10- Que profissão o(a) Senhor(a) acha que suas filhas (mulheres) terão no futuro?

11-O filho (homem) ou a filha (mulher) tem mais condições de dar continuidade ao que vocês conquistaram e construíram aqui na propriedade? Por quê?

12- O que é necessário para que os jovens permaneçam morando no Assentamento? (Talvez o governo investir em políticas voltadas para o jovem...)

13- Qual deve ser o papel dos jovens neste Assentamento?

14- O que faz o jovem sair do Assentamento?

15- Seu filho(a) se sente motivado em participar em alguma atividade que é realizada pela associação, cooperativa ou pela ONG? Por quê? Qual?

16- O que significa ser jovem pra você?

- 17- Quem é o jovem aqui do assentamento?
- 18- Qual o lugar que vocês acamparam aqui antes de serem assentados?
- 19- Hoje o Assentamento recebe apoio de alguma instituição?
- 20- Quanto tempo você mora aqui?
- 21- Como é feito o deslocamento para a cidade e pra quê?
- 22- Por que do nome Assentamento Poções?
- 23- Como o Assentamento é dividido? Por quê?
- 24- Qual é a distância entre as casas e como elas são?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

Pesquisa: OS JOVENS DO ASSENTAMENTO POÇÕES EM RIALMA-GO E
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA SEUS PROJETOS DE VIDA

1. Identificação do proprietário

1.1 Nome:

1.2 Apelido:

2. Identificação dos Membros da Propriedade

2.1 Número de pessoas que residem na propriedade:

Nome	Idade	Grau de escolaridade

3. Identificação das fontes de renda e atividades produtivas

3.1 Algum membro está aposentado?

() Não () Sim. Quantos? _____

3.2 Qual a ocupação atual do:

Homem:

Mulher:

Filhos:

Outros:

3.3 Atividades desenvolvidas por residentes da propriedade:

Membros da propriedade	Atividades desenvolvidas no campo	Principal atividade desenvolvida no campo
Homem		
Mulher		
Filhos		
Outros		

3.4 Atividades desenvolvidas por residentes fora da propriedade:

Membros da propriedade	Atividade desenvolvidas fora da propriedade (campo)
Homem	
Mulher	
Filhos	
Outros	

3.5 Comercializa algum produto?

() Não () Sim. Qual? _____

3.6 Qual o destino da produção?

3.7 Qual a renda da família nas atividades desenvolvidas:

Na propriedade: _____

Fora da propriedade, na cidade: _____

De aposentadoria e pensões: _____

3.8 Contrata serviços de terceiros?

() Não () Sim. Que tipo de serviço? _____

4. Assistência Técnica e crédito

4.1 O Sr ou Sra. recebe visitas de técnicos na propriedade?

() Não () Sim. Que tipo de assistência? _____
Com qual frequência? _____

4.2 Já utilizou crédito do PRONAF?

() Sim () Não. Porquê? _____

4.3 Qual o tipo de crédito do PRONAF vocês já pegaram? Quem realizou o projeto? Teve assistência para a utilização do crédito?

4.4 O crédito foi utilizado para qual finalidade?